

ANDERSON MUZZOLON

**A TERRITORIALIZAÇÃO LIBANESA  
EM GUARAPUAVA PR.**

**GUARAPUAVA  
2012**



**Anderson Muzzolon    A Territorialização Libanesa em Guarapuava**

**ANDERSON MUZZOLON**

**A TERRITORIALIZAÇÃO LIBANESA EM GUARAPUAVA PR.**

**Guarapuava  
2012**



Muzzolon, Anderson  
M994t A territorialização libanesa em Guarapuava PR / Anderson Muzzolon. –  
– Guarapuava, 2012  
vi, 158 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste,  
Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em  
Dinâmica da Paisagem e dos Espaços Rurais e Urbanos, 2012

Orientador: Nécio Turra Neto  
Banca examinadora: Cecilia Hauresko  
Leonel Brizolla Monastirski

#### Bibliografia

1. Geografia. 2. Territorialização. 3. Libaneses - Guarapuava (PR). 4.  
Imigração. 5. Território. 6. Cultura. 7. Lugar. I. Título. II. Programa de Pós-  
Graduação em Geografia.

CDD 325.1

**ANDERSON MUZZOLON**

**A TERRITORIALIZAÇÃO LIBANESA EM GUARAPUAVA PR.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Geografia (Área de Concentração: Dinâmica da Paisagem e dos Espaços Rurais e Urbanos).

**Orientador:** Prof. Dr. Nécio Turra Neto

**Guarapuava  
2012**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO CEDETEG  
SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS – SEAA/G  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGG



## TERMO DE APROVAÇÃO

ANDERSON MUZZOLON

A TERRITORIALIZAÇÃO LIBANESA EM GUARAPUAVA – PR

Dissertação **APROVADA** em 31/8/2012 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Geografia, na área de concentração Dinâmica da Paisagem e dos Espaços Rurais e Urbanos, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Nécio Turra Neto – presidente  
Professor Assistente da Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof. Dr. Leonel Brizzola Monastirsky  
Professor Adjunto da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Profª. Drª. Cecília Hauresko  
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Anderson Muzzolon

Guarapuava (PR), 31 de agosto de 2012.

Dedico esta dissertação a natureza e suas forças, que se mostra capaz de manter em pulsação todas as formas que se manifestam em nosso mundo, a beleza das pessoas, suas mais variadas manifestações culturais, seus magníficos lugares, seus surpreendentes territórios, enfim ela que faz com que a vida seja tão intrigante, admirável e complexa em relações.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que estiveram envolvidas em minha trajetória de vida, que de uma forma ou de outra contribuíram para a elaboração desta pesquisa, em especial minha família, mãe, irmãos, avós, sobrinhos, minha esposa Nicéia de Oliveira Tacheviski pelo apoio dado nas horas de estudo.

Agradeço aos amigos e amigas de vários lugares, aos colegas de mestrado e de graduação que contribuíram para o desenvolvimento do projeto de pesquisa e depois de sua execução, aos professores do departamento de Geografia da Unicentro que contribuíram com minha formação acadêmica.

Agradeço a sabedoria do professor Nécio Turra Neto, por ter entrado em minha trajetória de busca de entendimento do homem, num momento em que ele pode contribuir de forma significativa para o meu desenvolvimento intelectual, com suas consideração que sempre me desafiam ir mais além do que já fui.

Agradeço a professora Cecila Hauresko, por contribuir na lapidação da dissertação e ao longo do desenvolvimento da pesquisa, também a professora Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes e ao professor Leonel Brizolla Monastirski que fizeram parte desta empreitada.

Agradeço aos libaneses e filhos destes, que ofereceram seus relatos, que serviram de material para as reflexões aqui desenvolvidas. Um agradecimento especial para as famílias Hosni, Omar, Safadi, Kasma, Barakat e Darwich que contribuíram com informações preciosas para a pesquisa.

Agradeço ao pessoal da biblioteca municipal e acervo histórico da Unicentro, pela busca por materiais que vieram a contribuir com a argumentação desenvolvida na pesquisa.

## SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE FOTOS	
LISTA DE MAPAS	
LISTA DE TABELAS	
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1      CONSIDERAÇÕES SOBRE MIGRANTE, CULTURA E TERRITÓRIO</b> .....	16
I. 1 (I)Migração, (I)Migrante e Lugar.....	17
I. 2 A Cultura como Agente Territorializador no Lugar.....	26
I. 3 Do território nacional à flexibilização do conceito.....	29
<b>CAPÍTULO 2      METODOLOGIA</b> .....	36
II. 1 A revolução da linguagem e da ciência.....	36
II. 2 Metodologias científicas.....	40
II. 3 A técnica da entrevista e o acesso ao passado.....	43
II. 4 Entrevistas e levantamentos documentais junto aos Libaneses em Guarapuava.....	48
<b>CAPÍTULO 3      A IMIGRAÇÃO LIBANESA PARA O BRASIL, PARANÁ E GUARAPUAVA</b> .....	51
III. 1 Os libaneses no Brasil.....	52
III. 2 Imigrações Síria e Libanesa no Paraná.....	61
III. 3 Os primeiros libaneses de Guarapuava.....	63
<b>CAPÍTULO 4      DES-RE-TERRITORIALIZAÇÃO LIBANESA E A FORMAÇÃO DO LUGAR: PRODUÇÃO ECONÔMICA E CULTURAL DO ESPAÇO URBANO EM GUARAPUAVA</b> .....	77
IV. 1 A vida no Líbano.....	77
IV. 2 A partida: a busca por um novo lugar.....	82
IV. 3 As relações sociais dos libaneses em Guarapuava.....	89
IV. 4 As relações com os costumes.....	102
IV. 5 Considerações sobre o território dos libaneses e sua influência na construção do lugar.....	110
IV. 5.1 As novas referências culturais: a formação dos sujeitos de lugares.....	112
IV. 5.2 A negociação das identidades, suas relações territoriais e a formação do lugar.....	116

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Propaganda comercial de árabes no jornal O Pharol.....	67
Figura 2 - Representação da religião dos árabes que moram em Guarapuava.....	92
Figura 3- Representação das direções que os filhos de libaneses têm tomado.....	108

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – trajetória descrita pelos libaneses para chegar ao Brasil.....	54
Mapa 2 – Rotas que os libaneses percorriam para comercializar com a região.....	85
Mapa 3 – Representação das áreas de territorialização libanesa nas décadas de 1950-60.....	97
Mapa 4 – Representação das áreas de territorialização libanesa nas décadas de 1970-80.....	97
Mapa 5 – Áreas de territorialização de libaneses e descendentes em 2012.....	99

## LISTA DE FOTOS

Foto 1- Alunos da escola São José no ano de 1930.....	68
Foto 2- Alunos e diretora do educandário Nossa Senhora do Belém em 1958.....	68
Foto 3 – Formação do Síria futebol Clube de Guarapuava, no ano de 1933.....	69
Foto 4- Formação do Guarapuava Esporte Clube em 1946.....	70
Foto 5- Vereadores de Guarapuava no ano de 1924.....	71
Foto 6 – Moedas usadas pela empresa Elias J. Curi – anos 1940 e 1950.....	71
Foto 7- Estabelecimentos de saúde de libaneses em Guarapuava PR, 2012.....	72
Foto 8- Vista aérea de Guarapuava em 1958.....	74
Foto 9- Rua Saldanha Marinho (1919).....	75
Fotos 10 e 11 – Diferentes ramos comerciais, lojas de vestuário e tintas.....	88
Foto 12 e 13 – Edifícios construídos por libaneses em Guarapuava.....	102

## RESUMO

A análise das relações sócio-espaciais ao longo do tempo, constituídas pelo processo de territorialização de grupos culturais na cidade, é uma forma de compreender a dinâmica de produção de parcelas do espaço urbano. Este é o enfoque que procuramos desenvolver em relação aos libaneses e descendentes que moram em Guarapuava, buscando o propósito de reconstruir sua trajetória na cidade e sua contribuição para a consolidação de duas importantes ruas comerciais do centro urbano: as ruas Guáira e Saldanha Marinho. A pesquisa teve como fontes principais documentos diversos, tanto da prefeitura municipal, museu e biblioteca municipal, quanto dos próprios libaneses, e, sobretudo, a memória das várias gerações deste grupo cultural, a qual buscamos acessar por meio de entrevistas. Com isso, a pesquisa procurou preencher uma lacuna nos estudos sobre a cidade de Guarapuava, pela consideração de um grupo negligenciado, até o momento, pela historiografia e geografia.

Palavras chave: Cultura, memória, território, produção do espaço urbano.

## **ABSTRACT**

The analysis of socio-spatial relations over time, formed by the process of territorialization of cultural groups in the city, is one way to understand the dynamics of production of portions of the urban space. This is the approach that we develop in relation to the Lebanese and their descendants living in Guarapuava, the purpose of seeking to rebuild his trajectory in the city and its contribution to the consolidation of two major shopping streets of the city: the streets Guaíra and Saldanha Marinho. The research had as main sources of various documents, both the city hall, museum and public library, and the Lebanese themselves, and especially the memory of several generations of this cultural group, which we seek access through interviews. Thus, the study sought to fill a gap in studies on Guarapuava, by considering a group neglected to date, the historiography and geography.

Keyword: Culture, memory, territory, production of urban space.

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema da territorialização libanesa em Guarapuava foi despertado durante as discussões realizadas na disciplina de Geografia Cultural (Cursada em 2008, como parte da graduação de licenciatura em Geografia, ministrada pelo professor Nécio Turra Neto), quando tive contato com teorias que eram novas para mim e que me mostravam novos caminhos para o entendimento da construção do espaço geográfico, uma vez que até então eu compreendia que a validade da ciência deveria estar obrigatoriamente alicerçada na linguagem matemática.

Além disso, soma-se o fato de que sempre tive interesse pela Geografia Histórica, de forma a entender como os grupos trabalharam ao longo do desenvolvimento da humanidade para organizar os espaços, desde a escala mundial até a local. Assim, consegui ver nos libaneses a oportunidade de estudar uma cultura milenar, que tanto encanta por sua localização e sua história, e que se encontra territorializada em meu lugar de vivência.

Nas discussões sobre o território, lugar, migrante, cultura e metodologias de pesquisa qualitativa, pude avançar em minha busca de compreensão do ser humano enquanto sujeito ativo (embora às vezes inconsciente de sua atividade) que modifica (e é modificado) de forma contínua o seu universo material e imaterial.

Buscamos entender parte da formação do espaço histórico urbano de Guarapuava, partindo do princípio que os discursos que explicam a formação das cidades são incompletos e acabam negligenciando a influência de algumas das culturas que o compõem e compuseram, ao passo que reforçam e salientam outras.

Nesse sentido, a postura em relação aos discursos vigentes deve ser sempre de desconfiança, afinal, como afirma Du Gay (1994, *apud* HALL, 1997, p. 28),

[...] Pressuposições tomadas como dadas em relação à natureza e à essência fixa das coisas estão imediatamente sujeitas a discussão, em qualquer sentido definitivo ou absoluto, se aceitarmos que o significado de qualquer objeto reside não no objeto em si, mas é produto da forma como este objeto é socialmente construído através da linguagem e da representação.

Assim, acreditamos que as formas de explicar o processo de formação espacial da cidade de Guarapuava foram construídas segundo certa perspectiva. Então, a

análise da territorialização sírio libanesa nesse contexto e sua contribuição na produção do seu espaço urbano, bem como os conflitos, os fluxos e as relações dialógicas inerentes a esse processo não se mostram nos discursos que reconstróem a formação da cidade.

No início da pesquisa, algumas ideias que tínhamos foram sendo desconstruídas. Por exemplo, acreditávamos que se tratava de uma migração de sírios e libaneses que se territorializaram aqui, mas com o desenvolvimento da pesquisa e coletas de dados em campo, pudemos perceber que, em Guarapuava, vieram somente libaneses, assim passamos a tratar o tema como imigração libanesa.

A cidade de Guarapuava-Pr é formada por grande diversidade de grupos culturais. Apesar disso, tem-se pouco conhecimento de como estas culturas contribuíram para a concretização desse “mosaico cultural”, que percebemos hoje. A contribuição que cada uma deu, para formar aquilo que se constitui como espaço urbano de Guarapuava, ainda é uma incógnita. No esforço de suprimirmos essa lacuna e contribuirmos com a inserção desse grupo cultural na história da cidade, é que conduzimos nossa pesquisa.

Os lugares são construídos segundo uma enorme quantidade de referências que são trazidos, em parte, pelos movimentos das populações, os quais constituem um dos aspectos marcantes da humanidade, acompanhando-a inseparavelmente desde a pré-história.

As migrações favoreceram encontros entre culturas diferenciadas e, muitas vezes desiguais, encaminhando trocas importantes nos campos da cultura, da economia e da política ao longo dos milênios, além de serem responsáveis pelo desaparecimento e/ou surgimento de grupos culturais, cujos suportes são híbridos, por acolherem traços dos diversos povos com os quais os migrantes entraram em contato.

Nesta pesquisa foram analisadas as trajetórias de experiências de imigrantes libaneses que chegaram à cidade de Guarapuava PR, desde o final do século XIX. Procuramos compreender as ações desses sujeitos na transformação urbana, bem como os conflitos vivenciados com outros grupos locais e mesmo dentro do próprio grupo, pela conquista do espaço e do direito de pertencimento ao lugar.

Para tanto, partimos para a reconstrução do momento da chegada, dos primeiros olhares dos imigrantes sobre o país e a cidade, discutindo a importância que a presença de uma rede prévia de indivíduos, pertencentes a este grupo cultural e

mesmo familiar, teve para sua primeira sociabilização e também de como os libaneses auxiliaram na constituição de importantes ruas comerciais do centro de Guarapuava.

Desse modo, traçamos um quadro da conjuntura socioeconômica e fatores que fizeram essas pessoas do Oriente Médio se deslocar para o Brasil, Paraná e Guarapuava, a época da chegada destes imigrantes, procurando entender de que maneira estes fatores influenciaram na construção da cidade de Guarapuava, o contato com o novo lugar e as territorializações que se deram.

Assim a presente dissertação está estruturada em quatro capítulos, sendo que o primeiro trata da discussão dos principais conceitos que utilizamos para desenvolver a pesquisa, em seguida mostramos a metodologia utilizada e como foi o desenvolvimento da pesquisa. No terceiro capítulo, mostramos como foi a imigração libanesa para o Brasil, Paraná, Guarapuava. No quarto capítulo, mostramos as análises das entrevistas e nosso entendimento de como se deu a territorialização libanesa em Guarapuava, neste mesmo capítulo, buscamos fazer uma articulação entre a base conceitual que direcionou nosso trabalho e os resultados e informações produzidos em campo, durante o processo de pesquisa.

## CAPÍTULO 1

### CONSIDERAÇÕES SOBRE MIGRANTE, CULTURA E TERRITÓRIO.

Falar do tema imigração nos remete a consideração de uma série de questões que exigem certo tratamento conceitual, pois estamos lidando com um processo que é amplamente discutido nas Ciências Sociais e que dispõe de vasta bibliografia. Certamente, não demos conta de tudo, mas procuramos conhecer alguns dos trabalhos mais significativos sobre a imigração síria libanesa para o Brasil.

Além do debate em torno do conceito de imigração, consideramos que o conceito de território ganha relevância em nossa pesquisa, pois nos oferece abordagens bastante pertinentes para o entendimento das relações entre os imigrantes e os grupos que vieram antes e se territorializaram em Guarapuava, a partir de outras trajetórias de (i)migração. Assim, buscamos compreender a relação de poder entre dois grupos de moradores, os “estabelecidos e *outsiders*”, segundo a perspectiva de Elias e Scotson (2000).

A abordagem é cultural, uma vez que delimitamos o grupo a ser estudado segundo referências a pertencimentos nacionais e étnicos e buscaremos entender diálogos e conflitos interculturais, de modo que não poderíamos nos furtar de apresentar um entendimento nosso deste conceito tão polissêmico. Além disso, trabalharemos com o conceito de lugar, considerando que o grupo migrante contribui para a sua constituição no processo mesmo de territorializar-se, pois tem uma trajetória histórica que se conecta a outras já presentes no lugar e, junto com estas, constituem o lugar e sua multiplicidade de relações.

Nesse sentido, estruturamos o presente capítulo em três partes, sendo que na primeira, abordamos o conceito de migrante e suas múltiplas referências a diferentes lugares; na seqüência, discutimos a cultura como agente territorializador; e, por fim, buscamos mostrar as variações que o conceito de território teve ao longo do tempo e suas possibilidades de aplicação dentro de nosso estudo.

## **1.1 (I) Migração, (I) Migrante e Lugar.**

São múltiplos os fatores sociais, econômicos, políticos e religiosos que, historicamente, tem conduzido parcelas significativas dos povos do Oriente Médio, particularmente sírios e libaneses, a abandonar seus territórios para emigrar a outros países. Entre tantos destinos, o Brasil tem sido, desde muito cedo, um dos mais importantes lugares de assentamento dessa corrente migratória internacional.

Lesser (2001, p. 92) afirma que, “ao contrário das levas de imigrantes italianos, espanhóis e portugueses, tão ativamente buscadas pelos que tentavam mudar a composição social do Brasil, os sírios e libaneses vieram por conta própria, e sem alarde”.

Compreender os fatores que fizeram com que esse fenômeno ocorresse é fundamental, para o entendimento das diversas trajetórias históricas que se encontraram no lugar e que fizeram constituir as situações específicas em cada período. Para tanto, buscamos compreender os significados do conceito migrante. Cabe-nos perguntar que fatores fizeram essas pessoas saírem de seus locais de vida – se desterritorializarem -, para se reterritorializarem nas mais variadas regiões do mundo.

Segundo Soares (2004, p.101), os principais estudos referentes às migrações internacionais “tem se concentrado sobre três tópicos principais: (a) as causas de fluxos populacionais dessa natureza; (b) os determinantes que a eles, fluxos, conferem estabilidade/continuidade; (c) a adaptação dos migrantes à sociedade de destino”.

De maneira geral, as teorias clássicas que tratam das migrações apoiaram-se, principalmente, em análises macroeconômicas, dando ênfase, sobretudo, a esta dimensão, em detrimento dos fatores políticos e culturais. Assim, fez-se necessário, nos últimos anos, estudar e tentar elaborar uma concepção mais ampla e multifacetada dos processos migratórios (PEIXOTO, 2004).

Desse modo, compreendemos que, um dos impactos do desenvolvimento econômico na sociedade, dados os desníveis de produtividade e a concentração de recursos em certos espaços, os novos mercados, a distribuição dos recursos humanos,

explicam em parte porque as pessoas migram, quando se trata de uma análise econômica.

Outro fator que deve ser considerado no caso de migrações são as guerras, a repressão, falta de liberdade que, em algumas regiões, fazem com que haja deslocamentos de pessoas de um lugar para outro, logicamente que em muitos casos estes fatores vêm em conjunto, nunca sendo apenas um o condicionante para que se tome a decisão de emigrar.

Mas, também, compreendemos a importância dos estudos micro sociológicos, que apresentam como ponto comum, no fundamental, o privilégio analítico ao papel do agente individual. Em outras palavras, por muitas que sejam as condicionantes externas à sua decisão - trate-se de um contexto econômico, ou do contexto social de ação - é a racionalidade individual que, no limite, conjuga (diferenciadamente) estas envolventes e promove a decisão de mobilidade (PEIXOTO, 2004).

Decisão esta que não é simples de ser entendida, uma vez que, mesmo que o indivíduo sofra pressões para migrar, este tem um leque enorme de possibilidades de destino, sendo que fará opção por aquela que considera mais adequada à sua trajetória de vida e ao seu desenvolvimento pessoal. E, ao mesmo tempo, envolve uma série de ambiguidades, como pretendemos demonstrar adiante.

Hoje, podemos conectar nossas vidas à de milhares de indivíduos, que vivem a centenas de quilômetros, em sociedades e lugares radicalmente distintos dos nossos. Podemos alimentar forças contraditórias e as necessidades que nos inspiram e nos atormentam são, na maior parte das vezes, bastante ambíguas: nosso desejo de nos enraizarmos em um passado social e pessoal coerente e estável e nosso insaciável desejo de crescimento, de engajamento, de conexão; não apenas o crescimento econômico, mas o crescimento em experiência, em conhecimento, em prazer, em sensibilidade; crescimento que tende a deslocar-nos das paisagens físicas e sociais do nosso passado e nossos vínculos emocionais com esses “mundos perdidos” e, ao mesmo tempo, reconstruir novas relações. Tal é o emaranhado de sentimentos que acompanham os migrantes, desde a decisão de mudar, até a territorialização no novo destino e que compõe muito do imaginário que existe sobre essas figuras “sem lugar” – ou “entre lugares”, como argumenta Goetttert (2010).

Os migrantes de todos os tempos evocam diversas imagens. A partida, a viagem, o trajeto e a chegada a uma nova terra, onde se constrói um fio e uma trajetória que nos inquieta. Perguntamo-nos por que migraram, quem deixaram, o que

mudou em suas vidas, como essas pessoas constroem seus novos locais de vivência, levando em consideração que estes fatores de referências são inesgotáveis em quantidade e qualidade, tornando qualquer trabalho sobre migração complexo.

Apesar de reconhecermos a importância da decisão individual, temos que o processo migratório é, marcadamente, uma ação coletiva, na qual estão presentes variados condicionantes, que levam o indivíduo a emigrar de sua terra natal em busca de novas terras. Conexões são estabelecidas entre lugares de partida e chegada, que se relacionam através de redes sociais, envolvendo uma teia de contatos, cujos sonhos e projetos de vida são imaginados, realizados ou frustrados. Essas redes sociais de migrantes, que envolvem a circulação de informações e de pessoas, requisitam estruturas e instituições, que agem no sentido de viabilizar a empreitada da migração e proporcionar melhor adaptação para o imigrante no novo lugar.

Considerando essas múltiplas relações e possibilidades, passamos a analisar a figura do migrante, que constituiu e constrói os espaços onde vivemos durante toda nossa história até o presente.

Para Goetttert (2010, p. 15), o migrante pode ser entendido como

Aquele que parte e aquele que chega, sendo, no movimento da migração e entre lugares, mesmo/outro, simultaneamente. Mais que um sujeito *atopos*, o migrante é um ser de lugares e por isso o paradoxo: pode estar em um lugar no instante mesmo em que se sente pertencente a muitos outros, ou, contrariamente, pode “não estar”, quando uma profunda melancolia e “psicose” torna-o um “entrelugar” metafísico, em desençaixe aos lugares formais (a nação, a cidade, o bairro...) ou aos lugares arrumados de um passado ainda apenas existentes na memória de quem lembra. Migrante é um ser que está e não está ao mesmo tempo.

Os pares dialéticos (se assim podemos chamá-los) estabilidade/instabilidade, fixidez/movimento parecem estar sempre presentes na vida do migrante, aquilo que se acredita como valores e verdades imutáveis hoje, pode não ter sentido em determinado espaço de tempo. Aqui e agora, num sentido modernista de Berman (1986), “tudo que é sólido se desmancha no ar”, tomam o centro.

Mas afinal o podemos chamar de fixo ou estável? Num universo em que os fatos se dão de forma não linear nem em ciclos, mas em espiral e, portanto, nunca se dá de forma igual no espaço e no tempo, um estado de mudanças marca a vida dessas pessoas e suas relações. Tudo é provisório para o migrante, até a própria condição de provisoriedade. Os tempos e lugares são provisórios, os amigos, o trabalho, a casa,

tudo pode ser ou tornar-se provisório, até o momento em que a territorialização aconteça, o tempo transcorra e a própria condição de migrante também passe e o sujeito torna-se “do lugar”. Em alguns casos, contudo, esta territorialização nunca chega a acontecer.

Assim, Haesbaert (2009, p. 246) considera o

[...] migrante uma categoria muito complexa e no seu extremo, podemos dizer que há tantos tipos de migrantes quanto de indivíduos ou grupos sociais envolvidos nos processos migratórios. Com isto, falar genericamente em migração pode tornar-se temerário – somos sempre obrigados a qualificá-la. Assim como os processos de des-territorialização podem ser multidimensionalmente caracterizados, o mesmo ocorre com as migrações, com a importante constatação de que também se trata de processos internamente diversificados.

Neste sentido, Simmel (1983) vê a singularidade da figura do estrangeiro em seu espaço psíquico, no campo social e simbólico, como expressão de duas diferenças e/ou contrários; ao mesmo tempo está à margem de uma sociedade que o acolhe (não pertencendo a ela, uma vez que sua relação com esta começa quando o migrante entra em contato com seu novo local de vivência), por outro lado, a figura social em questão sente e se instala na sociedade de acolhida (fazendo parte dela, construindo-a juntamente com os indivíduos que o acolheram, mas de forma que sempre será considerado como um de fora).

Assim, o estrangeiro vive na fronteira entre o antigo e o novo. Nessa fronteira, solidariedades, integrações, raízes, direitos, vínculos comunitários são substituídos, alterados, redefinidos. Desse modo, o estrangeiro não possui uma dimensão de fronteira física, pois tem múltiplas referências e participa de múltiplos lugares, mas sim, uma dimensão simbólico-social, na qual nunca deixará por completo os fatores que fizeram parte de sua vivência. Esses referenciais o acompanharão a todo momento em que viver no seu novo lugar, onde será considerado imigrante, talvez por muito e muito tempo ainda.

Para Simmel (1983, p. 182)

O fenômeno do estrangeiro revela que as relações espaciais são, de um lado, apenas a condição, e de outro, o símbolo, de relações humanas. É desse modo que se discute o estrangeiro aqui e não no sentido em que muitas vezes foi tratado, como o que chega hoje e parte amanhã, porém mais no sentido de uma pessoa que chega hoje e amanhã fica. Este é, por assim dizer, o viajante potencial: embora não tenha partido, ainda não superou completamente a liberdade de

ir e vir. Fixou-se em um grupo espacial particular, ou em um grupo cujos limites são semelhantes aos limites espaciais. Mas sua limitação ao grupo é determinada, essencialmente, pelo fato de não ter pertencido a ele desde o começo, pelo fato de ter introduzido qualidades que não se originaram nem poderiam se originar no próprio grupo

Desse modo, concordamos que, há diferenças entre o estrangeiro (imigrante) e o viajante, o primeiro é aquele que chega e não vai embora. Logo, não é um mero viajante, uma vez que cria novas relações com o lugar que escolheu para se estabelecer, é influenciado e influencia esse espaço, atua de uma forma ou de outra no grupo onde se estabeleceu. Os estrangeiros são um elemento próprio do grupo que, de um lado, são pertencentes a ele e tem uma posição de membros, por outro lado, estão fora dele e o confrontam, uma vez que não fazem parte do grupo desde o seu início.

O imigrante libanês escolheu os locais onde viver, essa liberdade se deu por todo o território nacional, em função deles não se articularem em colônias “fechadas” como outros grupos, mas terem que ir buscar seu desenvolvimento econômico, na área comercial onde lhes fosse possível trabalhar nessa atividade. Além disso os libaneses possuíam um grau de escolaridade elevado (normalmente o equivalente ao ensino médio) e conheciam pelo menos três idiomas (o árabe, o francês ou inglês e agora o português), isso fazia com que eles tivessem um diferencial no trato com os nativos do lugar.

Quanto à posição econômica em que os libaneses se inseriram de modo geral, foi como comerciante, considerando-se que a economia era essencialmente auto-suficiente, ou seus produtos são trocados dentro de um grupo espacialmente reduzido, nessa condição o comerciante é requerido para fazer a ligação entre essas pessoas, uma vez que a economia seja algo fechado, uma vez que a terra seja dividida e que se estabeleça a mão de obra que satisfaça a demanda, o comerciante pode achar aí seu meio de subsistência. Pois o comércio – que sozinho possibilita combinações ilimitadas e no qual a inteligência sempre encontra meios de expansão e novos territórios – é um empreendimento muito difícil para o produtor original, com sua pouca mobilidade e sua dependência de um círculo de consumidores, que só pode aumentar lentamente.

Assim o migrante libanês teve maior facilidade de atuar nessa dimensão mercantil do capitalismo, assim os migrantes sírios e libaneses, que pretendemos

analisar, se inserem no horizonte do consumo exótico<sup>1</sup>, auxilia na obtenção da mais valia para o capital, na medida em que também é um ator de comércio e consumo de produtos, expande a economia monetária e faz circular o dinheiro, é uma atividade onde as possibilidades de desenvolvimento estão abertas para as pessoas que queiram trabalhar com elas.

Logicamente que, a atividade que o migrante irá desenvolver depende bastante das possibilidades abertas, de interesse das pessoas e dos grupos que os acolherem e que devem levar em consideração as atividades que eram desenvolvidas em seus países de origem, pois toda pessoa possui uma bagagem cultural, que pode ou não fazer parte de sua vivência no lugar que ele escolhe para seguir sua trajetória de vida.

Haesbaert (2009, p. 249) afirma que “é indispensável destacar que esta entidade abstrata denominada ‘migrante’ é, na verdade, um somatório das mais diversas condições sociais e identidades étnico-culturais”.

O lugar vai com o sujeito, na sua cultura e pode permanecer forte referência, ainda mais se o migrante mantiver laços com a terra natal, seja de parentesco, seja de amizades, os quais o estimulam a constantes retornos.

Ao transportar consigo estes valores, o estrangeiro se apresenta como produtor e expressão da crise da cultura na modernidade. O espírito calculista, a substituição de valores em direção a dimensão quantitativa, ao cálculo, a intelectualização, a precisão e ao reino do dinheiro, favorecem o surgimento e a expressão diferenciada do sentido da vida e seu modo de expressão.

Nesse sentido, Simmel (1983, p. 186) afirma que,

Em relação ao estrangeiro, assim me parece, esta constelação tem uma preponderância fundamental e extraordinária sobre os elementos individuais que são exclusivos daquela relação em particular. O estrangeiro está próximo na medida que sentimos traços comuns de natureza social. Está distante na medida em que estes traços comuns se estendem para além dele ou para além de nós, e nos ligam apenas porque ligam muitíssimas pessoas.

O estrangeiro é um elemento do grupo, mesmo que não se veja como um, ou que não seja visto como parte dele pelos demais membros do grupo. Ele não partilha tanto hábitos, costumes e ideias com o grupo e, sendo assim, também não partilha

---

<sup>1</sup> Trata-se de mercadoria que as pessoas do lugar e região não tinham acesso no dia-dia, tendo que se deslocar aos centros urbanos mais próximos, que as vezes ficavam a mais de 50 quilômetros de distância.

certos preconceitos do grupo e não se sente forçado a agir como um dos membros. Os laços que os unem são muitas vezes mais frouxos do que aqueles que unem os outros membros que ali estão desde o seu nascimento.

Verificamos que o migrante, com suas multireferências culturais, constrói múltiplos territórios, dando uma complexidade inesgotável aos espaços onde atuaram e atuam, entretecendo histórias – de homens/mulheres e lugares.

Assim, para entrar no conceito de lugar, poderíamos começar perguntando: qual seria a identidade de lugares com grande presença de migrantes? Haveria uma identidade única, ou se trataria de uma identidade múltipla e, até mesmo, contraditória e conflitante? Compreender a construção desses lugares e dos discursos sobre eles ganha importância atualmente, pois, segundo Abreu (1998, p. 05), “a valorização do passado das cidades [em busca de heranças que lhe confirmam uma identidade perdida e que pode ser recuperada] é uma característica comum às sociedades do fim do século XX”.

Diante de um mundo em intensa transformação, algumas forças políticas localizadas, procuram resguardar o patrimônio da cidade, como símbolos fortes da memória. Esta forma de “invenção” de ícones culturais é criticada pelo referido autor, como apenas uma forma de exploração do capitalismo. Massey (2000) também critica essas ações, que buscam preservar a identidade do lugar diante de um mundo em mutação, considerando tais medidas como pautadas numa visão conservadora do lugar.

Assim ao estudarmos os discursos que constroem os lugares podemos pensar como Nietzsche (1999) que afirma “‘morrer pela verdade’. – Não nos deixaríamos queimar nossas opiniões: não estamos tão seguros delas. Mas, talvez, por podermos ter nossas opiniões e podermos mudá-las”, pois podemos ser simplesmente reprodutores de discursos criados, para firmar certos ideais de grupos dominantes.

Ainda nesse sentido, Massey (2000, p.178) faz alguns questionamentos sobre nossa visão do lugar: “Não podemos repensar nosso sentido de lugar? Não é possível que o sentido do lugar seja progressista? Não fechado e defensivo, mas voltado para fora? Um sentido de lugar que se adapte a essa era de compressão do tempo e espaço?” Então, os lugares e as territorialidades que se manifestam no espaço podem ser considerados como manifestações de múltiplas trajetórias e referências dos indivíduos que se encontram e entram em relação num ponto específico do aqui e agora, mas cujas dinâmicas remetem a escalas variadas de espaço e tempo.

Assim, Massey (2000) nos mostra que, diferentes indivíduos e grupos sociais estão situados de forma muito distintas com relação aos fluxos e interconexões globais, ou seja, participam de forma bastante desigual dos processos de globalização, cada qual territorializando-se conforme suas possibilidades dentro do capitalismo.

Desse modo o lugar dos libaneses se mostra como sendo construído de forma aberta, num sentido de integração com a sociedade local, longe dos ideais de auto afirmação de grupo como sendo superior a outros, mas no sentido de auxiliar a construção desses espaços sabendo da existência de múltiplas trajetórias e em concílio com elas.

Segundo Elias e Scotson (2000, p. 165),

As pessoas estabelecem relações quando negociam, trabalham, rezam ou se divertem juntas, e essas relações podem ou não ser altamente especializadas e organizadas. Mas elas também estabelecem relações quando “moram juntas no mesmo lugar”, quando constroem seus lares num mesmo local. As interdependências que se estabelecem entre elas como criadoras de lares, no quais dormem, comem e criam suas famílias, são especificamente comunitárias. Em essência, as comunidades são organizações de criadores de lares, são unidades residenciais com bairro urbanos, os vilarejos, as aldeias, os conjuntos habitacionais ou os grupos de barracas e acampamentos.

Para entender como os lugares são construídos segundo estas perspectivas, devemos levar em consideração a definição do conceito de situação, pois, para Coulon (1995, p.41), “o indivíduo age em função do ambiente que percebe, da situação a que deve fazer frente. Pode definir cada situação de sua vida social por intermédio de suas atividades anteriores, que o informam sobre esse ambiente e lhe permitem interpretá-lo”. Assim, os espaços também são construídos, material e simbolicamente, segundo a percepção e entendimento de universo que cada pessoa tem, a qual é construída em relações sociais de grupo.

Sabemos que a sociedade se encontra sobre um espaço, materializando seus territórios nesse espaço. Segundo Haesbaert, (2009, p. 20), a “Sociedade e espaço social são dimensões gêmeas. Não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem, ao mesmo tempo, inseri-los num determinado contexto geográfico ‘territorial’,” trata-se assim de uma dialética entre grupos sociais e o espaço, na qual ambos se influenciam mutuamente, o espaço é historicamente produzido.

Nesse contexto, os estudos referentes às variadas manifestações culturais, que formaram o espaço (urbano que é nosso foco) de hoje e de tempos passados, tornam-se pertinentes, não para advogar o fechamento de lugares a um mundo de relações, mas para entender os espaços locais, tal como Massey (2000), como produzidos, desde sempre, em múltiplas articulações com uma série de outras localidades.

Coulon (1995, p.38), ao analisar o caso da imigração polonesa para os Estados Unidos, mostra-nos como o migrante atua na reconstrução do lugar aonde chega. Segundo ele,

O processo de reorganização é dificilmente seguido pelo indivíduo, isso ocorre porque ele exige que se desfaça dos vínculos antigos para fazer outros novos, na medida em que a adaptação não é nunca um simples mimetismo, mas antes uma mestiçagem ativa, o que existe é a construção de uma nova identidade.

A reorganização assume uma forma mista e passa pela constituição de uma sociedade polonesa-americana, ou seja, que já não é completamente polonesa, nem ainda inteiramente americana, mas constitui uma promessa de assimilação de gerações futuras.

Haesbaert (2009, p. 105) afirma que o espaço pode ser visto

Em processo, um permanente “tornar-se” [...] se algo existe, é apenas enquanto confluência interrupção e coagulação de fluxos. Em consequência, não há “última instância” ou estrutura primeira, solidez e fluidez nunca estão separadas, a permanência é um efeito espacial da fluidez. Por isso, o espaço é, antes de tudo, um processo, uma espacialização.

Para Massey (2000), o lugar pode ser entendido como *locus* de encontro de várias redes de relações sociais, complexas trajetórias que, juntas, contribuem para a sua construção.

Assim, as manifestações urbanas devem ser desvendadas segundo um olhar que possa explicar como os agentes passados e presentes moldaram o lugar, contribuindo para que possamos entender os motivos que o fizeram da forma como é hoje, buscando compreender como, além dos fatores econômicos, a cultura de cada grupo agiu nesse movimento de produzir e reproduzir o lugar, enquanto espaço de encontro de múltiplas trajetórias em processo (MASSEY, 2000).

## 1.2 A Cultura como Agente Territorializador no Lugar.

Compreendemos que o ser humano, por mais que queira buscar e, até mesmo, forjar elementos que o façam pertencer a um grupo, tentando suplantar o discurso de outros, é moldado, não somente segundo a sua perspectiva, mas também pela perspectiva do diferente, ocorrendo assim uma mudança, ora maior ora menor, dependendo do grau de conservadorismo presente em cada grupo. Logo, podemos afirmar que a cultura é uma dimensão dinâmica da realidade social e em permanente processo de negociação.

Segundo Maia (1999, p.14), “o projeto de identidade é, pois, múltiplo: a identidade de uma mesma pessoa ou grupo é produzida simultaneamente em muitos locais de ação e ambientes de conhecimento, por agentes diversos e para diferentes propósitos”. Desse modo, o processo de formação de identidades culturais encontra-se disperso em muitos lugares e é de diferentes naturezas. Estas referências emergem não somente da luta em um local, mas de um processo complexo de relações que as pessoas tem com outros locais, enfim, relações globais que se manifestam nos lugares, quando se criam as fronteiras territoriais geradoras de conflitos entre grupos auto afirmadores, que elegem determinados fatores como seus e deixam outros de fora.

No debate sobre a cultura, Santos (1993, p. 40) afirma que existe um processo de constante negociação entre, de um lado, as “culturas globais (consumismo, Hollywood, *disco sound*, *fast food*, cultura comercial, *mass media* globais); [e] do outro, as culturas locais (movimentos comunitários indigenistas, afirmações de direitos ancestrais de língua e culturas marginalizadas)”, que para Massey (2000), quando estas culturas mais locais fecham-se sobre si mesmas, seria uma visão conservadora do lugar.

Assim, Santos (2006) nos mostra que essas múltiplas referências se territorializam no lugar, que é o tempo-espço da coexistência da diversidade, ou das múltiplas temporalidades históricas, que compartilham a situação.

Nesse sentido, seria difícil pensar na cultura de um lugar, como uma unidade, visto que no lugar encontram-se múltiplas referências, que servem de base para a criação de diferentes territorialidades. Ou seja, ao mesmo tempo que as culturas de indivíduos e grupos sociais não podem ser circunscritas a lugares, como ser resultado de processos internalizados e isolados de conexões, também nos lugares coexiste uma maior ou menor (dependendo do lugar) diversidade de culturas. De modo que o

conceito de território, na abordagem geográfica da cultura, permite abarcar essa diversidade presente no lugar. Assim, compreender a cultura torna-se pertinente ao entendimento dos processos constituintes de territórios nos lugares.

Como se percebe, nesta abordagem que estamos tentando construir, o conceito de lugar é mais amplo que o de território, no que se refere à escala de abrangência, visto que o lugar comporta múltiplos territórios. Contudo, num outro sentido e numa outra escala, podemos dizer que os territórios (se pensados como rede de conexões de uma trama territorial tecida na cidade, por exemplo) abarcam uma série de lugares. Mas, estes lugares formadores da trama territorial à escala da cidade possuem dimensão diferente (menor) do que o lugar enquanto espaço de coexistência de múltiplos territórios. De toda forma, com estes conceitos, esperamos dispor de um quadro de referência pelo qual possamos compreender as coexistências, negociações e conflitos de diversas culturas formadoras dos lugares.

McDowell (1999, p. 161) define a cultura como sendo:

Um conjunto de idéias, hábitos e crenças que dá forma às ações das pessoas e sua produção de artefatos materiais, incluindo a paisagem e o ambiente construídos. A cultura é socialmente determinada. Idéias culturais são expressas nas vidas de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses conjuntos de idéias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e espaço.

Trata-se, em realidade, de se penetrar nos mundos de significados que reafirmam a diversidade de interpretações atribuídas à existência humana, inclusive à sua espacialidade. A imaginação re-elabora, metaforicamente, tudo aquilo que os sentidos capturam, criando e recriando significados, que enriquecem a compreensão a respeito da existência humana e a tornam complexa.

Nessa perspectiva, os discursos sobre o passado, sobre o presente e as projeções de futuro - que envolvem sentimentos como angústia, nostalgia e esperanças - apresentam-se como importantes plataformas para a construção (e mesmo imposição) e manutenção de identidades culturais vinculadas a lugares e, como tais, são objeto de contestação, negociação entre os vários grupos que os compõem.

Assim, não há uma identidade única para o lugar, visto que formado por diversas culturas (assim trabalhamos o conceito de território, como negociação do espaço – no lugar – pois este ajuda a ver esta diversidade), que são um campo de negociação, uma luta em torno dos significados.

Logo, a dimensão da política está no centro da constituição do lugar, das identidades ou das culturas, pois sempre se trata de negociação entre diferentes posições, ou diferentes discursos. Nesse sentido, temos sempre algo em processo, tendo o conflito como motor (o lugar e a cultura nunca estariam prontos).

Nesse mesmo sentido, Claval (2002, p. 37) destaca que:

O enfoque cultural se recusa a considerar a natureza, a sociedade, a cultura, o espaço como realidades prontas, dados que se imporiam aos homens como do exterior. Julga que o mundo é mais complexo. Para mostrá-lo, parte dos indivíduos e se debruça nas suas experiências. O que lhe importa é compreender o sentido que as pessoas dão a sua existência.

Assim, o migrante pode ser compreendido como o indivíduo que tem uma experiência particular, aquela do “entre lugar” (atua em mais de um lugar), sendo um sujeito de múltiplas relações espaciais, cuja presença também contribui para tornar os novos lugares de territorialização mais complexos e plurais.

Santos (1993, p. 31) destaca que, “as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação”, mesmo as que são aparentemente sólidas estão em constante processo de construção, ao longo da história.

Desse modo, concordamos com Berman (1986, p. 11), quando afirma que

A experiência ambiental da modernidade anula as fronteiras geográfica e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia.

A vida moderna tem sido alimentada por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e reestrutura os antigos. Também os territórios e as culturas encontram-se nesse movimento de constante remodelagem, ou, nos termos de Haesbaert (2004), em constante des-territorialização.

Assim, compreendemos a espacialização/territorialização de determinado grupo cultural como um processo dinâmico, estando em constante transformação, modelando e remodelando o lugar, a partir das relações socioespaciais em que se insere a cada momento.

A análise da territorialização de grupos culturais, materializada nos espaços, remete-nos a consideração das suas relações socioespaciais, marcadas por fluxos, interações, conflitos e acordos. Tal processo dá-se no contexto de lugares em constante negociação, de onde vemos emergir diferentes territórios. Passemos então, agora, à definição deste outro importante conceito, com o qual pretendemos fazer a leitura da territorialização da cultura libanesa em Guarapuava.

Compreender o significado do termo território e suas variáveis torna-se importante para o geógrafo que queira desvendar esses espaços construídos por múltiplas trajetórias, as quais estão em constante negociação umas com as outras.

### **1.3 Do território nacional à flexibilização do conceito.**

O conceito de território, para a Geografia, passou por uma verdadeira metamorfose, desde os primeiros estudos geográficos, desenvolvidos por Ratzel na Alemanha de fins do século XIX, até hoje.

Há palavras que tem o dom da mobilidade e, assim sendo, viajam de seus nichos de origem, tornando-se migrantes, ou ciganas, sem paradeiro fixo. Assim, podem mudar de sentidos ao longo do desenvolvimento da linguagem do homem (MESQUITA, 1998).

Para Mesquita (1998, p. 68), o termo território seria uma dessas palavras ciganas. Seu significado original provém do latim “*terra*” (terra) e “*torium*” (pertencente a), “que foi originalmente aplicado aos distritos que circundavam uma cidade e sobre as quais tinham jurisdição. Aplicado inicialmente nas cidades da Grécia Clássica, reaparece ao descrever as jurisdições das cidades medievais italianas”.

Assim, o território surge na tradicional Geografia Política, como o espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos), que é apropriado, ocupado por um grupo social. Nessa perspectiva, a ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas estaria irremediavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (SOUZA, 2001).

Para Ratzel, o Estado Nação era o único território possível, sendo que este estaria vinculado ao solo, ou seja ao substrato físico que dá condições para que um povo consiga ampliar seus domínios e, conseqüentemente, garantir sua sobrevivência e ininterrupto desenvolvimento.

Souza (2001) nos mostra que, a partir deste uso clássico, o território esteve por muito tempo vinculado ao Estado Nação (ao mesmo tempo escala e sujeito de territorialização). Normalmente, o debate tinha como pano de fundo a disputa de poder no plano mundial, as conquistas coloniais e imperialistas.

Contestando este engessamento do conceito de território, Souza (2001) argumenta que o Estado não é o único sujeito de territorialização, nem que o território acontece apenas na escala da nação. Territórios acontecem nas mais variadas escalas, podendo ser desde as relações sociais, que ocorrem em uma esquina, até o nível de organização entre nações.

Além disso, Souza (2001) identifica a possibilidade de mobilidade do território, pois, à medida que os grupos que fazem um território existir se movimentam, este também se move; as fronteiras ou barreiras não são fixas, estão constantemente sendo moldadas. As territorialidades podem ser cíclicas, uma vez que um mesmo espaço pode ser objeto de apropriação de diferentes grupos em tempos (e formas) diferentes, como dia/noite, por exemplo.

Mesquita (1998, p. 70), numa perspectiva fenomenológica, destaca que

A retomada de atenção sobre o território e a territorialidade vivida, tem se referido, sobretudo aos pequenos territórios, os das comunidades e das coletividades locais, os territórios dos cotidianos vividos, dos “pays”, território centrado, de fraca extensão, que constitui primeiro uma realidade relacional para a coletividade que o habita [...] chegando até a raiz terra do território, tem-se que “tudo é território”: Um ambiente profissional pode ser um território, a moto pode ser um território, etc., e bem entendido, um povoado, um bairro, uma nação, uma província...

Além das novas possibilidades oferecidas por Souza (2001) para conceituarmos território, flexibilizando o conceito, o autor também aventa a possibilidade de pensarmos a existência de territórios descontínuos, ou seja, territórios configurados pela articulação de pontos dispersos, como redes, que fazem suas conexões, e que, muitas vezes, se sobrepõem a outros territórios, coexistindo naquilo que Haesbaert (2009) chamaria de “múltiplos territórios”. Desse modo, automaticamente, quando se deixa de fazer parte de uma territorialidade, entra-se em

outra, ou melhor, não vivemos apenas em um território, podemos participar de vários ao mesmo tempo, sendo um mito dizer que estamos vivendo em uma época de desterritorialização. Essa experiência de vivenciarmos ao mesmo tempo territórios diferentes, pelo pertencimento que temos a diferentes grupos, pelas nossas deambulações pela cidade, ou por nossas conexões em diversas escalas é chamada por Haesbaert (2004; 2009) de “multiterritorialidade”.

Haesbaert (2009) afirma que, podemos trabalhar com o território segundo o controle de áreas, por meio de relações de poder, acessos a essas áreas e territórios em redes, onde os múltiplos fatores externos e internos podem influenciar na sua geometria.

Para Haesbaert (2009, p. 79),

Hoje, poderíamos afirmar a “experiência integrada” do espaço (mas nunca “total”, como na antiga conjunção íntima entre espaço econômico, político e cultural num espaço contínuo e relativamente bem delimitado) é possível somente se estivermos articulados (em rede) através das múltiplas escalas, que muitas vezes se estendem do local ao global. Não há território sem uma estruturação em rede que conecta diferentes pontos e áreas. [...] o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural.

Dessa forma, o que vemos é que o conceito de território passou por uma grande ampliação, de modo que veio a contribuir para o melhor entendimento dos processos globais que vem atuando na escala do lugar e as contribuições das territorializações locais, construindo o global.

Em termos sintéticos, Souza (2001, p. 78) define o território como [...] “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” e ainda complementa, “[...] o território é essencialmente um instrumento de exercício de poder: *quem domina ou influência quem nesse espaço, e como?*”. Portanto, para haver um território, precisamos que haja pessoas formando um grupo e, conseqüentemente, relações sociais de poder, que atuam sobre um determinado espaço.

Nessa linha, Haesbaert (2007, p. 21) afirma que, o território “em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico de apropriação.” Assim, ele pode ser tanto um

instrumento de exercício do poder de dominação, como de apropriação subjetiva que depende das referências culturais de cada indivíduo.

Assim Haesbaert (2009, p. 78) afirma que,

O território, de qualquer forma, define-se antes de tudo, com referência as relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) e ao contexto histórico em que está inserido [...] é imprescindível, portanto, que contextualizemos historicamente o “território” com o qual estamos trabalhando. Se nossa leitura for integradora, o território respondendo pelo conjunto de nossas experiências ou, em outras palavras, relações de domínio e apropriação, no/com/através do espaço, os elementos-chave responsáveis por essas relações diferem consideravelmente ao longo do tempo.

Nestes processos de negociação, é importante destacar que, todo poder necessita de uma legitimação, ou seja, um discurso que faça com que os componentes de um grupo o aceitem como verdadeiro e, portanto, aceitem o discurso de quem o propôs. Isso aponta para o fato de que o território, mais que um espaço apropriado e controlado por um grupo cultural é, ele próprio uma construção cultural, visto que depende de uma elaboração simbólica, por meio do discurso, para tornar-se uma referência legítima, compartilhada e aceita pelo grupo.

Sobre a dinâmica do território, Souza (2001, p. 88) afirma que, “os limites tendem a ser instáveis, com áreas de influência deslizando por sobre o espaço”. Nessa situação, as demarcações nem sempre são fáceis de serem identificadas, a instabilidade é uma constante durante toda a história dos territórios.

Haesbaert (2009, p. 97) afirma que, “uma das propostas mais interessantes é aquela que coloca a possibilidade, hoje, da construção de territórios no e pelo movimento, ‘territórios-rede’ descontínuos e sobrepostos”, tornando essa abordagem possível de ser aplicada em vários estudos.

O território, além de ter uma história e apresentar uma dinâmica, ele pode ser constituído pelo próprio movimento das pessoas pelo espaço, conectando pontos em rede. Um movimento que, pela sua repetição, produz delimitação e controle do acesso, não necessariamente aos pontos, mas à própria rede que os conecta. Pelo que parece, estes autores acabaram de vez com qualquer pretensão de relacionar território com espaço fixo, com algo pronto e acabado, ainda que a fixidez e a permanência não sejam estranhas a muitos territórios e territorialidades.

Nesse sentido Haesbaert (2007, p. 20) nos mostra que

Geograficamente falando, não há desterritorialização sem reterritorialização pelo simples fato de que o homem é um “animal territorial”. O que existe de fato é um movimento complexo de territorialização, que inclui a vivência concomitante de diversos territórios, configurando uma multiterritorialidade, ou mesmo a construção de uma territorialização no e pelo movimento [...] é na dimensão mais propriamente social da desterritorialização, tão pouco enfatizada que o termo teria melhor aplicação, pois quem de fato perde o “controle” e/ou a “segurança” sobre/em seus territórios são os mais destituídos, aqueles que se encontram mais “desterritorializados” ou, em termos mais rigorosos, mais precariamente territorializados.

Assim, Haesbaert (2007, p. 19) nos mostra que,

A multiterritorialidade aparece como uma alternativa conceitual dentro de um processo denominado como “desterritorialização”. Muito mais do que perdendo ou destruindo nossos territórios, ou melhor, nossos processos de territorialização (para enfatizar a ação, a dinâmica), estamos na maior parte das vezes vivenciando a intensificação e complexificação de um processo de (re)territorialização muito mais múltiplo, “multiterritorial”.

A territorialidade pode ser vista como concepção mais ampla que o território. Assim, a todo o território corresponderia uma territorialidade, mas nem toda territorialidade teria, necessariamente, um território. Territorialidade pode ser entendida tanto como uma propriedade de territórios efetivamente construídos, quanto como “condição” (teórica) para sua existência (HAESBAERT, 2007).

Para Haesbaert (2007, p. 21)

Poderíamos falar em dois grandes “tipos ideais” ou referências “extremas” frente às quais podemos investigar o território: um mais funcional, priorizado na maior parte das abordagens, e outro, mais simbólico, que vem se impondo em importância nos últimos tempos. Enquanto “tipos ideais” eles nunca se manifestam em estado puro, ou seja, sobre o território funcional sempre há uma carga simbólica.

O que é preciso considerar aqui é que é muito difícil trazer uma definição genérica de território, que abarque todas as possibilidades de territorialização efetivadas e por efetivarem-se na realidade concreta. Cada sujeito de territorialização poderá nos conduzir a um tipo de território e a uma dinâmica territorial diversa, de modo que, na pesquisa, o ponto de partida não é o território, enquanto um espaço já

dado na paisagem, mas os sujeitos sociais que, pelas relações de poder projetadas espacialmente, territorializam-se de certa forma.

Logo, uma das características mais importantes do território é sua historicidade. Voltando a este atributo mesmo, devemos considerar o território/territorialidade um constituinte inerente a todo grupo social, ao longo de sua trajetória, que serve como base para análises das situações em que se encontram hoje.

Portanto, verificamos hoje essa transformação do conceito de território na Geografia, que saiu da órbita exclusiva do Estado Nação e da Geografia Política, vindo a ser considerado em múltiplas escalas, ocorrendo simultaneamente de forma contínua ou em redes, mostrando um leque maior de possibilidades de interpretativas. Com isso, o conceito torna-se operacional para fazermos a leitura de diversos processos e relações socioespaciais.

Dessa forma, pretendemos compreender como foi o processo de “negociação” que se deu no espaço urbano de Guarapuava, este lugar específico, ao longo do século XX, suas construções e desconstruções, buscando entender as relações entre estabelecidos e recém chegados, suas territorialidades e, nesse processo, acompanhar a produção do espaço urbano e do lugar em si, até os dias atuais.

Há que se considerar ainda que, para Haesbaert (2009, p. 246), “o migrante que se desloca antes de tudo por motivos econômicos, imerso nos processos de exclusão socioeconômicos, pode vivenciar distintas situações de des-territorialização”, pois este, ao buscar locais onde possa reconstruir sua identidade cultural, está se desterritorializando e, ao mesmo tempo, produzindo um novo local para se viver, isto é, possibilitando que a dimensão simbólica do território seja efetivada.

Logo, para o migrante, o território tem significado de enraizamento e estabilidade, porque, ao chegar ao destino, procura reterritorializar-se, utilizando de mecanismos variados, tais como as associações as redes sociais (construídas com parente, amigos, pessoas de mesma religião, da mesma província) que, somadas aos laços de identidade cultural, conseguem fazer frente às dificuldades de se estabelecer num local estranho, distante e, muitas vezes, pouco receptivo. É também o que dá força e coesão ao grupo, no processo de negociação, posse e permanência num dado lugar.

Assim, acreditamos que o entendimento dos conceitos de lugar, território e suas correlações, juntamente com as múltiplas referências do migrante e seus fatores culturais, tornam-se pertinentes para compreendermos os processos de des-re-

territorialização, presentes e passados, dos libaneses e seus descendentes que fazem parte da cultura sírio-libanesa, em Guarapuava.

## CAPÍTULO 2

### METODOLOGIA

Vivemos numa época em que a ciência passa a compreender a existência de um universo fractal, onde temos a aceitação de que os objetos isolados, para fins de estudos, tem relações infinitas com o todo, indo das micro até as macro relações.

Na Geografia, essas abordagens também chegaram com força. Segundo Silveira (1999, p.24)

[...] todos os elementos “agem em conjunto para definir uma situação geográfica, reforçando-se ou contrariando-se uns aos outros” e, por isso, “as coletividades humanas não vivem com cada um dos elementos do meio, mas com todos ao mesmo tempo”. [...] todo indivíduo é um infinito, e o infinito não pode ser esgotado. [...] trata-se assim de cindir a geografia do mundo de subtotalidades, que se tornam estruturas significativas para cada conjunto de eventos.

Tomando tal perspectiva como pressuposto de fundo, para nossas análises, queremos, neste momento, elaborar uma discussão sobre as metodologias e técnicas, que utilizamos no desenvolvimento de nossa pesquisa. Trata-se de metodologias de cunho qualitativo e de algumas técnicas específicas para a elaboração de pesquisa social.

Este capítulo está organizado da seguinte maneira: primeiro, apresentamos uma reflexão metodológica e, a seguir, a técnica da entrevista, utilizada como ferramenta para acessar a memória dos indivíduos, que são os sujeitos centrais da nossa pesquisa, e também a análise da memória deixada em documentos, produzidas pelo grupo.

O propósito das discussões aqui tratadas é de mostrar a importância e os principais fundamentos metodológicos, que consideramos relevantes na elaboração desta pesquisa e sua possível aplicação em campo, considerando o rigor científico.

#### **2.1 A revolução da linguagem e da ciência.**

Os discursos que explicam os objetos da ciência são incompletos, e acabam negligenciando a influência de outros fatores que o compõem e compuseram.

Foucault (2008, p. 133) nos mostra que

O que se chama "prática discursiva" pode ser agora precisado. Não podemos confundi-la com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma idéia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência; nem com a "competência" de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.

O autor multiplicou as possibilidades para a palavra discurso, mostrando como este é uma construção social, definido conforme os referenciais culturais, espaciais e de tempo formado por uma coletividade que compõem um grupo.

Assim, Foucault (1988, p. 236) nos fala sobre os desconfortos que tais ideias podem trazer aos componentes que formulam os discursos dominantes de qualquer sociedade ou grupo:

Eu compreendo bem o mal-estar de todos esses. Foi, sem dúvida, muito doloroso, para eles, reconhecer que sua história, sua economia, suas práticas sociais, a língua que falam a mitologia de seus ancestrais, até as fábulas que lhes contavam na infância, obedecem a regras que não se mostram inteiramente à sua consciência; eles não desejam ser privados, também e ainda por cima, do discurso em que querem poder dizer, imediatamente, sem distância, o que pensam, crêem ou imaginam; vão preferir negar que o discurso seja uma prática complexa e diferenciada que obedece a regras e a transformações analisáveis, a ser destituídos da frágil certeza, tão consoladora, de poder mudar, se não o mundo, se não a vida, pelo menos seu "sentido", pelo simples frescor de uma palavra que viria apenas deles mesmos e permaneceria o mais próximo possível da fonte, indefinidamente.

Logo, verificamos o quanto foram inovadoras as ideias aqui expostas pelo autor, se encaixando no que hoje chamamos de "virada linguística", que nos remete as ideias de filósofos do século XIX, como Nietzsche (1999, p. 72), que afirma:

A significação da linguagem para o desenvolvimento da civilização está em que, nela, o homem colocou um mundo próprio ao lado de outro, um lugar que ele considerou bastante firme para, apoiando nele, deslocar o restante do mundo de seus gonzos e tornar-se senhor dele. Na medida em que o homem acreditou, por longos lances de tempo, nos conceitos e nomes das coisas como *aeternae veritates*, adquiriu aquele orgulho com que se elevou acima do animal: pensava ter efetivamente, na linguagem, o conhecimento do mundo [...] Mesmo a lógica repousa sobre pressupostos, aos quais nada no mundo efetivo corresponde, por exemplo sobre o pressuposto da

igualdade entre as coisas, da identidade da mesma coisa em diferentes pontos do tempo [...] o mesmo se dá com a matemática, que com toda certeza não teria surgido desde o começo se tivesse sabido que na natureza não há nenhuma linha exatamente reta, nenhum círculo efetivo, nenhuma medida absoluta de grandeza.

A humanidade tem olhado para o mundo com pretensões morais, estéticas e religiosas, com a pretensão de encontrar a verdade, inclinando-se para o dogmatismo ou o medo do diferente, num mundo cheio de cores e significados, somos nós quem o coloriu e o significamos.

Assim, passamos a compreender que todas as nossas concepções de universo e de objetos deste estão baseadas em discursos, os quais não são verdades absolutas, mas aproximações, discursos formados, muitas vezes como verdades, para legitimar certas formas de entendimento de mundo.

Santos (1993, p. 39) afirma que, “estamos numa época em que é muito difícil ser-se linear. Porque estamos numa fase de revisão radical do paradigma epistemológico da ciência moderna, é bem possível que seja sobretudo o olhar que está mudando”.

Desse modo, acreditamos que as formas de explicar os fenômenos são construídas segundo certa perspectiva, em que o pesquisador elege certos métodos, metodologias e técnicas, a serem utilizados em seus trabalhos, com a finalidade de produzir informação sobre e interpretar alguns dos fatores que fazem aquela situação encontrar-se estruturada de uma forma e não de outra, levando em conta o que se pretende argumentar, considerando que isto vai depender da escala de tempo e espaço que o pesquisador propôs.

Notemos que, nesse raciocínio, nunca conseguiremos atingir a totalidade de nosso objeto de estudo, não somente pelo fato de representarmos os resultados segundo uma linguagem e uma interpretação parciais, mas também porque os elementos que interferem nos objetos remetem ao infinito de fatores, que influenciam na configuração dele no momento de análise, porque de fato todo objeto de estudo não é possível de ser esgotado, pois é infinito em relações. Assim, nunca chegamos a um conhecimento definitivo da realidade e também como o discurso científico que fazemos não nos garante uma aproximação à “verdade” dos fatos, visto que lidamos com as informações que fomos capazes de produzir e com as interpretações que derivamos delas, estamos diante de uma dupla limitação da ciência que, mesmo assim, continua insistindo em existir.

Mesmo assim, acreditamos que devemos continuar a produzir ciência, pois, se analisarmos cada situação, podemos verificar que, normalmente, os primeiros itens, eleitos para esclarecimento de uma realidade, dão conta da explicação de como aquele objeto pode ser explicado, dentro de uma linguagem. Então, ao fazer ciência hoje, aceitamos que estamos fazendo aproximações sobre a verdade, que nunca atingem os “cem por cento”, estando sempre sujeitas a questionamentos, pois a forma como representaremos esse conhecimento dos objetos, situados no espaço e tempo infinitos, será por palavras que nem sempre conseguem expressar de forma satisfatória toda a realidade que estamos buscando expressar.

Logicamente que, as interpretações dos objetos dependem de uma quantidade enorme de fatores (espaços vividos, família, acesso a informações, relações pessoais), que fazem com que o cientista escolha uma ou outra metodologia e/ou técnica, para a produção de informações, voltadas a responder o problema de pesquisa. Essas escolhas têm um papel fundamental na natureza das informações que poderão emergir e, conseqüentemente, sobre as interpretações que seremos capazes de fazer sobre a realidade estudada. No nosso caso, escolhemos trabalhar com História Oral e Memória, a partir da técnica da entrevista, como forma de termos acesso as trajetórias pessoais, familiares e grupais, dos imigrantes libaneses, que se territorializam e compõem este lugar que é Guarapuava.

Considerando-se a aceitação de que o universo é fractal, podemos afirmar que as análises dos objetos dependem da escala em que é abordada. Cada escala de análise pode produzir resultados diferentes, dar outros enfoques, que são negligenciados, ou não são tão relevantes, em uma análise em outras escalas.

A ciência hoje faz suas análises segundo certas escalas. Gonçalves (2010, p.25) afirma que, “no início do século XX o átomo já não é uma unidade primeira indivisível e irredutível: é um sistema constituído por partículas em interações mútuas”.

Eis que surge uma verdadeira revolução na forma de ver a ciência, a qual passa a compreender as relações menores, que fazem parte da constituição de seus objetos, em interação com o infinito, que hoje se considera extrapolar os limites do universo. Então, passamos a considerar que a ciência está sendo feita dentro de uma escala espacial, que interessa diretamente ao homem, que hoje vai dos estudos e filosofias de partículas menores que o átomo, até os limites do nosso universo.

Desse modo, entendemos que, de um lado, temos uma viagem eterna para os espaços cada vez menores, de outro, temos o infinitamente grande que, de uma forma ou de outra, até hoje, são negligenciados, pois, na ciência, fazemos algumas generalizações, que afirmam que, o que é pequeno ou grande demais não pode ser analisado, pois trata-se de medidas “sórdidas” demais, para tratarmos na escala de atuação do ser humano que, no nosso entendimento, hoje, está situado entre os pequenos espaços subatômicos, até os limites do universo. Tais dimensões, do infinitamente grande e do infinitamente pequeno, que escapam a nossa experiência direta, só podem ser acessados por especulações teóricas ou simplesmente pela fé. Neste ambiente relacional, o entendimento do que vem a ser metodologia e técnica tem importância para o pesquisador, pois este tem que ter clareza sobre qual caminho deve tomar, para melhor explicar seu objeto de estudo, que dependerá diretamente das suas escolhas.

## **2.2 Metodologia científica**

De maneira geral a compreensão dos métodos científicos utilizados em uma pesquisa é um resultado tão importante da investigação quanto qualquer outro resultado, pois sobre a compreensão da metodologia repousa o espírito científico, se os métodos se perdessem toda a ciência se perderia e voltaríamos ao senso-comum.

Para Marconi e Lakatos (2006, p. 83)

Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos; em contrapartida, nem todos os ramos de estudo que empregam estes métodos são ciências. Dessas afirmações podemos concluir que a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos.

Segundo Severino (2002, p.162), “método” pode ser entendido como “[...] os procedimentos mais amplos de raciocínios, enquanto técnicas são procedimentos mais restritos, que operacionalizam os métodos, mediante ao emprego de instrumentos adequados”.

Fachin (2006, p. 31) entende que, “o método confere ao pesquisador inúmeras vantagens, oferecendo-lhe um conjunto de atividades sistemáticas e racionais, mostrando-lhe o caminho a ser seguido.”

Enquanto o método é a forma como o pesquisador vê o mundo, por meio de posturas filosóficas e utilizando uma variedade de conceitos de uma ciência, na relação com o seu objeto de estudo; a metodologia trata do conjunto de reflexões sobre como a pesquisa deve ser operacionalizada na prática, sobre as técnicas que deverão ser utilizadas na produção de informações para responder ao problema da pesquisa, sobre a natureza dessas informações, seus limites e potencialidades, sobre aquilo que poderá ser dito, como conclusão, sobre a realidade estudada, enfim, a metodologia é uma reflexão sobre a prática da pesquisa em ato.

Na mesma direção, Mendonça (1996, p. 40) dá outros nomes aos termos método e metodologia, como métodos de interpretação e métodos de pesquisa, respectivamente. Nas suas palavras,

Os métodos aplicados às ciências apresentam-se divididos em duas abordagens principais: os métodos de interpretação e os métodos de pesquisa. Os métodos de interpretação referem-se a posturas filosóficas, lógica, ideológica e política do cientista [...] já os métodos de pesquisa referem-se às técnicas utilizadas em determinados estudos, sendo que cada ciência possui seus próprios métodos de pesquisa.

Desse modo, concordamos com Souza (2009, p.28), quando afirma que

Devido às próprias particularidades dos saberes científicos, cada ramo do conhecimento adota métodos específicos de análise, entre os quais se destacam: o dedutivo; o indutivo; o quantitativo; o qualitativo; o axiomático; o nomotético e o idiográfico. Alguns desses métodos são tomados como específicos das ciências humanas ou sociais.

No mesmo sentido, Marconi e Lakatos (2006) mostram, de uma forma genérica, que os métodos podem ser agrupados da seguinte maneira:

- *Método indutivo*: que caminha para planos mais abrangentes, indo das constatações particulares às leis e teorias gerais, em conexão ascendente.
- *Método dedutivo*: parte das leis e teorias e prediz a ocorrência de fenômenos particulares, em conexão descendente.
- *Método hipotético-dedutivo*: inicia-se pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos, formula-se uma hipótese e, pelo processo dedutivo, testa a predição da ocorrência de fenômenos.

- *Método dialético*: penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade.

A escolha da método tem relação com a forma como o pesquisador entende o mundo em que vive, sua dinâmica e a melhor forma de conhecê-lo, ou seja, a melhor forma de aproximar-se da verdade do seu objeto de estudo e daquilo que ele está tentando expressar. Também diz muito da forma como o pesquisador concebe o papel da teoria nas suas pesquisas.

No campo da metodologia também devemos fazer escolhas, visto que são vários os caminhos para a elaboração de um trabalho de pesquisa, que nos servem como um alicerce na produção do conhecimento, pois, segundo Faleiros (2005, p. 176-177):

O processo metodológico é dinâmico, [...] é a reflexão crítica do seu próprio caminhar, dando-se conta das alternativas possíveis e dos argumentos e contra argumentos que foram usados para seguir determinada direção [...] metodologia é um processo constante de construção [...]. A metodologia é uma aventura intelectual, uma aventura que se faz num processo histórico de crítica do próprio caminho, repensando-se as condições existentes de realização.

Logo, a pesquisa não é algo amarrado em sua totalidade, ao previsto em seu planejamento. À medida que a pesquisa se desenvolve, surge a necessidade de acesso a outras técnicas e metodologias, que ajudarão a elucidar melhor novas questões que surjam durante a pesquisa.

Marconi e Lakatos (2006, p. 165) afirmam que “os métodos e as técnicas a serem empregados na pesquisa científica podem ser selecionados desde a proposição do problema, da formulação das hipóteses e da delimitação do universo ou da amostra.” Assim, tanto os métodos como as técnicas devem sofrer adequação ao problema estudado e às fontes de dados e informações que elucidarão as questões levantadas. Nesse sentido, não existe metodologia, método e técnica perfeitos, existem aqueles que são mais adequados ao tipo de questões levantadas e à natureza do objeto de estudo.

Então, buscando atingir nosso objetivo de pesquisa, qual seja compreender a trajetória de membros da comunidade libanesa, da saída de seu lugar de origem e a sua territorialização no lugar de destino, no caso a cidade de Guarapuava, optamos por nos situarmos no campo da pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (2008, p. 57), pode

ser definida como uma metodologia [...] “que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.”

A pesquisa qualitativa pode ter uma abordagem mais interpretativa que se propõe a traduzir e expressar o fenômeno estudado, constituindo um trabalho laborioso, sendo necessário coletar dados, registrar informações, organizá-los e fazer análises (MATOS e PESSÔA, 2009), que não tem como propósito produzir amostras estatísticas ou informações que possam receber um tratamento matemático, mas sim narrativas, depoimentos, histórias de vida, visões de mundo, expressas por meio de palavras, discursos, que nos cabem interpretar.

Para Gaskell (2008, p. 70), “o objetivo da pesquisa qualitativa é apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista. Diferentemente da amostra do levantamento, onde a amostra probabilística pode ser aplicada na maioria dos casos”.

Souza (2009, p.28) destaca que “o método qualitativo, permite, pois, identificar as motivações que levam os sujeitos sociais ao exercício de suas práticas espaciais”, sendo importante a fundamentação de elementos que sustentem a produção de um discurso capaz de representar o posicionamento de todo o segmento social.

Trabalhamos, basicamente, com o conhecimento de um objeto complexo - a subjetividade -, cujos elementos estão implicados em diferentes processos, os quais se transformam, em face do contexto que caracteriza o desenvolvimento do sujeito e marcam sua singularidade, mas que são reveladores das relações sociais constitutivas do próprio sujeito do discurso.

Dessa forma, acreditamos que o uso da abordagem qualitativa de pesquisa nos proporcionou uma maior interação entre pesquisador e os sujeitos pesquisados, bem como uma maior visibilidade das informações produzidas, penetrando em campos que ainda são pouco explorados, como o da memória dos indivíduos, que compõem os sujeitos de estudo, suas emoções, referências e particularidades.

### **2.3 A técnica da entrevista e o acesso ao passado**

A técnica da entrevista nos permite acessar parte da vivência e da experiência das quais as pessoas participaram. Segundo Gaskell (2008, p.65),

O primeiro ponto de partida é o pressuposto de que o mundo social não é um dado natural, sem problemas: ele é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob condições que elas mesmas estabeleceram. [...] a entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações.

Abreu (1998, p. 11) argumenta que, “a memória individual pode contribuir [...] para a recuperação da memória das cidades. A partir dela, ou de seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos urbanos que já passaram e formas espaciais que desapareceram”.

Nesse sentido, Poulet (1992, p. 54-55, *apud* ABREU, 1998) destaca que, “graças à memória, o tempo não está perdido, e, se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado, está o espaço reencontrado”.

Donatelli (1996, p.104) demonstra que, quando acessamos a memória, “se regride para qualquer lugar que desejamos, e com isso se evidencia que a memória não é um fim para se chegar ao passado, mas sim, um meio de atingi-lo”.

Verificamos aqui que a memória de indivíduos pode ser uma importante ferramenta para a análise de tempo e espaço, pois ninguém vive, ou viveu isoladamente, de modo que, pelo indivíduo, temos acesso a tempos e espaços vividos com os outros. Pela memória individual, temos acesso à memória coletiva. Nesse sentido, Abreu (1998, p. 14) defende que

O fundamental é que nos conscientizemos que o resgate (*sic*) da memória das cidades, não pode se limitar à recuperação das formas materiais herdadas de outros tempos... Há que se tentar dar conta também daquilo que não deixou marcas na paisagem, mas que pode ainda ser recuperado nas instituições de memória. [...] Teve início uma “ditadura do presente”, que empobreceu bastante nosso conhecimento sobre o passado. Com efeito, como a história não abordava os tempos idos a partir de questões geográficas, acabamos deixando uma lacuna aberta que cabia a nós preencher.

Assim, além de trabalhar com a memória dos sujeitos que constroem nosso foco de estudo, por meio da metodologia da História Oral, também buscamos pelos vestígios deixados pelos libaneses em nossa cidade, nos locais como o Acervo Histórico da Unicentro, o Museu Municipal, a biblioteca pública e Jornal de época.

Ainda sobre a memória, Donatelli (1996, p.104) complementa, que esta “tem como um dos atributos permitir que o processo de identidade seja realizado entre iguais”.

Parafrazeando o referido autor: a memória deve ser entendida não apenas como um local de armazenamento de fatos passados, mas como um lugar imaginativo que faz parte da “nossa condição de seres históricos”.

Meihy (1994, p.58) destaca que a “memória coletiva é algo subjetivo e implica compromissos fiados ao longo de um passado comum e que persiste independentemente de registros escritos, de monumentos ou qualquer referência objetiva, material.”

Para Meihy, (1994, p.59) a Memória Histórica

É construída com apoio em documentos, alguns convencionais, outros nem tanto [...] são os escritos, aqueles guardados no passado que constantemente povoam os arquivos e freqüentam obras impressas, [...] monumentos, fotografias, artefatos, enfim os produtos da “civilização material”.

Então, a memória produzida pela História Oral é diferente da memória material. A primeira refere-se a um discurso de como o grupo se vê e se relaciona com os membros do próprio grupo e suas relações com o restante do universo, enquanto que a segunda refere-se a fragmentos materiais que resistem ao tempo e que dão pistas, que servem para produzir informações sobre aquele grupo e o desenvolvimento de sua trajetória dentro da história.

Portanto, compreendemos que podemos ter acesso a territorialidade da cultura libanesa em Guarapuava, fazendo análises documentais, espaciais e de memória dos indivíduos que a compõem.

Nesse sentido, Meihy (1994, p.54-55-56) destaca que

Trabalhar um depoimento como um processo de documentação, implica superar o pressuposto da entrevista fortuita. A série grande de cuidados metodológicos que se impõem exige que haja qualificação técnica para tratar do assunto. História Oral é, pois, mais do que uma conversa mediada pelo gravador. História Oral deriva de um método complexo.

Assim trabalhamos com a História Oral Temática, apesar de em boa parte do roteiro de entrevista aplicado (ver anexos) tratar da vida do imigrante libanês como um todo, nosso foco foi sempre desvendar como, quando e porque eles vieram para Guarapuava e de que modo desenvolveram parte de suas trajetórias aqui.

Pádua (1987, p. 30) destaca que, “a entrevista pode ser uma ferramenta muito importante para auxiliar a pesquisa.” Colognese e Mélo (2008, p. 143) definem a

entrevista “como um processo de interação social, no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado.” E que ainda “se utiliza a prática da entrevista porque se acredita que o entrevistado detém informações que, transmitidas ao entrevistador, podem elucidar questões”.

Para Gaskell (2008, p.65), a entrevista

Poderá ser um fim em si mesmo o fornecimento de uma “descrição detalhada” de um meio social específico; também ser empregada como uma base para construir um referencial para pesquisas futuras e fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica específica.

O passado, como uma realidade, simbolicamente estruturada, encontra-se disponível em discursos, através de narrativas particulares, que podem ser estudadas por meio da História Oral e acessada pela técnica da entrevista.

Para Gil (2007, p.117), a entrevista é “a técnica que o investigador se apresenta ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam a investigação.”

A entrevista individual pode começar com alguns comentários introdutórios sobre a pesquisa, uma palavra de agradecimento ao entrevistado por ter concordado em falar e um pedido para gravar a sessão. O entrevistador deve ser aberto e descontraído com respeito à gravação que pode ser justificada como ajuda a memória ou um registro útil da conservação para uma análise posterior. Isto permite ao entrevistador concentra-se no que é dito em vez de ficar fazendo anotações (GASKELL, 2008).

As entrevistas podem ser abertas ou livres, semi-estruturadas, estruturadas ou mistas, a adoção delas varia de acordo com o objeto de cada pesquisador. No caso de uma pesquisa com um grande universo de entrevistados, com vistas a obtenção comparações e de dados tabulados, a melhor técnica é a entrevista estruturada, que pode ou não ser acompanhada de um questionário, com perguntas de múltiplas escolhas. A entrevista semiestruturada é aquela em que o roteiro é apenas um indicativo para uma “conversa interessada”, mas o entrevistador é livre para colocar as questões na ordem em que elas surgem no diálogo e não na ordem do roteiro, como é o caso da estruturada. Consequentemente, a preparação do roteiro de entrevista depende da definição do tipo de entrevista a ser adotado. Numa entrevista semi-estruturada, por exemplo, basta definir os tópicos de interesse, num roteiro contextual, e seu desenvolvimento fica por conta das

habilidades do entrevistador em adquirir informações pertinentes (COLOGNESE e MÉLO, 2008).

Gaskell (2008) nos mostra a importância de se desenvolver um “tópico guia” para a efetivação da entrevista, o qual se trata de um conjunto de títulos e parágrafos, que servem para lembrar o entrevistador de fatores importante no processo de aplicação da entrevista.

Para efetuar a transcrição das entrevistas, Gaskell (2008, p. 85) orienta que se escreva “todas as palavras faladas, mas não as características paralinguísticas”.

Segundo Gil (2007, p. 124), tanto nas entrevistas estruturadas como nas semi-estruturas, “as perguntas devem ser padronizadas na medida do possível a fim de que as informações obtidas possam ser comparadas entre si.”

Outro fator importante é que, durante as entrevistas pode e deve ser utilizada a técnica da observação, para melhor compreender os fatores que o entrevistado está tentando mostrar. Por isso, recomenda-se que a entrevista seja seguida do seu registro num diário de pesquisa, onde as observações sejam anotadas com detalhe, pois a situação de entrevista diz muito sobre a qualidade das informações produzidas.

Acompanhando nossa pesquisa com História Oral, também realizamos pesquisas documentais. Desse modo, a análise de documentos autênticos, sobre o referido tema, serve para comparar e confrontar informações coletadas em outras fontes e produzidas por outras metodologias de pesquisa, como a História Oral, como acabamos de apresentar.

Para Lourenço (2005, p. 33), “o uso de arquivos para obtenção de fontes documentais e a análise de mapas antigos e contemporâneos juntam-se ao trabalho de campo, como estratégias das quais o geógrafo lança mão para obter dados em seu trabalho de reconstrução” dos espaços passados.

Desse modo, fomos a campo em busca dos arquivos documentais, que pudessem auxiliar no processo de construção e entendimento da territorialização libanesa em Guarapuava.

No museu municipal, encontramos apenas um cartaz fazendo menção a um dos libaneses pioneiros na cidade, mostrando a imagem de sua residência-loja e o endereço.

Na biblioteca municipal, encontramos alguns livros que contam parte da história do município onde conseguimos encontrar mais alguns indícios deixados pelos primeiros descendentes de libaneses de Guarapuava.

Outro local pesquisado foi o Acervo Histórico da Unicentro, onde não

encontramos materiais específicos e sistematizados, que tratem de imigrantes libaneses em Guarapuava. Mas, em buscas nos arquivos da justiça criminal e jornais de época, encontramos alguns registros das primeiras famílias de libaneses que chegaram à cidade.

#### **2.4 - Entrevistas e levantamentos documentais junto aos Libaneses em Guarapuava.**

O processo de levantamento de informações junto aos indivíduos de um grupo não é tarefa fácil, trata-se de um momento em que o pesquisador precisa adentrar em ambientes que lhe são estranhos e, mais que isso, para quem faz parte destes ambientes o pesquisador também é um elemento de fora.

Romper com esses fatores perturbadores da interação social da entrevista foi o primeiro passo para que a conversa pudesse fluir de forma mais natural. De modo geral, as entrevistas que conseguimos fazer foram as que partiram de contatos diretos com os libaneses e descendente, pois os contatos que realizamos por meio de telefone ou *email* não deram certo, no sentido dos abordados não concederem as entrevistas.

Buscamos realizar as entrevistas inicialmente com as pessoas desse grupo que já conhecíamos e depois, com base nessas primeiras conversas, fomos descobrindo novos sujeitos, novas realidades, que contribuiriam para enriquecer a pesquisa.

Houve um caso em que marcamos quatro vezes um horário para entrevista e nas quatro vezes, por um motivo ou por outro, não foi possível realizá-la. Isso foi importante para demonstrar que algumas pessoas não iriam colaborar com a pesquisa. Mas, mesmo nesses casos, sempre fomos muito bem recebidos e, na maior parte das vezes, os libaneses sempre se mostraram muito atenciosos e dispostos a colaborar. Dessa forma, foi muito gratificante trabalhar com esse grupo.

No total, realizamos dez entrevistas, quando percebemos que houve um ponto de saturação, onde as informações se repetiam nas falas dos entrevistados, assim entrevistamos cinco com pessoas que nasceram no Líbano e vieram morar em Guarapuava e outras cinco com pessoas que nasceram no Brasil. Além destas entrevistas, tivemos algumas conversas informais com famílias descendentes de libaneses com quem, por um motivo ou outro, não foi possível fazer entrevista sistematizada, mas que contribuiriam com a pesquisa, nos dando direções, novas informações sobre as famílias.

Essas conversas foram registradas no diário de campo, no qual buscamos mostrar as impressões sobre os lugares que visitamos e as pessoas com quem conversamos e fazem parte da análise dos resultados da pesquisa.

Os contatos com os libaneses começaram muito antes das entrevistas, as quais foram aplicadas nos meses de julho, agosto e setembro do ano de 2011. O roteiro de entrevista que elaboramos teve por enfoque construir informações de quatro etapas da vivência dessas pessoas: a primeira trata da infância, local de vivência antes da partida; na segunda, buscamos identificar como foi a partida, as motivações que o fizeram migrar; na terceira etapa, buscamos analisar a chegada, os conflitos e dificuldades dos primeiros anos no Brasil, como eram os espaços de vivência aqui; e, por último, buscamos identificar como está a relação com os guarapuavanos nos dias de hoje (ver anexos).

No caso dos descendentes que nasceram no Brasil, utilizamos o mesmo roteiro, porém as informações foram complementadas com perguntas que geraram depoimentos que mostrassem além de suas origens no Brasil, as origens dos pais e as referências que eram passadas, em relação ao Líbano, para os filhos que nasceram aqui.

Todas as entrevistas foram gravadas (em média cada entrevista durou 45 minutos) e depois transcritas. O processo de transcrição tomou bastante tempo, em função do sotaque de alguns dos entrevistados e também porque buscamos realizar uma transcrição literal, tomando cuidado para traduzir para a linguagem escrita as construções próprias do relato oral.

Depois de transcritas as entrevistas, construímos um quadro para facilitar a análise e comparação das informações, onde foi possível correlacionar ideias dos entrevistados, que convergiam ou divergiam do discurso principal. Tal quadro também contribuiu para a identificação de informações novas que cada sujeito apresentou em seu discurso e, desse modo, foi possível fazer uma análise de como os libaneses se territorializaram na cidade.

Com o desenvolvimento da pesquisa, algumas ideias que tínhamos no início foram sendo desconstruídas, por exemplo, no título de nosso trabalho projeto, falávamos de sírios e libaneses em Guarapuava. Em nossas idas a campo, descobrimos que se tratava apenas de libaneses que vieram para cá.

Outro fator é sobre a comunidade libanesa, imaginávamos encontrar um grupo que tivesse instituições mais fortes, que o mantivesse unido e fechado na preservação

dos costumes. Porém, o que encontramos foi um grupo de pessoas que tem uma forma diferente de se organizar nos locais escolhidos, estando mais aberto a comunidade que o acolheu e assimilando a sociedade local, construindo assim uma vivência de múltiplas referências e de múltiplos lugares. Nos primeiros contatos, pensávamos que os sujeitos entrevistados seriam mais “fechados” e no decorrer do campo verificamos que eram pessoas com muita abertura, que nos deram toda a atenção para que pudéssemos desenvolver a pesquisa.

Antes de apresentarmos os seus resultados, contudo, julgamos importante conhecer um pouco da história da imigração sírio-libanesa para o Brasil, como forma de melhor compreender esse processo em Guarapuava e seus desdobramentos em territorialização, em produção do espaço urbano e em relações com os grupos socioculturais já presentes neste lugar.

### CAPÍTULO 3

#### A IMIGRAÇÃO LIBANESA PARA O BRASIL, PARANÁ E GUARAPUAVA.

Os libaneses sempre viram o Brasil, de uma forma ou de outra, como um dos melhores países para se imigrar. Isso se percebe nos depoimentos de todos os libaneses que vieram morar aqui. Segundo Khodr (1987, p.20), o senhor embaixador do Líbano (Samir Hobeica), em seu discurso para os imigrantes presentes no Clube Monte Líbano, em São Paulo, no ano de 1985, falou sobre o Brasil nos seguintes termos:

Gostaria de vos dizer, quanto me sinto feliz, em estar nesta noite entre vós. É como Ulisses que, tendo percorrido o mundo, atravessando os oceanos, retorna, enfim, a seu berço e proclama: “Lar, doce lar”. Porque, para todo o libanês, o Brasil é mais que um país acolhedor, é mais que uma segunda pátria, é mais que um oásis de paz, de fraternidade, de liberdade, de tolerância e de democracia. É um lar, onde é bom viver, onde os homens de bondade, de simplicidade e de amor, que faz com que todo homem, qualquer que seja a região do mundo a que pertence, se sinta neste grande e nobre País como se estivesse em sua casa. Eis porque eu poderia dizer que o Brasil é a pátria universal do homem.

Esta é uma visão que se percebe em todos os trabalhos que lemos e todas as entrevistas que realizamos durante este período de pesquisa, em que os brasileiros, de uma forma geral, são vistos como muito receptivos aos imigrantes libaneses, os quais dependiam diretamente dessa receptividade para prosperar e aumentar suas comunidades, os casos de insucessos são pouco mencionados, os libaneses que não deram certo e voltaram ao Líbano ou que estão em outros países e outras regiões do Brasil são pouco estudados.

Trata-se de um povo que desde suas origens há mais de 4.000 anos sempre migrou, formando novas cidades, negociando com as mais variadas culturas e em diferentes territórios e levando suas referências locais para todo o mundo.

Contudo, mesmo a cultura libanesa é constituída por uma multiplicidade de encontros que se deu no seu próprio território. Nesse sentido, Challita (1976, p.57) nos mostra que “quando as planícies eram assoladas, a alma e as tradições nacionais se refugiavam na montanha como uma fortaleza até que passe o furacão”, isso se deu durante toda a história do Líbano, que nos remete ainda ao império Fenício, e continua [...] “por outro lado, ao mesmo tempo que suas armas, o conquistador trazia suas tradições e sua cultura; e algo delas ficava lá quando ele partia”. Assim, a história

desse povo é formada de múltiplas referências das civilizações<sup>2</sup> que passaram por aquele país e que constituem hoje o povo libanês.

Este fator também contribuiu para que os libaneses sofressem as mais diversas pressões para emigrar para todo o mundo. A grande diversidade cultural dentro do próprio Líbano contribuiu para muitas das disputas internas que são expressas em alguns ditados populares libaneses, como “se quiseres a ruína de um país, deseja-lhe muitos líderes”, ou ainda “dois comandantes afunda o navio” (CHALLITA, 1976).

Assim o Líbano, desde os tempos antigos, quando as cidades estados não se uniam para combater um inimigo comum, se mostrasse como um país que em função de suas diferenças internas mande pessoas para as mais variadas partes do mundo. Segundo Challita (1976, p. 92), “por alguma razão misteriosa, desde os tempos imemoriais, no Oriente, terra das religiões e dos profetas, os homens são agrupados mais conforme sua religião, do que conforme sua raça, profissão, ideologia, padrão econômico ou nível cultural” como vemos adiante.

### **3.1 Os libaneses no Brasil.**

De maneira geral, os autores que pesquisaram a imigração sírio-libanesa para o Brasil estudaram-na em conjunto com a dos sírios, então o termo aparece como comunidade sírio-libanesa, ou imigração síria e libanesa, como se fossem indissociáveis.

O processo migratório da população de origem síria e libanesa no Brasil apresenta uma enormidade de registros, oferecendo para os historiadores e demais pesquisadores uma vertente de pesquisa e investigação infundáveis, particularmente, no que se referem à inserção desses nos espaços urbanos e sua construção com o passar do tempo.

Para Challita (1976, p. 189) a emigração de pessoas do oriente para o Brasil data do início do século XVI, quando os portugueses estavam ainda tomando contato com as novas terras.

[...] quando Tomé de Souza se apetrechou em Lisboa de armas, de homens e de materiais de construção para a primeira aventura de

---

<sup>2</sup> Trata-se do povo Egípcio, dos Hititas, Assírios, Babilônicos, Persas, Gregos, Romanos, Bizantinos, Omíadas e Abássidas, Cruzados, Mamelucos, Tártaros, Turcos, Judeus e por ultimo os Ingleses e Franceses.

fixação , em 1548, no Recôncavo, embarcaram-se em suas carraças alguns ‘cristãos do oriente’ como eram então conhecidos os libaneses, esses estrangeiros amigos que ajudaram os portugueses a colonizar as terras de além-mar [...] mesmo antes de 1860, já existiam libaneses abastados no Brasil. Antun Elias Lujos, em 1808, ao saber que “El-Rey” D. Joao não havia encontrado a sua chegada solar digno para abrigar-se, ofereceu imediatamente sua própria quinta para residência imperial. Essa casa do libanês foi transformada em mansão real, no Paço de São Cristovam, e hoje é o museu municipal da Quinta da Boa Vista.

Assim, pode-se afirmar que o povo árabe faz parte da construção desse país desde o início de sua história. Contudo, segundo Cabreira (2001, p. 94), a presença de sírios e libaneses no Brasil antes do século XIX não pode ser nomeada de imigração. Os que chegaram antes disso, ingressaram ao país “sob o rótulo genérico de turco-árabes”, mas foi somente em fins dos XIX que este movimento migratório ganhou consistência e ritmo (FÍGOLI E VILELA, 2004, p. 4).

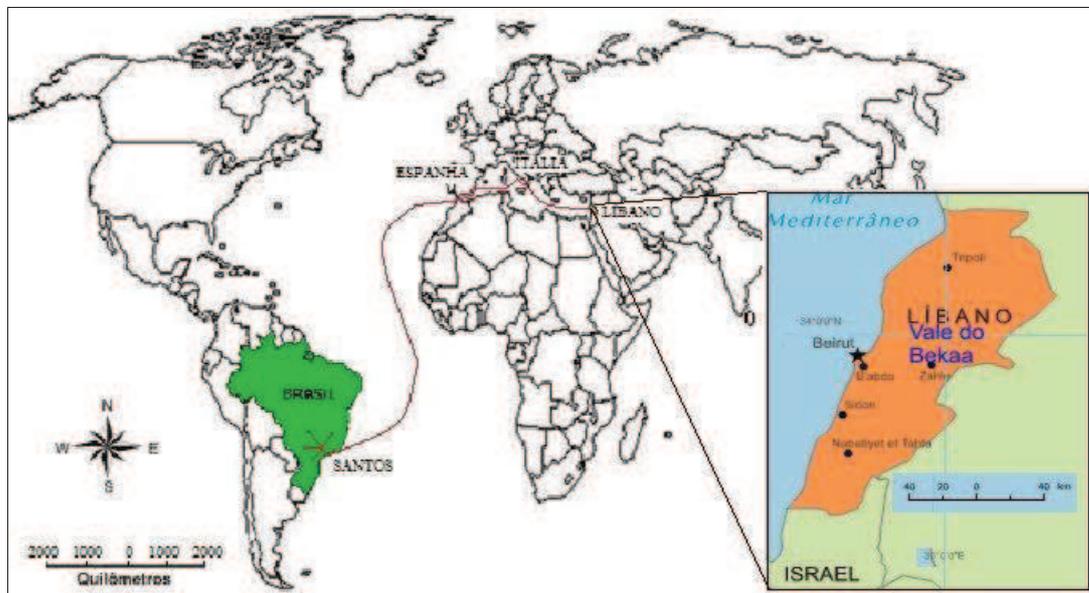
Particularmente no Brasil, esse processo se deu em uma conjuntura política e econômica de estímulo ao povoamento e à colonização do território nacional. Nesse contexto, inúmeros imigrantes, de diversas nacionalidades, convergiram, ocupando espaços no campo e nas cidades, formando uma sociedade marcada pelo convívio da multiplicidade étnica e cultural.

Cabreira (2001, p. 95) afirma que, os sírios e libaneses que chegaram ao Brasil, “distribuíram-se praticamente por todo o território brasileiro, dedicando-se ao comércio. Apesar dessa dispersão pelo país, o estabelecimento na Amazônia e na cidade de São Paulo foi o que alcançou maior destaque.”

Segundo os depoimentos colhidos em campo, os libaneses vieram para o Brasil de navio “não porque era melhor, mas porque era mais barato”, o avião ainda era um meio de transporte muito caro e burocrático para viajar. A trajetória da viagem citadas por todos os entrevistados era à saída do Líbano, passagem por Itália, Espanha, aportando, por fim, em Santos.

A primeira cidade de referência é São Paulo. Normalmente, chegam à casa de um parente e depois recebem informações sobre outros lugares com potencialidade para trabalhar. Assim foi com Guarapuava. Os entrevistados que chegaram aqui até a década de 1950, tinham referências principalmente de Ponta Grossa, normalmente já tinham algum parente residindo nesta cidade. Já os mais recentes ao chegar em São Paulo, falam de outras cidades, principalmente Foz do Iguaçu e Curitiba.

Assim, os motivos da dispersão dos libaneses pelo território brasileiro se dão em função da busca por mercados onde se possa trabalhar com vendas, explorando nichos onde se identificavam oportunidade de negócios.



Mapa 1 – trajetória descrita pelos libaneses para chegar ao Brasil.  
Fonte: IBGE<sup>3</sup>, 2012. Adaptado por Anderson Muzzolon.

Os que se estabeleceram em terras brasileiras, a exemplo das de Guarapuava, no Paraná, cruzaram regiões, viram nascer vilas e povoados, participaram do incremento urbano do Estado, levaram as novidades para o interior e sertões, ofertaram seus serviços e auxiliaram no desenvolvimento econômico e integração de inúmeras localidades.

Após o ano de 1860, os sírios e libaneses que emigraram eram portadores de um passaporte, fornecido pelas autoridades turcas. Apesar de ser declarada a verdadeira nacionalidade, foram cognominados de “turcos”, por ser justamente a Turquia que lhes conferia a permissão oficial para viajarem. Na verdade, qualquer migrante oriundo da região oriental era também conhecido como turco, fosse ele egípcio, persa ou palestino.

Segundo Khodr (1987, p. 50), os libaneses, “em sua quase totalidade, imigraram individualmente e não em colônias. Além disso, em vez de se dirigirem à agricultura, foram comerciar e, assim sendo, tiveram que aprender a língua portuguesa

---

<sup>3</sup> <http://www.baixarmapas.com.br/mapa-mundi-politico>

de forma mais rápida”. Percebe-se que tal fato favoreceu a integração à vida brasileira. Assim, suas relações foram diferentes de outros imigrantes que, muitas vezes, conviviam isolados em colônias.

Os primeiros imigrantes sírios e libaneses vieram ao Brasil por não terem conseguido visto para os Estados Unidos, ou por não contemplarem as condições de exigência de entrada em solo americano. E, para não retornarem à pátria de origem, desembarcaram no Rio de Janeiro, uma vez que faz parte do continente americano. Outros desembarcaram em Santos, por vezes acreditando fielmente estarem nos Estados Unidos da América, muitas vezes até enganados por agências de navegação, finalmente há aqueles que vieram justamente por já terem parentes no país, ou por acreditarem que, no Brasil, seria mais fácil fazer fortuna. Saber precisamente informações quantitativas sobre a imigração sírio e libanesa para o Brasil é uma tarefa bastante difícil, uma vez que as autoridades brasileiras não mantinham estatísticas precisas, nem tão pouco uma definição exata sobre o conceito de imigrante (YKEGAYA, 2006).

Fígoli e Vilela (2004, p. 05) afirmam que, somente em 1892 os sírios e libaneses passaram a ser listados não mais como “turcos”, ainda que ambos classificados de forma indistinta, uma vez que faziam parte do que se conhecia à época de Grande Síria.

Os libaneses só passariam a ser distinguidos como tais a partir de 1926, por ocasião da proclamação da República Libanesa, ao separar-se da Síria. A imigração para o Brasil se inicia com índices modestos. De 1870 a 1880, entraram oficialmente nos portos brasileiros um total de 1.946 “*turco-árabes*”. Entre 1882 e 1895, o fluxo migratório vai aumentando lentamente, apresentando um rápido crescimento a partir de 1898 quando registra 1.131 entradas somente naquele ano. No ano seguinte, o ingresso de migrantes quase duplica, e alcança o número de 2.110 indivíduos. Apesar do rápido crescimento nesse período, a seguir se verifica uma súbita queda do número de entradas, que chega apenas a 431 imigrantes durante o ano de 1902. Segundo os dados históricos, corroborados pelas informações fornecidas pelos próprios imigrantes, tanto sírios quanto libaneses, a forte diminuição da entrada de pessoas do Oriente Médio é consequência da proibição à emigração, imposta pelo governo turco aos países sob seu domínio, exceto o Egito. De fato, a proibição tornou-se mais rigorosa por volta de 1900, à medida que a Turquia, envolvida numa série de guerras balcânicas e coloniais, demandava de homens para suprir o exército turco, impedindo a saída de indivíduos em idade militar. Em 1903, derrogada a lei imposta pela Turquia que impedia a emigração, o contingente de indivíduos provenientes da Síria e do Líbano para o Brasil volta a crescer ininterruptamente até a Primeira Grande Guerra. Nos anos que a precederam, até o próprio ano de seu início,

o número de entradas chegou a 33.220 imigrantes, sendo que 10.866 o fizeram durante o ano de 1914.

Para Khodr (1987, p. 55), o fato de receberem o passaporte turco para virem para o Brasil servia como base para certos preconceitos, pois segundo ele, “no ocidente, turco era então sinônimo de bárbaro. Os sírios e libaneses não somente deixavam de usufruir qualquer benefício político daquele passaporte; tinham ainda que arcar com o menosprezo que o apelido turco provocava”.

Nesse período, a imigração era majoritariamente libanesa e muito mais de cristãos, do que não-cristãos. Tratava-se de um grande momento de saída das populações síria e libanesa, em direção a diversos continentes, como a África, América, Europa, Ásia Ocidental e para ilhas do Pacífico, enfim espalhando-se para os mais diversos locais do mundo (KNOWLTON, 1955).

O império Otomano<sup>4</sup> dominava a região do Líbano nesta época. Tratava-se, portanto, de um estado islâmico, onde os cristãos não tinham plena participação no governo. Daí o fato do maior aporte de cristãos, nas primeiras levas de imigrantes para o Brasil.

Nesse período, os libaneses participaram, também, da obra de expansão geográfica e de ocupação territorial. Fizeram comércio, contatos, mas, sobretudo amizades. No seu convívio com pessoas de outras nacionalidades e com os brasileiros natos, mostraram a sua amabilidade, demonstrando que a convivência com o diferente pode ser pacífica e amistosa.

Buscaram assim, reviver a colônia na nova terra, desafiando as distâncias, criando vários clubes e associações, proporcionando integração e contando com a participação dos imigrantes, seus descendentes, seus amigos brasileiros e também de outras nacionalidades. Demonstraram dessa forma, que sua contribuição foi decisiva para a composição da sociedade na qual se inseriram (KHODR, 1987).

Gattaz (2001) sugere uma divisão desta imigração em quatro etapas, cada uma delas com características próprias. Na primeira (1880 a 1920), havia clara predominância de árabes cristãos (maronitas, ortodoxos e católicos romanos), insatisfeitos com as restrições inerentes à condição de minoria, num território multiétnico e multireligioso, em que as diferenças confessionais eram manipuladas

---

<sup>4</sup> O império Otomano estendeu seus domínios territoriais pelo Oriente Médio, Europa e África, e durou de 1281 até 1923, aproximadamente.

politicamente, resultando, eventualmente, em conflitos entre os diversos grupos religiosos.

Segundo Khodr (1987), “entre 1900 e 1914, há uma média de 15.000 partidas do Líbano por ano, sendo que cerca de 4.600 escolhem o Brasil”. Esses números nos mostram a importância do Brasil como país de destino, pois recebeu quase um terço do total de migrantes desse país.

Na segunda fase (de 1921 a 1940) definida por Gattaz (2001), os muçulmanos começaram a aparecer nas listas de imigrantes, ainda de forma incipiente, procurando, como o cristão, melhores perspectivas econômicas (trata-se de um período em que a França, Inglaterra e União Soviética partilhavam parte dos territórios do Império Otomano, cabendo a França – um país cristão – a administração do território libanês). Havia uma predominância, nessa leva, de pessoas oriundas do meio rural, especialmente do Monte Líbano, Vale do Bekaa e do Sul do Líbano. Nessa fase, o fluxo começa com quase 9.000 partidas por ano, mas foi caindo, sob a influência da prosperidade que desestimulava a emigração, até atingir 1.400, em 1938. Ao Brasil chegaram mais de 2.000 novos emigrantes por ano no início desse período e algumas centenas no fim (KHODR, 1987).

Na terceira e quarta fases estabelecidas por Gattaz (2001), de 1941 a 1970 e de 1971 a 2000, o Líbano retomava sua autonomia, com uma constituição influenciada pela França e que claramente beneficiava os cristãos. Assim, houve um aumento na intensidade da imigração árabe muçulmana, tanto de origem urbana, como rural, especialmente a partir dos anos 1950. Chegaram ao Brasil, nesse período, cerca de 1.500 imigrantes libaneses por ano.

Foi também em 1950, que começou a haver um acirramento na disputa entre os diversos grupos políticos, que dividiam entre si o controle do estado libanês. Divisão esta que, de acordo com a Constituição de 1943, atendia a requisitos de ordem confessional. O crescimento demográfico mais que proporcional da população muçulmana fez com que esta questionasse a representatividade do sistema, colocando em dúvida esta divisão. O que acabou gerando uma guerra civil, iniciada na década de 1970 (GATTAZ, 2001).

Os libaneses que entrevistamos vieram para o Brasil após a segunda Guerra Mundial, nas décadas de 1950, 1970 e 1990, portanto são da terceira e quarta fases. Não encontramos presença de libaneses que vieram nas fases anteriores.

De acordo com a historiografia pertinente, a maior parcela dos contingentes árabes que chegaram ao Novo Mundo, entre o final do século XIX e as primeiras duas décadas do século XX, não era constituída por muçulmanos. Estima-se que, em torno de 95% dos sírios e libaneses, que entraram no Brasil antes da Segunda Guerra Mundial, eram cristãos, sendo que as maiores levas de muçulmanos começaram a chegar, com mais peso, após a esse período.

Fígoli e Vilela (2008) nos mostram que, o Brasil encontrado pelos primeiros migrantes libaneses era um país que tinha sua economia baseada nas grandes lavouras, o que lhes vedava o acesso a terra. Sendo assim, a geração dos pioneiros contou com escassas opções de trabalho, pois a agricultura em grandes extensões era uma atividade que, de modo geral, era totalmente estranha, uma vez que, culturalmente, estavam mais habituados à agricultura familiar de pequeno porte. Além disso, a maioria não contava com recursos financeiros, de modo que, tornarem-se proprietários rurais era quase impossível. Por fim, converter-se em colonos nas grandes fazendas exigia concorrer com imigrantes europeus que, muitas vezes, chegavam aqui com empregos garantidos. Apesar disso, alguns libaneses aventuraram-se como colonos, mas por pouco tempo. Depois, trasladaram-se para as cidades mais próximas, devido à falta de perspectivas de rápida melhoria de vida, dedicando-se à atividade pela qual são mais conhecidos: o comércio.

Os depoimentos registrados por Fígoli e Vilela (2004, p. 09) mostram que, nas suas práticas econômicas, sírios e libaneses contribuíram para a consolidação de espaços comerciais nas cidades onde se fixavam. Como afirmam os autores,

*A estratégia econômica modal dos migrantes consistia em, logo que pudessem, com proventos suficientes, deixavam de viajar a pé e compravam uma tropa de burros. Mais tarde, com mais recursos acumulados, buscavam fixar-se nos vilarejos da maior freguesia, com uma pequena loja. Estabelecer-se, fixar a loja era a meta de todos os comerciantes; lojas-bazares, ou de secos e molhados, onde se “vendia de tudo: tecidos, ferragens, miscelâneas; matava porco e vendia o toucinho fresco no balcão” [...]. As lojas tornaram-se verdadeiros centros comerciais, e, como tais, fontes de atração e estímulo para a renovação do fluxo migratório.*

O Líbano está localizado no Oriente Médio, em um local estratégico para o comércio, onde historicamente houve importantes rotas comerciais entre a Europa e a Ásia, para a realização dessas rotas criaram-se alguns burgos que garantiam a segurança dos mercadores, assim as pessoas do lugar, que tinham mais posses, atuavam no comércio, enquanto que a população mais pobre ficou com a agricultura,

havendo sempre um desejo, entre esses agricultores em trabalhar com o comércio também, o que foi possível realizar na medida em que migravam para outros países, onde esses agricultores passaram a trabalhar com o comércio.

A maioria dos imigrantes era composta por adultos, solteiros e do sexo masculino, em geral cristãos professantes de diferentes igrejas, maronita e greco-ortodoxo. Ao entrarem no Brasil, os primeiros imigrantes sírios e libaneses, em 1871, formavam uma pequena colônia, nas cidades em que se estabeleciam, a exemplo do que ocorreu no Rio de Janeiro. Knowlton (1961, p.65) afirma que, no Brasil, saiam “das cidades litorâneas, os humildes mascates sírios e libaneses, sozinhos ou em grupos de dois ou três, penetraram no interior a pé, em lombo de burro e por via fluvial, carregando grandes quantidades de mercadoria para vender ou trocar. Em 1900, poucas eram as partes do Brasil a eles desconhecidas.”

É muito comum encontrarmos nas memórias da imigração síria e libanesa no Brasil a mesma narrativa: iniciavam a nova vida como mascates, depois passavam para o comércio a varejo, mais tarde a atacado e, finalmente, para a indústria. Só a segunda geração, já nascida no Brasil, se dedicará às profissões liberais, evitando sempre as ocupações ligadas à agricultura e ao operariado. À medida que o seu capital aumentava, acompanhavam o processo levando em conta as oportunidades econômicas e iam-se mudando para centros mais urbanizados e importantes. Claro que tal narrativa de sucesso representa apenas uma imagem símbolo, não a realidade da maioria.

Nasser (2006, p. 109) relata que

Quando chegam ao Brasil nas décadas de 1940 e 1950, os imigrantes árabes muçulmanos vão entrar em contato com uma cultura diversa da sua, cristã e laica. À prática da religião islâmica não havia um ambiente propício. O primeiro motivo era a ausência de uma rede de templos muçulmanos que permitissem a realização das orações conjuntas e festejos religiosos. A pedra fundamental da Mesquita Brasil, por exemplo, a primeira do país, construída em São Paulo, foi lançada somente em 1929, sendo que a expansão da quantidade de templos islâmicos se dará a partir da década de 1950, não por coincidência, período de afirmação da grande leva árabe muçulmana em direção ao país, outra causa foi a premência do ganho para o sustento sobre a observância estrita das obrigações religiosas. Este advinha, normalmente, da venda ambulante de mercadorias, tanto no varejo quanto no atacado.

De modo geral, os imigrantes trouxeram muito pouco ou nenhum capital. Desse modo, o comércio oferecia uma recompensa financeira mais rápida que a agricultura, pois não exigia a aquisição de terras e investimentos iniciais. Como a mercadoria para o comércio podia-se obter a crédito e o retorno era mais rápido e lucrativo, essa era uma forma conveniente de se obter capital, a mercadoria ou o capital podia ser conseguido, por meio de empréstimos junto aos patrícios do Líbano que aqui residiam.

Fígoli e Vilela (2004, p. 06) afirmam que “no período da Grande Guerra, poucos foram os sírios e libaneses que puderam deixar seus países. Mais tarde, entre 1920 e 1930, a imigração experimenta uma flutuação anual que varia entre mil e cinco mil, alcançando um pico de 7.308 em 1926”. A depressão econômica de 1930 e a adoção, pelo Brasil, do sistema de quotas para entrada de imigrantes reduziram a imigração a níveis bastante baixos. Com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, esse número caiu ainda mais (KNOWLTON, 1961).

As novas e mais recentes levas de imigrantes, na grande maioria, contaram com uma estruturada e ampla rede social, constituída por conhecidos e parentes, que se encontravam inseridos, mesmo que em alguns casos precariamente, no meio social e econômico, rural ou urbano, do País, o que facilitava bastante a vinda e inserção dos novos imigrantes para o Brasil.

A partir dos anos 1950, enquanto a imigração de sírios apresenta uma queda contínua, a de libaneses se intensifica, provavelmente, reflexo da instabilidade política e econômica que experimentava todo o Oriente Médio, em consequência da constituição do Estado de Israel.

A entrada de milhares de refugiados palestinos e a invasão dos exércitos da Síria, Israel e Irã, em território libanês, resultaram em vários e graves conflitos, que redundaram em uma prolongada guerra, que duraria quinze anos (1975 a 1990). A situação de intensos conflitos sociais e de confronto bélico estimulou fortemente a emigração de importantes contingentes de libaneses, enquanto que a Síria gozava de maior estabilidade em seu território.

Khodr (1987, p.50) destaca que, “após 3 ou 4 gerações, nomes árabes compõem todos os escalões da vida brasileira. No comércio, na indústria, nas artes, nas profissões liberais, na política, é fácil de enumerar centenas de personalidades cuja raiz libanesa transparece”.

Hoje, são pouquíssimos os libaneses que se dirigem ao Brasil. Essa redução pode ser parcialmente explicada pelas dificuldades impostas pelo governo brasileiro na

obtenção do visto de permanência. Por seu lado, os sírios, com a estabilidade política do seu país, alcançada em 1970, reduziram significativamente o fluxo de emigrantes para o Brasil (FIGOLI E VELELA, 2004).

### **3.2. Imigrações Síria e Libanesa no Paraná.**

O estado do Paraná recebeu imigrantes sírios e libaneses desde quando essa corrente migratória começou a se dirigir ao Brasil, de forma sistemática. Assim, temos registros em cidades como Curitiba, Ponta Grossa e Guarapuava, que mostram sua presença já no final do século XIX e início do XX.

A dispersão pelo Paraná sempre se deu a partir de referências de famílias que já estavam morando no Estado que, de uma forma ou de outra, ajudavam na escolha dos locais para morar, como é o caso de Rita Reda<sup>5</sup> que veio morar em Guarapuava no início da década de 1980, em busca de novas oportunidades comerciais, por indicação de seus parentes que já estavam estabelecidos em Ponta Grossa.

*A- Que motivos fizeram você vir aqui na cidade de Guarapuava?*

*R- Na verdade meu marido é comerciante e na época as coisas não estavam indo muito bem. Indicaram a cidade para ele. Era uma cidade com pouco comércio, na verdade pouquíssimas lojas e a gente veio e se acertou, se deu bem e adotamos a cidade.*

*A- Quem teria indicado?*

*R- Na verdade foi parente e acabou pessoas acolheram muito bem aqui.*

Esse movimento de dispersão pelo território do Paraná se deu em todas as direções, segundo Khodr (1987, p. 59), a cidade de Jacarezinho, no norte do Estado, foi fundada pelas famílias Abu e Jamara, assim como cidades do Estado de São Paulo, como Garça, Jaffa e Ourinhos.

Antes de 1945, praticamente todos os considerados árabes no Paraná tinham vindo da Síria ou do Líbano. De acordo com Nasser (2006), os libaneses são cerca de 79% dos árabes residentes no Paraná; em seguida temos a presença de sírios, jordanianos, palestinos e egípcios.

---

<sup>5</sup> Comerciante, descendente de libaneses, casada com um libanês, nasceu em Ponta, tem sua loja de vestuário localizada na rua Saldanha Marinho, mora em Guarapuava há mais de 30 anos.

No Paraná também se localiza a segunda maior colônia árabe do Brasil, na cidade de Foz do Iguaçu. Segundo Nasser (2006, p. 61),

A partir da década de 1980, Foz do Iguaçu passou a apresentar-se como opção aos imigrantes árabes libaneses. Com a construção da Usina de Itaipu, a cidade transformou-se em importante centro comercial internacional. De 1970 a 1980 a população da cidade passou de 33.970 habitantes para 136.320, um salto de 301%; nos quinze anos seguintes, aumentou 54%, passando para 210 mil habitantes em 1995 [...] no ano de 1991 com base em estatísticas do IBGE, mostram que o Paraná, naquele ano, era detentor da segunda maior colônia islâmica do Brasil, com 4.360 indivíduos, perdendo apenas para São Paulo, com 9.884 pessoas. Referindo-se ao estado de São Paulo, ao contrário do caso anterior, não é na capital do estado que se encontram os efetivos mais elevados, mas sim na quinta cidade do Paraná, Foz do Iguaçu.

Mundialmente conhecida pelo esplendor de suas cataratas e pela grandeza da barragem de Itaipu, Foz do Iguaçu apresenta outra característica, a de fazer ao mesmo tempo fronteira com o Paraguai e a Argentina. Assim, dois fatores geográficos, o tamanho médio da cidade e sua posição de entroncamento rodoviário, contribuem para a forte territorialização da comunidade muçulmana em Foz do Iguaçu.

Ykegaya (2006, p. 65) destaca que,

De forma geral, o movimento geral de migrantes libaneses muçulmanos para Foz do Iguaçu está em consonância com a imigração árabe em São Paulo, maior colônia do Brasil. A maioria dos indivíduos que migraram [...] o fizeram devido a uma condição econômica e social abalada pela forte crise no Líbano.

Desse modo, Foz do Iguaçu recebeu mais imigrante no segundo ciclo, o que caracteriza a população como sendo cerca de 90% muçulmanos (YEKEGAYA, 2006). As cidades de Curitiba e Ponta Grossa também se constituem em centros importantes da territorialização sírio e libanesa, sendo que receberam aportes de imigrantes desde as primeiras levas que chegaram ao Brasil. Nesse sentido, Nasser (2006, p. 71) apresenta um depoimento que mostra os fatores que faziam com que o imigrante convergisse para estes lugares:

Indagado porque preferiu Curitiba a outros destinos, como São Paulo, cidade que pelas suas dimensões, à época, teoricamente ofereceria maiores oportunidades econômicas e condições de sobrevivência, conta Hassan: “(Vim para Curitiba porque) alguns (parentes me) antecederam, vieram em 1926, 1928 morar aqui. Então, quando eles chegaram, encontraram mais facilidade através de outros conterrâneos que chegaram antes deles. Uma leva muito

pequena, muito pequena, foi para Ponta Grossa, mas 90% dessa leva veio morar em Curitiba. Então eles sabendo que tem um conterrâneo da mesma cidade, da mesma língua, da mesma cultura, ele achava mais facilidade, um ajudava o outro”.

De uma forma ou de outra, a vida econômica não mudou desde os primeiros libaneses que aqui chegaram, até os imigrantes das últimas levadas, pois, segundo Nasser (2006, p. 102), a

Atividade comercial ambulante, que se tornou o meio por excelência de acumulação especialmente para os imigrantes que chegaram à cidade nas décadas de 1950 e 1960, se fazia por dois caminhos possíveis: o imigrante investia o capital trazido do Oriente na aquisição do estoque ou comprava a mercadoria de maneira antecipada junto a um atacadista – normalmente “patrício”, ou seja, oriundo da mesma região – e pagava o valor após a realização das vendas, geralmente com juros.

Existem muitos casos de libaneses que conseguiram desenvolver-se economicamente. Porém, Nasser (2006, p. 107) também apresenta “[...] casos de imigrantes que não conseguiram ultrapassar o nível de pequenos comerciantes e há situações em que a condição sócio-econômica dos filhos e netos em território brasileiro piorou em relação à dos antepassados”.

Assim, podemos afirmar que o Paraná sempre apareceu aos olhos dos sírios e libaneses como um lugar atrativo para o desenvolvimento de suas atividades, recebendo membros dessa comunidade desde o início da imigração para o País, até hoje.

### **3.3. Os primeiros libaneses de Guarapuava.**

Conforme já dissemos, a história oficial do município (tanto feita pelos órgãos públicos, como pelas pesquisas acadêmicas, sobretudo, no campo da historiografia) negligencia, em boa parte, algumas das minorias que compuseram etnicamente Guarapuava. Uma exceção parece ter sido Teixeira (1993), de onde tiramos as fotografias que compõem esta parte do trabalho.

Segundo o “discurso oficial”, o município foi criado em 1818, quando o Padre Francisco das Chagas Lima pediu a D. João VI, para criar a Freguesia de Nossa Senhora de Belém, sendo esta instalada somente em 09 de dezembro de 1819. Nessa data, foi assinado o Auto de Fundação de Guarapuava. Dá-se ênfase também, aos

militares de época, que desterritorializaram os povos indígenas que ocupavam os campos e matas da região, contando de suas bravuras durante os conflitos.

De maneira geral, os discursos que falam sobre a cidade levam em conta os fatores de criação e desenvolvimento do município, como se formasse uma unicidade, sem considerar suas diferenças, contradições e conflitos. Segundo Lacheski (2009, p.25), “sobre o sistema épico do bandeirismo do século XVII e da conquista militar do século XVIII, sobreveio no século XIX, o movimento de ocupação das terras conquistadas para o seu aproveitamento econômico”.

As análises de composição desse espaço, normalmente, levam em consideração os períodos econômicos pelos quais o local passou (tropeiros, erva-mate, madeira), salientando o papel da sociedade campeira, lusitana, na formação inicial da cidade. Assim, o grupo cultural formado pelos libaneses tem poucas referências, tanto na academia, como nos discursos oficiais.

Em visitas tanto ao museu do município, como em *sites* da *internet*, as referências que se acham sobre os libaneses em Guarapuava não passam de um parágrafo e podem ser exemplificadas no seguinte comentário: “Imigração Libanesa - Muitos libaneses vieram na metade do século XX. Em sua maioria eram católicos, mas também emigraram muitos libaneses muçulmanos que construíram a Mesquita de Guarapuava” (Wikipedia, 2011) <sup>6</sup>.

Em outro caso, encontramos um texto publicado no site da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO) que fala sobre os povos que imigraram para Guarapuava, tecido pelo professor Salis (2011), no qual se lê:

[...] a região já era povoada por povos nativos e, posteriormente, chegaram ou foram enviados: degradados do Brasil Império; portugueses; espanhóis; negros escravos e libertos; sírio-libaneses; europeus ocidentais, italianos e alemães; europeus do leste, ucranianos e poloneses e grupos étnicos-linguísticos alemães que viviam no leste europeu como os suábios, fundadores das colônias de Entre Rios nossa vizinha.

Ou seja, apenas mais uma menção à presença de imigrantes sírio-libaneses em Guarapuava, sem contudo, apresentar maiores detalhamentos, tal como todos os demais trabalhos que tivemos acesso.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guarapuava> consulta em: 22/10/11.

Marcondes (1998, p.91) trata o tema como “árabes e sírios-libaneses” que

Desde o início deste século já existiam registros sobre a presença de árabes e sírios-libaneses no Município de Guarapuava, praticando o comércio.

No início como mascates, percorrendo as ruas da cidade com suas malas nas costas e povoados mais distantes, no lombo dos burros.

Depois como comerciantes estabelecidos, vendendo ao mesmo tempo tecidos, armarinhos, chapéus, armas e secos e molhados, na medida de litro, quarta ou alqueire.

Atualmente, existem fortes firmas de propriedade de árabes e sírios-libaneses que atuam no comércio guarapuavano.

Trouxeram para Guarapuava a sua cultura milenar, com sua culinária farta em frutas, cereais e leite; pratos típicos como o “quibe”.

Na arte, trouxeram a dança do ventre e no artesanato, os tecidos pintados e os brocados, jóias e cerâmica oriental.

Parece muito mais um relato de como o senso comum tem a idéia do que seja o árabe (construída pela televisão) e não necessariamente o Libanes, primeiro o mascate que vende bugigangas, depois junta dinheiro se estabelece, cria algumas firmas, tem suas danças sensuais, roupas e algumas comidas que fazem parte do dia-dia do brasileiro. Mas nem todos foram mascates, nunca existiram grupos de dança de Libaneses em Guarapuava e mais uma vez trata-se o tema como sírios e libaneses, quando na verdade temos descendentes apenas de libaneses em Guarapuava.

Krüger (2007) por sua vez, ao contar a história de Guarapuava em seu livro, não faz menções do grupo de libaneses que vivem nesta cidade. Apenas na página 204, tem uma nota dizendo que a “Mesquita Muçulmana, construída em 1979”. Assim justificamos o desenvolvimento desta pesquisa para suprimos essa lacuna na reconstrução da história da cidade.

Nas pesquisas nos Acervos Históricos disponíveis em Guarapuava, encontramos documentos que comprovam a presença de libaneses (não de sírios, conforme já comentamos) desde, pelo menos, o ano de 1900. Alguns registros criminais da cidade de Guarapuava são reveladores dessa presença (Quadro 1).

Este foi o primeiro registro que encontramos de pessoa com o sobrenome de origem árabe – Gabriel Caram – na cidade de Guarapuava, que evidencia a presença, mesmo que seja de passagem, de pessoas dessa procedência.

Quadro 1- Registro criminal de Guarapuava em 1900.

<b>Nº:</b>	900.2.505	<b>Início:</b>	26.05.1900	<b>Término</b> :	13.06.1900
<b>Fundo:</b>	Juízo de Direito da Comarca de Guarapuava				
<b>Local</b> :	Guarapuava	<b>Nº Doc.:</b> -	<b>Nº Caixa:</b> 19	<b>Nº Pág.:</b> 55	
<b>Autora:</b>	Promotoria Pública				
<b>Réus):</b>	Gabriel Caram				
<b>Vítima(s)</b> :	Amantino do Nascimento Rocha				
<b>Assunto:</b>	Homicídio	<b>Tipo de Arma:</b>	De fogo		
<b>Resumo:</b>	Réu atira na vítima quando discutem na mesa de jogo, a vítima morre logo após				
<b>Conclusão</b> :	Absolvido				
<b>Juiz</b> :	João Capistrano de Araújo Ribeiro				
<b>Escrivão:</b>	Francisco de Paula Alves				

Fonte: Acervo histórico da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO) consulta em setembro de 2011.

Realizamos uma busca nesses arquivos criminais – que estão disponíveis desde os anos de 1860 até 1975 – e verificamos que, no ano de 1951, já havia pelo menos um juiz de direito atuando na cidade, com sobrenome árabe, trata-se de José Said Zanlut.

Quadro 2- Registro criminal de Guarapuava em 1951.

<b>Nº:</b>	928.2.1545	<b>Início:</b>	17.11.1928	<b>Término:</b>	23.01.1951
<b>Fundo:</b>	Juízo de Direito da Comarca de Guarapuava				
<b>Local:</b>	Guarapuava	<b>Nº Doc.:</b>		<b>Nº Caixa:</b> 46	<b>Nº Pág.:</b> 71
<b>Autor(a):</b>	Promotoria Pública				
<b>Réu(s):</b>	Manoel Pereira e outros				
<b>Vítima(s):</b>	Pedro Bello dos Santos e Hermelino Ardeiro Famásio				
<b>Assunto:</b>	Homicídio	<b>Tipo de Arma:</b>	de fogo		
<b>Resumo:</b>	Os réus, no cumprimento de uma diligência, assassinaram as vítimas				
<b>Conclusão:</b>	Ação prescrita				
<b>Juiz:</b>	José Said Zanlut				

Fonte: Acervo histórico da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO) consulta em setembro de 2011.

Também buscamos pelos nomes de origem árabe nos jornais da cidade, que circularam entre 1880 até 1930, e no jornal O Pharol, de 1921, encontramos um anúncio comercial da loja do senhor Salim Abib, localizada na Rua Benjamin Constant. Notamos, ainda, que o antigo dono do estabelecimento também tinha origem árabe. Trata-se de Salim Tauile, dono da “Antiga Casa Moderna”, que se constitui numa das primeiras materializações de estabelecimentos comerciais de origem “árabe” na cidade.

Neste mesmo jornal, encontramos ainda a relação de pessoas que recebiam telegramas na cidade e o nome de Felipe Karam aparece na relação de pessoas que utilizavam este meio de comunicação da época (Figura 1).

**Lisbôa & Filhos**  
Rua Benjamin Constant n° 46  
Com casa Filial no Alto Cascavel

Grande e sensacional venda de artigos para inverno, adquiridos nas principais fabricas e casas do Rio de Janeiro e S. Paulo.

Perfumarias, chapé- os, calçados, armari- nhos, ferragens, dro- gas, fazendas finas e grossas, roupas fei- tas, objectos para montaria, bebidas, lou- ças e comestiveis, em grã n d e quantidade.

*Secos e Molhados*

Em nossa bem sorti- da filial no Alto Cas- cavel, temos sempre em deposito, grã n d e quantidade de sa., fa- rinha de trigo, keroze- ne, assucar, café, etc.

Nenhuma questão fazemos em acompa- nhar qualquer preço da praça.

(Casa do Snr. Mendes de Camargo  
GUARAPUAVA PARANÁ

**Casa Salim Abib**  
Antiga «Casa Moderna» de Salim Tauile

Grande liquidação, pelos preços de factura dos artigos em stock, taes como :

Fazendas, Armarinhos, Chapéos, Calçados e conservas estrangeiras.

Perfumarias (Roger Gal'et, Houbigant, &)

**VER PARA CRER**

**N. B.** Esta liquidação, pela factura, se- rá até finalizar toda a venda do stock actual.

**Rua Benjamin Constant**

Figura 1 – Propaganda comercial de árabes no jornal O Pharol.

Fonte: Fonte: Acervo histórico da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO) consulta em setembro de 2011. Imagem trabalhada por Anderson Muzzolon.

No ano de 1930, era possível encontrar os descendentes de libaneses estudando em escolas tradicionais da cidade, como o colégio São José, que funcionava nos fundos da casa paroquial e oferecia o curso primário de 1ª a 5ª séries. Na foto 1, em terceiro plano, o segundo aluno da esquerda para a direita é o estudante Jorge Karam. Fato que exemplifica a importância da educação para os libaneses, que faziam seus

filhos estudarem nas melhores escolas da cidade e, dessa forma, se integrassem à sociedade local.



Foto 1- Alunos da escola São José no ano de 1930.  
Fonte: Teixeira, L. C. (1993).

De modo geral, os descendentes de libaneses sempre tiveram papel importante na sociedade guarapuavana, trabalhando além do comércio, em instituições de ensino. Como verificamos em 1958, a senhora Malvina Abib (centro da foto 2) era diretora do educandário Nossa Senhora do Belém.



Foto 2- Alunos e diretora do educandário Nossa Senhora do Belém em 1958.  
Fonte: Teixeira, L. C. (1993).

Verificamos que, depois dos Libaneses pioneiros de Guarapuava, que chegaram ao final do século XIX e início do XX o grupo libanês veio crescendo até a década de 1930, quando foi possível montar um time de futebol, que contava com atletas brasileiros e libaneses.

Segundo Teixeira (1993, p. 139), “em 1933 foi fundado o Síria Futebol Clube, uma agremiação que contava com destacados esportistas da colônia síria de nossa cidade, tendo como figura de proa Demétrio Akonoai e mais Gandur Abib, Salomão Abib, Nicolau Abicalaf, José Bitar e outros”, sendo que todas estas pessoas citadas tem origem libanesa, mas apesar disso o time não era só composto por libaneses.

Na foto 3, temos os componentes do time, alguns com sobrenomes de origem libanesa e outros não, seguindo na seguinte ordem, vemos em pé, da esquerda para a direita, Itália Manente Ribas (uma das madrinhas do time), Lírio Amaral, Cabo Honório Santos, Mário Amorim Knuppel, Atílio França, Renato Guedes, Saloa Abicalaf Cailôt (outra madrinha) e Demétrio Akaoni. Ajoelhados, na mesma ordem, João Ferreira, Deodoro Rosa e Romeu Polli. Sentados, Teodoro Ferreira, Ernesto Wagner e Juraci, ainda sentados em cima da bola o então garoto João Akaoni, filho de Demétrio Akaoni (TEIXEIRA, 1993).



Foto 3 – Formação do Síria futebol Clube de Guarapuava, no ano de 1933.  
Fonte: Teixeira, L. C. (1993).

Cabe-nos perguntar por que do nome “Síria Futebol Clube”? Provavelmente em função do Líbano ainda não ter se firmado como um país independente e na data em que a foto foi tirada ainda era tratado como província da Síria, apesar de todos os sobrenomes citados serem de regiões que hoje pertencem ao território libanês, segundo o depoimento dos entrevistados e pesquisa na internet.

Depois que o Síria Futebol Clube deixou de existir, os descendentes de libaneses passaram a integrar outras equipes, como o Guarapuava Esporte Clube. Na foto do ano de 1946, (foto 4), podemos ver em pé, o terceiro da esquerda para a direita, o Dr. Demétrio Abib. Agachados, na mesma ordem, o primeiro é o atleta Alceu Ayres Karam e o quarto agachado Agenor Abib. Assim, nos parece que desde o início, os imigrantes que aqui chegaram contaram com grande inserção nas agremiações locais constituídas.

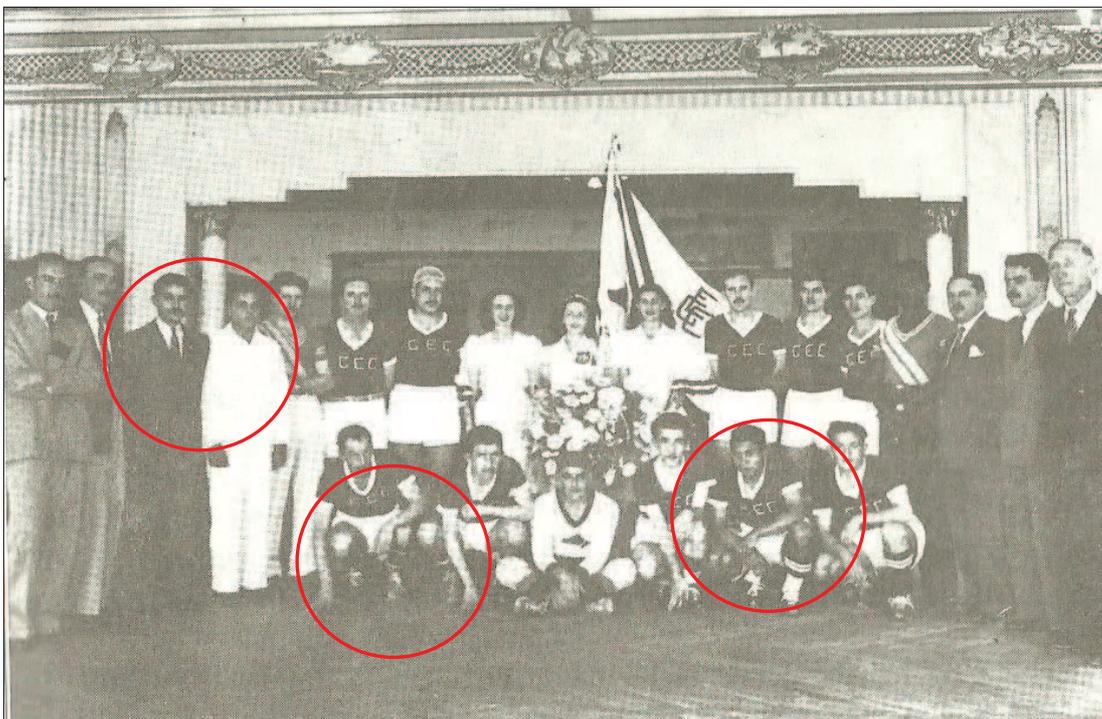


Foto 4- Formação do Guarapuava Esporte Clube em 1946.  
Fonte: Teixeira, L. C. (1993).

Os libaneses e seus descendentes, em Guarapuava, sempre estiveram envolvidos também com a política, auxiliando nas decisões que fizeram a cidade se constituir no que é hoje. Assim, encontramos registros que mostram que o primeiro vereador descendente de libaneses foi Fellipe Karam, primeiro da direita para esquerda (Foto 5), o qual exerceu dois mandatos consecutivos, de 1920 a 1924 e de 1924 a 1928.

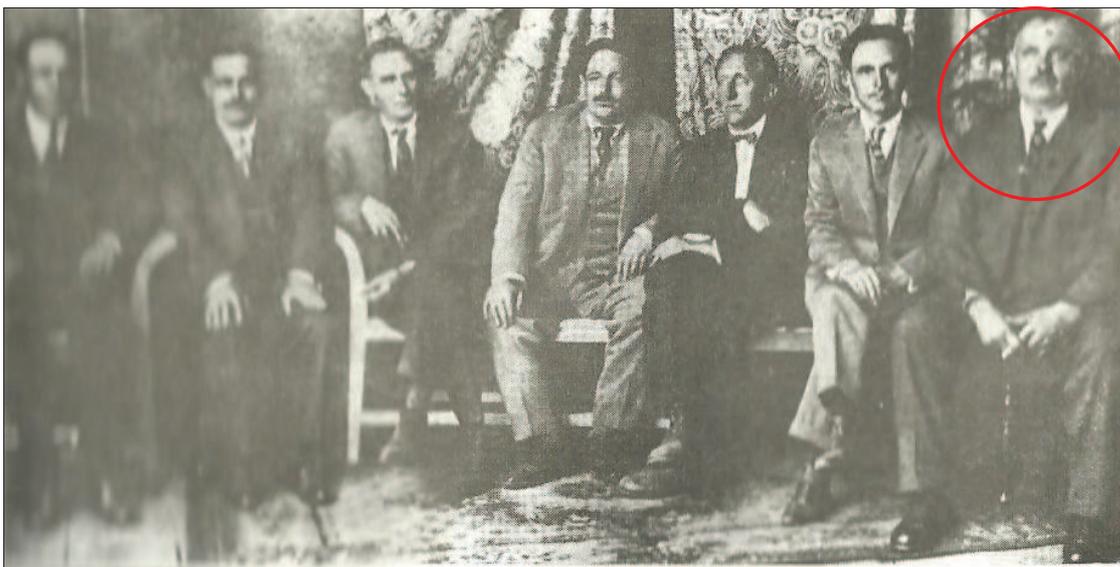


Foto 5- Vereadores de Guarapuava no ano de 1924.  
Fonte: Teixeira, L. C. (1993).

A tradição na política segue com vereadores como Emanuel Farah, eleito duas vezes na década de 1960 e, na década de 1970, entra na cena política a família Melhem, com o Dr. Abrão José Melhem, eleito duas vezes e também, em 1977, elege-se Elias Farah Neto. Em 1983, elege-se o vereador Dr. Élcio José Melhem, sendo reeleito em 1987 e atualmente é um dos vereadores de Guarapuava.

Segundo os depoimentos, os libaneses também se dedicaram a indústria, na região de Guarapuava, atuando no setor madeireiro, como a família Zattar, e no setor de papel, com a família Curi, sendo que esta chegou a cunhar moedas feitas de baquelita, usadas localmente, na década de 1940 e 1950 (foto 6).



Foto 6 – Moedas particular usadas pela empresa Elias J. Curi – anos 1940 e 1950.  
Fonte: [http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-233872578-5-fichas-moeda-particular-elias-j-curi-guara-anos-40-50-\\_JM?redirectedFromParent=MLB223924200](http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-233872578-5-fichas-moeda-particular-elias-j-curi-guara-anos-40-50-_JM?redirectedFromParent=MLB223924200).

Na área da saúde, temos hoje vários exemplos de descendentes de libaneses ou libaneses que estão atuando, nos campos da odontologia, pediatria, estética e outras especialidades que puderam ser comprovadas facilmente com as idas a campo (foto 7).

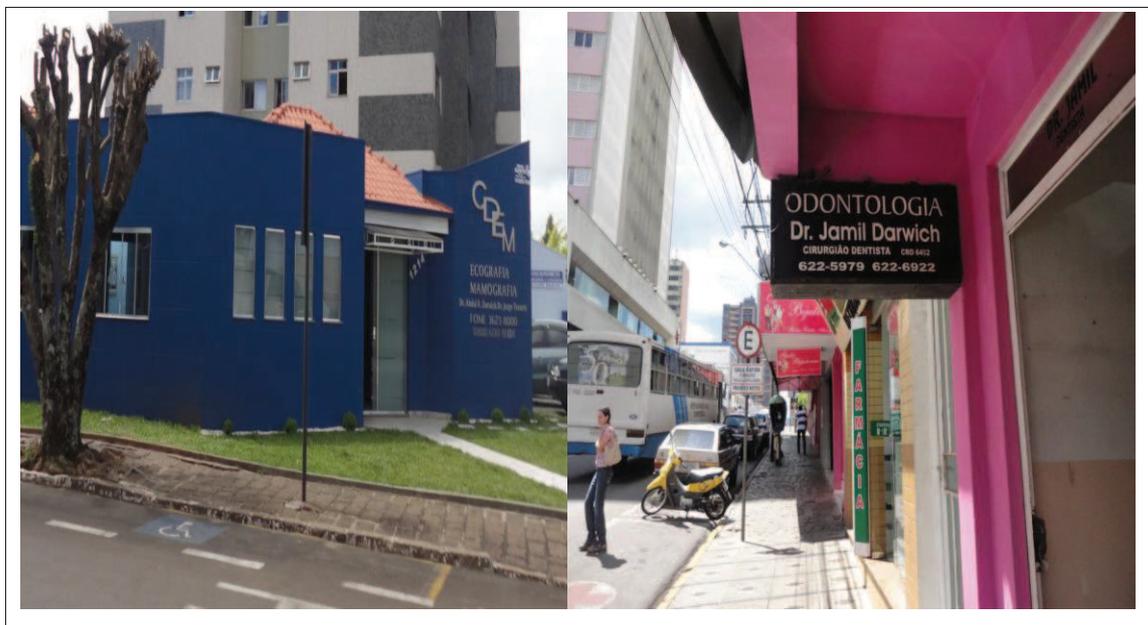


Foto 7- Estabelecimentos de saúde de libaneses em Guarapuava PR, 2012 (Abdul Daruich, a esquerda e Jamil Darwich a direita).

Fonte: Muzzolon, A. (2012).

Assim, podemos verificar como os libaneses e seus descendentes de libaneses vem trabalhando na cidade, indo do comércio, esportes, saúde, educação, indústria, engenharias e política. Apesar de termos todos estes registros, os libaneses que aqui moravam não constituíam uma comunidade coesa, pois estas pessoas estavam em número reduzido e, em função de seu ofício, relacionavam-se muito mais com a sociedade guarapuavana do que na formação de uma comunidade, que fosse para além dos laços de parentesco, com vistas à preservação de seus costumes. Nesse sentido, a família acaba sendo o principal foco de reprodução cultural dos libaneses, enquanto libaneses neste novo contexto socioespacial.

Dessa forma, podemos afirmar que os libaneses se fazem presentes na cidade de Guarapuava desde o final do século XIX e permanecem de forma mais ou menos dispersa até a década de 1960-70, na terceira etapa definida por Gattaz (2001), quando começa a haver novos fluxos, de forma mais consistente, como podemos perceber nos depoimentos que coletamos junto aos libaneses que moram em Guarapuava hoje.

Em entrevista com o senhor Rames Nicolas Hosni<sup>7</sup>, ele fala como era a relação dele com a cidade de Guarapuava e os moradores daqui, quando chegou à cidade. Verificamos que a atividade comercial contribuiu para o não fechamento em grupo, mas a inserção dessas pessoas no local onde vivem, como aprender a língua local, era uma necessidade, pois precisavam estabelecer relações de amizade, a fim de desenvolver a atividade comercial:

*A- Como era a cidade quando o senhor veio pra cá?*

*R- Guarapuava era uma vila pequena, 1956, uma vila.*

*A- E já tinha algum conhecido aqui nessa época?*

*R- Não, nessa época não tinha, nós abrimos lojinha e começamos a trabalhar.*

*A- Abriram a loja aqui mesmo na Saldanha Marinho (rua)?*

*R- Nessa rua mesmo, não saí desta.*

*A- A relação com as pessoas como era?*

*R- Sabe como é que é, quem abre loja, vem um cliente, vem um freguês, vêm amigos, vai conhecendo todo mundo.*

*A- Vai fazendo amizades? Mais com o pessoal que já morava aqui?*

*R- Sim.*

*A- Já residiam aqui?*

*R- Não, eles vêm de cavalo do Pinhão, mula e não tinha estrada aquele época, eles amarram aqui as mulas na rua, antigamente era coisa mais linda, não é como hoje. Vem pra cá, começa a comprar e outras, e fizemos assim, tem que trabalhar né.*

*A- E a comunidade de libaneses como era?*

*R- A comunidade aquele época não tinha.*

Podemos ainda perceber como foram os primeiros esforços dos libaneses para conseguir acumular capital (por meio da mascateação) e ter acesso a propriedade privada, cativando os primeiros clientes nas localidades próximas de Guarapuava. Neste depoimento, podemos ver que, ao chegar à cidade, em 1956, o senhor Rames não tem notícias de libaneses que moravam aqui anteriormente, sendo que sua relação era feita com a sua clientela e parentes (seu tio que veio morar aqui também – vindo de Ponta Grossa). Essa relação se dava justamente por não haver uma comunidade, que mantivesse os costumes, pois na época em que ele chegou à cidade, apesar de seu desconhecimento, já havia descendente de primeira ou segunda geração das famílias Karam, Abib, Abicalaf, Melhem, Curi, Zattar, segundo o depoimento de Hanna Khouri.

Os locais que essas famílias ocupavam eram onde a cidade terminava. Onde hoje se materializa a importante rua comercial Saldanha Marinho era na verdade os

---

<sup>7</sup> Empresário, cristão, trabalha como comerciante em sua loja Jamel Jeans, localizada na Rua Saldanha Marinho, chegou em Guarapuava em 1956.

limites da cidade. Tratava-se da “rua de baixo”, se formos considerar o modelo de formação de cidade português<sup>8</sup>.

No depoimento abaixo, Hanna Khouri nos mostra como que foi a percepção das pessoas da região, na década de 1960, quando a Br 277 foi mudada dos limites da cidade, na Avenida Moacir Julio Silvestre para o local onde ela se encontra hoje.

*A- A cidade terminava na Moacir Julio Silvestri?*

*H- É, ali passava a BR, quando fizeram a BR do lado de cá (onde está situada atualmente) o pessoal, os vendedor diziam que ia acabar o movimento de Guarapuava, porque o asfalto desviou a cidade. Isso foi em 66, 67 que fizeram a BR. A entrada era a Avenida Cascavel, vinha a Moacir Silvestri, saía pelo Morro Alto (bairro) entrada e saída de Guarapuava, no Trevo do Índio, quartel, policia militar, é lá era a saída da cidade então eles desviaram.*

Assim, de quando os primeiros libaneses chegaram à cidade até a década de 1960, ainda tratava-se de uma cidade pequena, como afirmou o senhor Rames Nicolas Hosni, em que as áreas mais densamente ocupadas eram o que hoje se constitui o centro da cidade, mesmos assim constituindo-se um espaço com várias áreas desocupadas (foto 8).

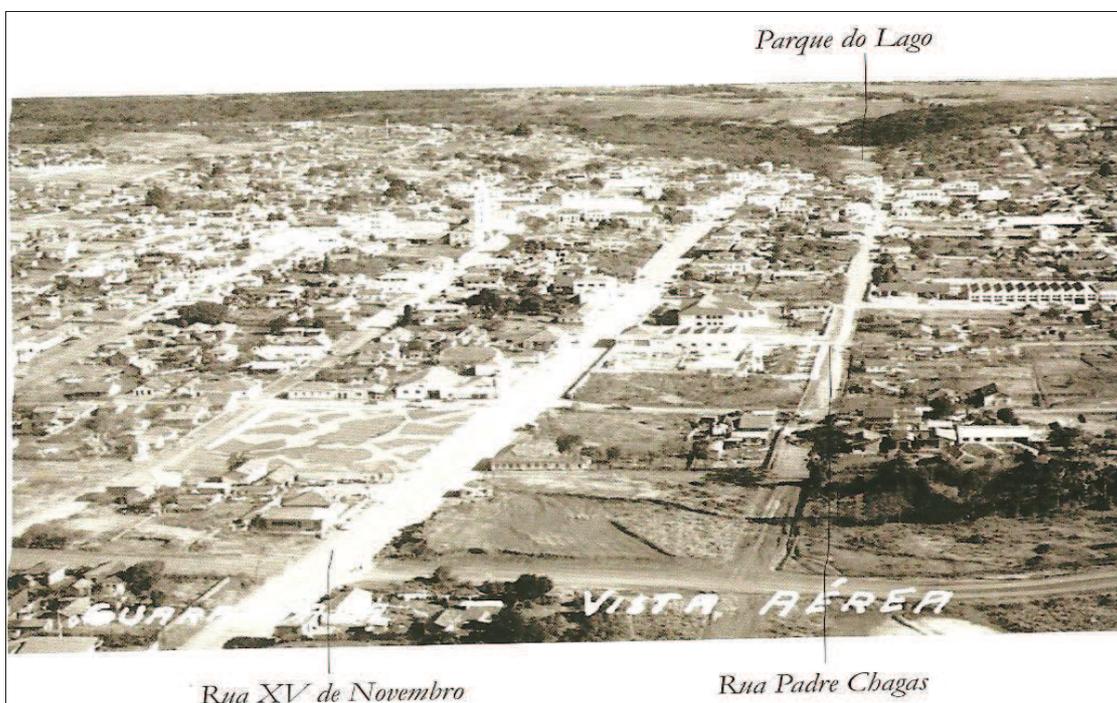


Foto 8- Vista aérea de Guarapuava em 1958.

Fonte: Krüger, 2007.

<sup>8</sup> Trata-se de um modelo onde se começa a construir a cidade no ato de sua fundação com uma igreja no local mais alto, em frente se tem um largo, ao redor deste largo moram os notáveis da cidade, enquanto que as demais pessoas passam a integrar as ruas que se situam abaixo deste local mais elevado.

A maioria das ruas da cidade não era pavimentada, principalmente as ruas da periferia como a Saldanha Marinho, que acabou se tornando local de maior concentração dos libaneses ao longo do tempo (foto 9).



Foto 9- Rua Saldanha Marinho (1919).  
Fonte: Krüger, 2007.

O número de famílias libanesas foi crescendo até a década de 1980, como percebemos no discurso de Jamil Darwich, que chegou à cidade na década de 1970. Ele afirma que, no final desta década, existia na cidade cerca de 70 famílias e, apesar disso, hoje esse número encontra-se reduzido, pois como ele disse boa parte das famílias deixou Guarapuava.

*J- Na verdade essas setenta famílias não voltaram pro lugar de origem, eles esparramaram aqui no Brasil, eles estão uma parte em São Paulo, uma parte em Foz do Iguaçu, parte no Paraguai. É poucos que voltaram, porque raramente o libanês vai pra um lugar e fica nela pra sempre, nós temos libaneses aqui que tem propriedades em Guarapuava, que tão alugadas, e eles vem uma vez por ano, tá no nome das imobiliárias, eles vem uma vez por ano, e sempre eles vem aqui, dificilmente o libanês deixa o lugar que ele gosta, onde ele fez a vida, onde ele fez os contatos, a gente respeita muito essa parte.*

Rita Reda ainda nos mostra que, com a morte de alguns libaneses antigos, mesmo que a família tenha crescido na cidade, os mais novos perderam o hábito de, por exemplo, frequentar a mesquita.

*R- Pois olha quando eu vim para Guarapuava que tinha umas como vou te dizer se bem que agora cresceu como descendentes de árabes naquela época que eu vim para cá tinha muitos os mais velhos e hoje são os mais jovens dessas famílias que eu conheci realmente era maior sim era maior que os mais antigos aqui que deles lá já faleceram sabe.*

Dessa forma, hoje, os representantes da imigração libanesa em Guarapuava tem seus membros reduzidos em função da busca por novas oportunidades em outras cidades e também em função dos descendentes não terem instituições que os faça afirmar a cultura libanesa. Essas oportunidades podem ser tanto na área do comércio, como da educação, uma vez que os libaneses, de uma forma geral, buscam sempre uma qualificação profissional na área da saúde, direito e engenharias, que ainda são deficientes em Guarapuava.

Assim, verificamos que a presença dos libaneses em Guarapuava, como em várias cidades do Brasil, é marcante e imprime no tecido urbano suas características, sob múltiplos aspectos, que parece impossível não perceber essa presença: o idioma falado constantemente pelos imigrantes, os nomes para seus estabelecimentos; seus trajes tradicionais, especialmente no tocante às mulheres muçulmanas; e um jeito próprio de comerciar, que não deixa dúvidas para a população em geral que aquela é uma loja de “turco”.

## CAPÍTULO 4

### **DES-RE-TERRITORIALIZAÇÃO LIBANESA E A FORMAÇÃO DO LUGAR: PRODUÇÃO ECONÔMICA E CULTURAL DO ESPAÇO URBANO EM GUARAPUAVA.**

Para quem mora na cidade de Guarapuava, o contato com libaneses e descendentes é um fator do dia a dia e, muitas vezes, pode passar despercebido. Contudo, qual morador mais antigo desta cidade poderia dizer que não conhece a família Melhem, dos profissionais da advocacia, da saúde e da política, a Rua Saldanha Marinho, onde se podem comprar roupas de qualidade na Jamel Jeans da família Hosni, ou na Casa da Economia da família Reda? Seguindo ainda nesta mesma rua, podemos comprar roupas para bebê no *shopping* do bebê Jamalito. Já na Rua Guaira, podemos ver a senhora Soad Darwich, comerciante, usando lenço em respeito à sua religiosidade, chamando os clientes para as compra: “vizinho chegue no lojinha”, e próximo ao terminal de ônibus urbanos, o senhor Ali Bakarar, atendendo na loja Formosa, pessoa de extrema simpatia e, de repente, até tomar um “café libanês” em sua casa, com aquelas xícaras sem cabo e bule decorado com símbolos árabes. E porque não falar da família Safadi Kamas, do comércio e da advocacia, além dos Tarech, Hauagge, Karam, Khouri, Haick, Zattar, Bittar, Nasser, Omar, Curi, Habicalaf, Abdenur, Nemes, Matne e outros que ajudam e ajudaram a construir o centro urbano de Guarapuava e fazem parte desta sociedade.

Neste capítulo, buscaremos representar como foi a imigração libanesa para Guarapuava, identificando os locais de origem dessas pessoas, as atividades desenvolvidas antes de migrarem, o momento da partida, o recomeço num novo lugar, as novas negociações territoriais, a construção do urbano e as relações atuais.

#### **4.1 A vida no Líbano.**

Os libaneses que encontramos em Guarapuava apresentam alguns traços comuns quanto às atividades que desenvolviam no Líbano, todos os entrevistados declararam que suas famílias dedicavam-se a atividades agrícolas, como a plantação de trigo, azeitonas, figos, cerejas e tabaco.

Desse modo, trata-se de pessoas que trabalhavam com a terra, antes de tudo, mas então fica a pergunta, por que na vinda para o Brasil, os libaneses dedicaram-se, na maioria dos casos, ao comércio?

Pelo que podemos compreender dos depoimentos tomados junto aos imigrantes entrevistados, esta preferência pela atividade comercial, em solo brasileiro, não se deu por mera herança de seu passado na Antiguidade<sup>9</sup>. Exigiu um esforço de adaptação, pois uma parcela dos libaneses que chegaram a Guarapuava vinha das regiões rurais do Líbano, especialmente do Vale do Bekaa, tendo nascido em famílias que se dedicavam a atividades do campo. Este foi o caso de Hanna Khouri (que chegou ao Brasil em 1953). A família plantava em pequena escala numa propriedade de dimensões reduzidas, como, aliás, a maioria das propriedades rurais do país, dada a extensão territorial do Líbano: 10.400 quilômetros quadrado.

*A- Que atividade que a família do senhor desenvolvia?*

*H- Agricultura, tudo agricultura, quem disse o contrário está mentindo. O senhor está me entendendo? Porque uma vez eu vi aqui, não posso citar nomes, eu sou católico, porque eu sei que quem não é católico, eu não gosto de citar nomes, é agricultura meu amigo, eu não trabalhei porque não tinha idade. O que se plantava era lentilha, grão de bico, trigo, coisas simples para sobreviver.*

No depoimento de Jamil Darwich, ele revela que sua família aliava a atividade agrícola à comercial. No seu caso, a produção agrícola não era comercializada por meio de atravessadores, mas diretamente ao consumidor final, em feiras, ou pessoalmente, na propriedade. Este sistema de escoamento da produção e venda exigia do agricultor algum conhecimento – mesmo que rudimentar – de técnicas de comércio.

*J- Plantava na verdade os alimentos, os alimentos que a gente consome que são trigo, lentilha, grão de bico, é tudo o que a gente come, verduras, legumes, mas pra, pra dinheiro mesmo, pra atividade comercial planta fumo.*

Acreditamos que esta experiência obtida na comercialização da produção da pequena propriedade rural tenha auxiliado não apenas Jamil e seus parentes emigrados, mas os imigrantes libaneses da região do Bekaa a terem maior facilidade na adaptação à atividade comercial no Brasil.

---

<sup>9</sup> Nas entrevistas os libaneses e seus descendentes citam o povo Fenício como seus ancestrais, os quais eram conhecidos como hábeis comerciantes da Idade Antiga.

Em um trecho da entrevista Hamidi nos fala das regiões do Líbano que apresentaram fatores mais fortes de expulsão, deixando claro como a pobreza também foi importante no processo de emigração do Líbano.

*H- Nas cidades mais desenvolvidas de Pisa, Saida, Trípoli nesses lugares mais assim o pessoal não migrou. Mas o pessoal do interior necessita de emprego, a falta de condições também, o medo da guerra.*

O fato de a origem dos entrevistados ser de cidades e aldeias do Vale do Bekaa não é gratuito: está ligado às condições socioeconômicas da região. O Líbano conquistou sua independência política formal da França em 1943. Os governos instalados, a partir de então, promoveram projetos de desenvolvimento que não atingiram de forma homogênea os diversos setores da sociedade. Em alguns depoimentos, aparecem afirmações de que as regiões mais a Oeste do país, notadamente as cidades do litoral e aquelas situadas no Monte Líbano, ofereciam melhores condições de vida aos seus habitantes, as regiões rurais a leste, especialmente as do Vale do Bekaa e do sul do país, permaneciam em estado de subdesenvolvimento.

Além disso, também notamos que outros fatores fizeram com que ocorresse a emigração do Líbano:

*A- Por que a família do senhor resolveu sair do Líbano e vir pra cá?*

*H- Ai é um pouco complicado, não complicado, além de aqui oferecer uma terra de abundante de farturas, tudo mais aqui, o problema é guerra mais guerra no oriente surgiu, porque a Turquia o senhor sabe que dominou nossa terra lá, sem contar que lá era um regime muito rígido, uma pessoa que não tinha um país quando é subjugado, ele não pode ter o povo em liberdade, pra nada meu amigo. E outro povo que eles tinham, pra pagar seus impostos, mesmo que não sendo em dinheiro, em produto, tinha que pagar, eu era criança e via até os mais velhos dizer que os turcos foram muito ruins, isso que eles falam, e põe um R desse tamanho. Depois da segunda guerra, antes já houve as primeiras imigrações, por que a América oferecia muita chance da pessoa adquirir, aqui é uma terra muito abundante, e não foi só da nossa terra, também japoneses, chineses e outros vieram pra cá, saíram de lá um povo pobre e viviam se digladiando, você pega toda aquela região, se você analisar. Porque aqui é uma terra que oferece muito chance.*

*A- Sabemos que os libaneses escolheram também a Argentina, os Estados Unidos, por que a família do senhor escolheu o Brasil, o que falavam pra eles do Brasil?*

*H- Aqui é um país bom, meu amigo, de fato um país bom, eu não sei, eu viajei pouco, não muito, mais de Minas Gerais até o Rio Grande, viajei um pouco, nunca me senti discriminado, meu amigo, eu sou meio político, sou metido em política aqui, se quiser discutir comigo, é um atraso de vida, hoje não, hoje me desanimei, então nunca me senti discriminado, mesmo não sendo natural, mesmo antes de me naturalizar, antes de naturalizar, eu escrevia certos artigos modestos no jornal daqui, e assinava minha esposa, ela é Guarapuavana, ela é neta (de libaneses), Seu João (HANNA), o senhor vai ficar preso, não tem problema, se eu for preso, vou ter o maior prazer de ir pra cadeia, mas vou escrever, em muitos países aqui, talvez um cidadão não tenha o direito, na sua própria terra, de escrever sobre a intenção dos inteligentes e aqui é um país muito bom de se viver. O povo é bom, o povo brasileiro é muito bom mesmo.*

Verificamos que a busca por maior liberdade de expressão também contribuiu com a emigração, o Brasil era visto e vivido, pelos libaneses, como um país onde se podia mostrar suas ideias e participar até mesmo da política. Apesar do Brasil ter vivido em regime ditatorial de 1964 até 1985, os libaneses conseguiam ver mais liberdade aqui do que no Líbano.

De modo geral, as pessoas que vieram para cá, eram bem instruídas para a época, pois declararam que, quando vieram para o Brasil, tinham completado o equivalente ao ensino médio de hoje e, normalmente, sabiam falar duas línguas, a árabe, a francesa, ou inglesa, e, no contato com o Brasil, acabam aprendendo uma terceira, a portuguesa.

Ao rememorar os motivos da viagem em direção ao Brasil, os imigrantes entrevistados são unânimes em afirmar que o sustento da família numerosa era difícil, dada a conjuntura econômica e política do país de origem. No Líbano, o período de crise econômica foi também um momento de efervescência política. O embate entre os diferentes grupos políticos e religiosos pela disputa do poder na região foi um dos motivos que fez com que muitos libaneses deixassem o país, localizando-se na terceira fase identificada por Gattaz (2001).

A falta de perspectivas econômicas foi um dos fatores que mais estimulou a vinda de imigrantes árabes do Líbano para o Brasil. O senhor Ramez Nicolas Hosni, nos fala sobre os motivos que o fizeram vir para cá.

*R- É pelo seguinte: estava no exército no Libano, então eu pensei, pensei que o futuro grande não tem o Libano um capital (país) pequeno, mais ou menos Guarapuava e municípios assim, é pequeno, daí peguei, peguei uma carta, fiz uma carta para meu irmão, meu irmão de Ponta Grossa, e falei, expliquei para ele, a vida assim não tem opções para crescer, não tem campo,*

*eu preciso ir para o Brasil, aí ele fez uma autorização e mandou para o Líbano e daí embarquei para cá.*

Os relatos desses imigrantes, apesar das diferentes experiências de vida e de motivos que os fizeram imigrar, revelam um ponto em comum: a vinda para o Brasil não atendeu a motivações de juventude, ou a ímpetus desprovidos de algum tipo de planejamento e, talvez o mais importante, não ocorreu sem o providencial auxílio de parentes e conhecidos que tinham vindo antes, constituindo assim uma conjuntura de fatores que fizeram com que a imigração ocorresse.

*A – Que motivos fizeram o senhor deixar seu país de origem?*

*J- O motivo era que no Líbano, eu tinha um irmão que morava aqui, fazia quinze anos aqui, então minha mãe queria ver ele e ele não conseguia ir, então falava que tava ocupado, tava ocupado, aí eu vim aqui pra levar ele pra lá, e eu fiquei aqui no Brasil, eu gostei daqui, encalhei aqui, casei aqui, os brasileiros conseguiram tomar conta de mim e o que que eu vou fazer né? (risos) Não tive como fugir e não vou fugir também.*

*A- Por que seu irmão escolheu o Brasil para morar?*

*J- Porque tinha, tinha um tio dele, meu pai esteve aqui no Brasil, nos anos 50 na verdade, veio ver meu tio, então meu pai voltou, não se adaptou por aqui não teve sucesso comercialmente, voltou pra lidar com a agricultura lá e, depois meu tio mandou na frente o meu irmão, meu irmão veio aqui e ficou também, casou com brasileira, teve com ela lá agora, então resolveu vim pra cá, aí quando eu vim, ele veio por causa disso, e meu tio veio aqui antes que ele, porque era época assim como se fosse o coronelismo aqui no Brasil e um pouco de injustiça, falta de, falta de chance pra trabalhar. Então, como tinha libanês bastante no Brasil, então ele veio aqui sem saber nem falar, ele veio aqui, meteu a cara aqui, começou trabalhar de mascate e hoje, hoje ele mora também... tá com 85 anos, teve filhos, deu estudos pros filhos dele, os filhos dele são todos doutores aqui na cidade bem conhecidos.*

Antigos vizinhos na aldeia de origem, irmãos, tios e primos, que vieram anteriormente, constituíram uma rede primordial de recepção e solidariedade, que tornou mais fácil a introdução dos recém chegados na sociedade local, assim a família teve importante papel na imigração libanesa para o Brasil.

A existência prévia, no local de destino, de pessoas originárias da mesma localidade natal, da mesma aldeia, teria sido o fator determinante na atração de parte dos imigrantes libaneses para Guarapuava. Os pioneiros constituíram-se em referências, de quem os recém chegados poderiam obter auxílio, pois dominavam informações básicas sobre o idioma local, aonde ir, onde trabalhar, como se comportar

e a quem recorrer em momentos de dificuldade financeira ou doença. Nesse sentido, Itad Kasma (que chegou ao Brasil em 1993 e, atualmente, tem dois irmãos que moram aqui também) fala sobre o modo como um árabe ajuda o outro.

*I- Muito fácil muito fácil justamente aqui, para falar a verdade tá certo que o Brasil abre as portas para nós, para todos nós, todo o tipo de estrangeiro para falar a verdade. Tipo, nossa raça árabes, assim, nós temos uma coisa boa, um ajuda o outro bastante, tipo, eu venho de lá e não conheço ninguém, não precisa ser irmão, a gente chega ali, ele abre as portas para você, ele não vai deixar eu trabalhar de empregado, ele faz de tudo para mim, ajudar a fazer alguma coisa, a gente tem essa liga.*

*A- Tem essa união de grupo né?*

*I- De grupo, e um ajuda o outro né, tipo, eu não posso ver um libanês aqui quebrado, eu tenho que ajudar ele, sabe assim.*

Ao mesmo tempo em que esta rede de solidariedade trazia benefícios para os imigrantes, na forma de hospedagem, trabalho e companhia, oferecia vantagens para aqueles que estavam estabelecidos no Brasil e que, dessa forma, poderiam valer-se, para o bom andamento dos negócios no comércio, de uma mão de obra de confiança, geralmente pertencente ao mesmo grupo de parentela ou aldeia, querendo mostrar capacidade de trabalho e ganhar dinheiro.

#### **4.2. A partida: a busca por um novo lugar.**

Falar da partida do libanês para o Brasil exige considerarmos algumas pessoas que fazem parte dessa relação e que são percebidos nos discursos dos entrevistados. A primeira é a figura do pai, ou do avô, ou bisavô, aqueles que vieram para o Brasil na terceira ou quarta classe de qualquer navio disponível, que trabalhou duro na mascateação e gastou sem contar, para enviar os filhos para as melhores universidades e fazer deles seus sonhos concretizados.

Outra figura que aparece é aquela que nunca veio ao Brasil fisicamente, mas cuja alma pairou por essa terra numa saudade dolorosa: a mãe dos primeiros emigrantes que iniciaram sua viagem.

Khodr (1987, p. 61) nos fala sobre esta situação:

Um dia, o jovem entrava na casa e anunciava a mãe sua decisão de partir: “Dizem que, para além dos mares, há países onde o dinheiro é abundante. Deixa-me partir. Voltarei rico. E nada mais nos faltará”. Às vezes voltava.

Outras vezes, as dificuldades, ou o sucesso, ou alguma outra mulher o retinham em sua nova pátria. E, um dia, depois de uma longa espera, feita de esperanças sempre desmentidas e de angústia sempre crescente, a mãe fechava os olhos para o mundo sem ter visto o filho de novo...

Em cada clube libanês deveria haver uma estátua àquele antepassado, àquele mãe. Todo o sucesso da comunidade libanesa foi edificado sobre o seu amor aos filhos.

A viagem para um país distante e desconhecido não se faz sem apreensão, potencializada pela condição da incerteza. Em um trecho de seu depoimento, Hanna Khouri (que veio ao Brasil com 13 anos, sozinho) nos mostra a ansiedade e a angústia no trajeto do Oriente Médio para o Brasil. Aportando em Santos, um momento de alívio: o encontro com o seu tio, caracterizando um modelo que nos é apresentado, em que boa parte dos libaneses que chegaram aqui vieram por referências de parentes que já moravam no país e serviram de apoio e encorajamento para que se decidissem partir com destino ao Brasil, formando assim uma rede de solidariedade entre os patrícios.

*H- Quando o navio chegou em Santos, todo o mundo tava desembarcando e eu queria... Me seguraram, assim na mão, eu não entendia nada, por a mais b, não sei quem que me contou, tem patrício que falava não sei se castelhano, tava não sei se seguindo pra Argentina, português com castelhano dá, então ele falou que tem que subir, meu tio, entregaram pra autoridade, ele assinou documento dentro do navio, ele me pegou na mão, pra eu não descer sozinho, eu vim. Eu sempre fui um rapaz muito expansivo assim, depois aqui a vida judia muito da gente, nós éramos gente bem de vida lá, na época, eu tinha uma infância muito boa, depois com a morte do meu pai eu senti muito, mas mesmo assim, criança brincava e tudo mais. Então, eu queria vim conhecer a América, eu sei que, com certeza, eu tenho sangue aventureiro nas veias, entrei no navio, fui fazendo amizade com um... E tinha duas famílias que gostavam de mim, no navio, que ficou com dó de mim e lava minha roupa*

*A- E você veio sozinho?*

*H- Sozinho. É triste meu amigo, o senhor não faz ideia, eu tinha 13 pra 14 anos, então, até, até, eu vou dizer uma coisa pro senhor aqui, quando eu vi o navio se afastar do porto de Beirute, acabou o mundo, até hoje eu tenho... Não posso ver navio, me dá, me dá qualquer coisa, não posso ver...*

Dessa maneira vieram inúmeros libaneses que, ao chegar a Santos, dirigiam-se para o interior, normalmente passando por São Paulo e dali recebendo informações sobre outras localidades onde poderiam se estabelecer e desenvolver-se economicamente. A senhora Rita Reda nos fala sobre a referência que tinha da cidade de Guarapuava quando, há mais de 30 anos, resolveu vir morar aqui com sua família.

*R- As referências não eram muito boas. Primeiro, diziam que era uma cidade de cangaceiro, e a gente muito jovem vinha, até um pouco assustada na época dizendo que aqui era tudo resolvido a bala. E a gente chegou e, realmente era uma cidade assim... bastante árvores bastante assim, como vou te dizer, muito mato no meio da cidade assim. E assim, eu meio que me assustei no começo. Mas na verdade, não era nada daquilo. Era uma cidade muito tranquila, tanto que tive meus filhos aqui, você pode criar de uma maneira bem tranquila assim, sem muita violência, sem nada na verdade. Agora que tá crescendo mais e tudo né. Mas na época, era uma cidade muito pacata e realmente tinha um bom comércio.*

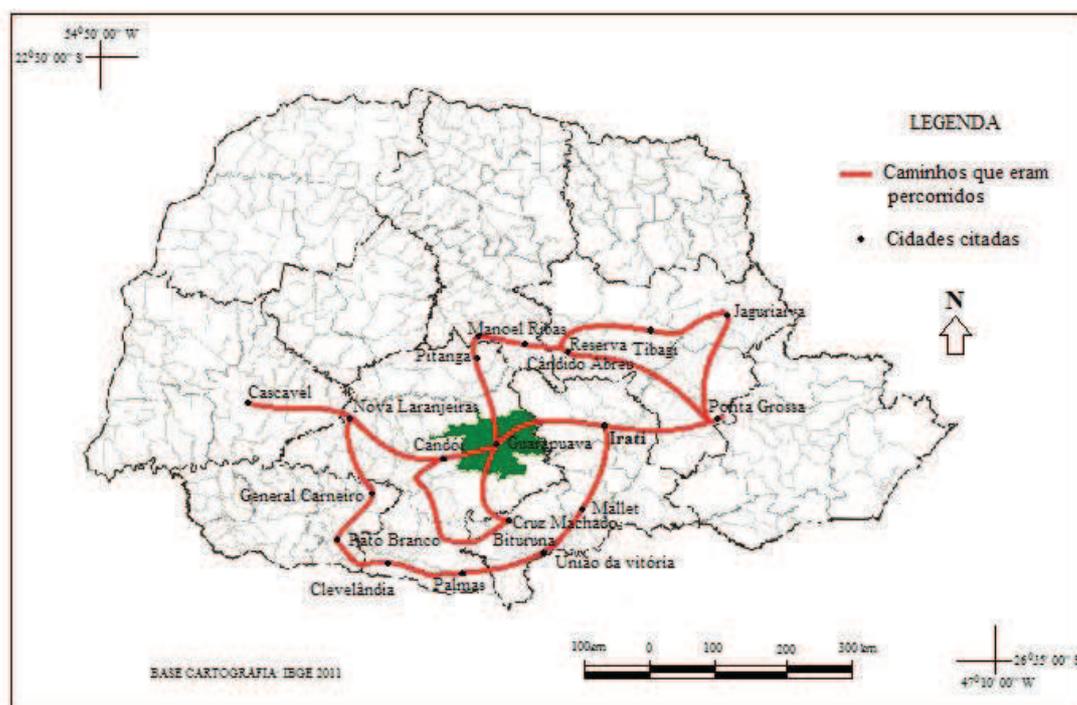
*A- Já tinha?*

*R- Tinha um excelente comércio, que vinha fazendeiro com família faziam aquelas compras grandes, que hoje já não tem mais né. Então, realmente era para o comércio. Foi muito bom para nós.*

O fator de ter essa relação com os fazendeiros da região nos remete a pensar no papel da figura do libanês mascate. A venda de porta em porta, por toda a região, foi um fator comum para os libaneses e uma estratégia de comércio, pois em cada visita se faziam novas amizades.

De maneira geral, a imigração libanesa para o Brasil reflete-se diretamente na construção dos locais formados em seu interior, como Guarapuava. Pois, assim que os primeiros libaneses chegaram, logo trataram de se espalhar pelo interior, fazendo a ligação de vários lugares e os colocando em cena. Locais, muitas vezes, distantes dos centros de comércio e que, a partir desse movimento, podiam contar com um articulador, o libanês mascate ou atacadista.

As localidades citadas nas entrevistas vão desde rotas que passavam por cidades próximas como o Pinhão, Bituruna, General Carneiro, Cruz Machado, Mallet, Rio Azul, Teixeira Soares, Irati e Pitanga; até rotas mais longas que chegavam a cidades como Cascavel, Palmas, Pato Branco, União da Vitória, Ponta Grossa, Jaguariaíva, Tibagi, Reserva, Candido de Abreu e Manoel Ribas (Mapa 2).



Mapa 2 – Rotas que os libaneses percorriam para comercializar com a região.  
Elaborado por: Anderson Muzzolon, 2012 (a partir de informações das entrevistas).

Este mapa nos mostra como os libaneses percorriam grandes distâncias pelo interior do Paraná, levando consigo não só mercadorias e propostas de negócios, mas também informações do que estava se passando em outras localidades, tornando-se pessoas muito queridas – e até esperadas – por onde passavam, marcando assim os lugares do interior do Estado com sua presença estrangeira. Lugares que até então eram mostrados nos discursos científicos e oficiais como fechados e livres de qualquer “contaminação cultural”.

Essas viagens pelo interior, além de cativar clientes, serviam para acumular capital para os empreendimentos que viriam nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Assim, na década de 1960, os alguns libaneses já materializavam, de forma mais consistente, suas lojas no centro da cidade. Apesar disso a sociedade estabelecida e dominante ainda tinha certos preconceitos quanto à qualidade dos produtos que os libaneses comercializavam, como podemos perceber na entrevista com uma das entrevistadas do Professor Nécio Turra Neto<sup>10</sup> ..

*N - E assim, na época que você, nesse período que vocês está contando, tinha uns turcos, como falam, aqui na Saldanha?*

*Entrevistada - Tinha, tinha...*

*N - E a convivência era tranquila?*

<sup>10</sup> Entrevista disponível no Acervo Histórico da Unicentro, realizada no dia 02/09/2006.

*Entrevistada - Tranquila...*

*N - E eles chegaram e você já estava por aqui?*

*Entrevistada - Já, já...*

*N - Você teve, você percebeu a chegada deles ou eles são anteriores?*

*Entrevistada - Não Nécio, a gente se deu por conta é... Porque... até era engraçado, porque tinha uma tia que vinha do interior e ela, cada vez que ela vinha, ela dizia, eu vou fazer compras, e eu vou fazer compras nos turcos... Mas nós não fazíamos compras nos turcos...*

*N - Ah é?*

*Entrevistada - Por que na época assim era, era coisa que não tinham qualidade, produtos sem qualidade. Então nós não fazíamos compras nos turcos... da minha família assim. Sabe Nécio eu já era... quando meu filho mais velho entrou na escola e daí que eles deram o uniforme, eu lembro que uma amiga minha chegou aqui... e ela é uma pessoa assim de um poder aquisitivo enorme, mas é uma pessoa que não é guarapuavana, veio morar pra cá porque casou com um guarapuavano... e ela chegou aqui em casa e disse assim pra mim, com o filho já de uniforme, e eu disse pra ela: “nossa que costureira que você levou pra fazer tão rápido?” Porque o (colégio) Belém dava amostra do tecido e a gente mandava... comprava na Casa Real, que era a única loja que tinha... E daí a gente mandava fazer. E ela disse assim pra mim, jamais vou esquecer, ela disse: “bom, você deve ser dessas metidas, bobas que não entram em casa de turco. Eu fui na casa de turco e já comprei a camisa pro meu filho, olha aqui que linda, muito bonita e meu filho já está de uniforme. Ou você é dessa que não vai em casa de turco?”*

*N - Ai que você percebeu?*

*Entrevistada - Ai eu percebi, ai eu percebi e foi uma chamada de atenção enorme porque daí eu fui e comecei a visitar (risos), e foi preciso essa amiga me dar esse chaqualhão...*

Na entrevista acima percebemos que as pessoas do interior do município e da própria região conheciam melhor os libaneses e seus produtos do que os moradores do centro da cidade. Notamos, assim, neste período (e talvez persista até hoje em parte dos guarapuavanos) uma estigmatização da dos libaneses e seus estabelecimentos pela “boa” sociedade local.

Como os libaneses eram mascates e vendiam no interior da região, os consumidores eram pessoas pobres na maioria. Isso se reproduziu depois na cidade, como a rua dos turcos, onde se vendiam produtos populares (com algumas exceções). As pessoas diferenciam isso e algumas não admitem comprar nessas lojas e nem serem vistas nestes locais.

Dessa maneira os libaneses trabalharam para a firmação da cidade como referência comercial na região, levando para o interior o nome da cidade e assim firmando as ruas Saldanha Marinho, Padre Chagas e Guaíra como importantes ruas

comerciais, criando uma simbologia da sociedade em relação aqueles espaços, em que vê aquelas ruas como o espaço do comércio dos turcos.

Por desconhecerem a história do Líbano, classificavam todos como turcos, loja de turco, ruas dos turcos, dando a impressão que lá se compra mercadorias de segunda linha, um imaginário que relegava o território dos libaneses a uma condição marginal no seio daquela sociedade.

Quando o libanês abria sua loja num local fixo, a clientela feita durante o período de mascate tendia a visitá-lo, preservando os laços de amizade feitos na região, pois não tinham as referências dos moradores urbanos que, muitas vezes, não tinham contato anterior com os libaneses, de modo que estes eram classificados unicamente a partir de alguns estereótipos.

Já os principais clientes iniciais dos libaneses em suas lojas urbanas eram pessoas da região, que os conheciam diretamente, pois estes os visitavam para além de vender seus produtos, fazer novas amizades, levar informações, enfim ampliar seu território comercial e encontrar nisso, seu nicho de mercado (como podemos perceber nas falas do senhor Rames e Jamil).

*A- Então o senhor sempre trabalhou no comércio?*

*R- Comércio, eu sabe que a minha vida, sabe como é que é a gente não é trabalhar assim direto no comércio, tem mascatear, tem que trabalhar, com malas e outras, ai comprei jipe, comecei a trabalhar, ai vendi jipe e abri uma bodega (loja).*

*A- E nos primeiros tempos o senhor não trabalhava com a mascateação?*

*J- Não, não mascateei de mala assim como meu tio, que veio primeiro, meu pai, todos eles, por exemplo, mas eu trabalhei, dirigir de carro, quanto tinha loja, carregava o carro de mercadorias e vendia pra cá no interior.*

*A- Que lugares que o senhor ia, que cidades?*

*J- Eu rodava por todo esse mundo aqui no sul, no sudoeste, chegava até General Carneiro, até Bituruna, chegava até Candói, Paz, Pato Branco, Laranjeiras, não deixava um canto, chegava até Góis Artigas, Inácio Martins, chegava em tudo que é lugar e a gente vende, a gente metia a cara e ia logo.*

A mascateação tinha as vantagens imediatas de dispensar qualquer habilidade ou soma significativa de recursos, não exigir mais do que o conhecimento rudimentar da língua portuguesa e possibilitar a acumulação de capital em função da exclusividade do esforço individual.

Depois de poucos anos de mascateação, o capital dos libaneses deslocava-se para o varejo e dali para aplicações no comércio atacadista, como é o caso hoje do Comercial do Turco (que é libanês, mas usa o nome como estratégia de comércio), localizado na Rua Guaíra, esquina com a Rua Tocantins, e que atende aos comerciantes de pequeno porte da cidade.

Assim, num primeiro momento tivemos a formação de um território rede, móvel alimentado pela mascateação e tendo visitas constantes nas rotas estabelecidas, depois, com mais capital, um território fixo, zonal que se materializa no espaço urbano por meio de lojas que foram se colocando em continuidade com outras lojas pertencentes também a libaneses, formando uma espécie de coesão funcional e étnica em duas ruas da cidade de Guarapuava.

Apesar das diferenças religiosas, torna-se cada vez mais forte a construção da ideia de “ruas dos turcos” (Saldanha Marinho e Guaíra), a partir das quais continuam a influenciar comercialmente o amplo território rede conquistado na época da mascateação e entrando de vez no território dos estabelecimentos locais de comércio de vestuário.

Hoje encontramos estabelecimentos comerciais de libaneses, localizados nas áreas centrais de Guarapuava, estas lojas são em sua maioria de vestuário (foto 10), mas temos outros casos, como a casa de tintas Hauagge (foto 11) que vende materiais de pintura.



Fotos 10 e 11 – Diferentes produtos comercializados pelos libaneses, lojas de vestuário e tintas  
Foto: Anderson Muzzolon (2012).

Temos também o exemplo da família Zattar, que foi além do comércio, e atua hoje na atividade industrial madeireira, no município de Pinhão, dando nome a uma localidade que se chama Zatarlândia, o que indica que esta família libanesa conseguiu completar o círculo econômico, vindo para cá como agricultores, trabalhando no comércio e, posteriormente, investindo na indústria, a exemplo de muitas outras famílias libanesas que vieram para o Brasil.

#### **4.3. As relações sociais dos libaneses em Guarapuava.**

As relações sociais dos libaneses nos pareceram muito mais no sentido de integração com a sociedade local, do que de um fechamento em grupo. De modo geral, as tradições que ainda são preservadas estão muito mais ligadas ao núcleo familiar, do que na extensão para o grupo ou comunidade libanesa em Guarapuava. Mesmo porque, a pesquisa aponta para uma fragilidade de laços entre os libaneses para além do grupo familiar, talvez pela diferença entre católicos e muçulmanos – e suas diferentes vertentes -, cujas hostilidades recíprocas no Líbano tendem a transpor o Atlântico.

Trata-se de um modelo de imigração diferente daquilo que imaginávamos de início. Pensávamos em modelos como o da imigração italiana, eslava ou germânica, em que em muitos casos era feita em colônias, as quais tinham incentivos do governo e formavam comunidades, onde se podia preservar os costumes de forma coletiva.

Os libaneses, por sua vez, vieram para o Brasil com recursos próprios, não se articulando em colônias fechadas, mas pulverizando-se pelo território nacional, a partir de redes de solidariedade estabelecidas em algumas cidades, de modo que os recém chegados eram estimulados a ir mais para o interior, para desbravar um novo mercado. Assim, suas vivências são mais em contato com os grupos locais e a preservação de seus costumes depende mais da estrutura familiar do que do contato entre os patrícios, no quadro de uma “comunidade” territorialmente circunscrita.

O senhor Rames Nicolás Hosni nos fala como foram seus primeiros contatos com a sociedade local:

*R- Eu quando cheguei aqui em 1956, época de carnaval, “eu vou pra maracangaia eu vou”, assim eu lembro, eu lembro (risos). Era música da época. Eu cheguei aqui, sabe como é que era, eu não falo nada, não sabe, ai diz que tem carnaval, não sei o que, não sei o que, peguei e fui no Clube Cruzeiro, e todo mundo dançando, e eu não falo, não sei (a língua*

*portuguesa), ai as meninada sabe, quem eles gostam um que não sabe falar assim, e começaram a me pegar todo assim, e não terminou o carnaval comecei a falar o português, e sabe tem que entrar assim (fazer parte do grupo), é nunca aprende (sozinho não consegue aprender a língua) e começamos a brincar assim, todo mundo assim, e as sete horas chegou que as cinco horas da manhã, todo dia, vai aprender, todo mundo me pega, era novo né, era piação.*

Neste depoimento, percebemos que o estrangeiro era bem recebido pelos guarapuavanos. Mas, podemos nos perguntar se essa receptividade era de toda a sociedade local, uma vez que o Clube Cruzeiro era denominado, na época, de “Clube dos Pretos” (TURRA NETO, 2008) e era um local frequentado por pessoas de menos posses, em contraposição ao Clube Guairá, que servia a sociedade mais tradicional da cidade, frequentado, por exemplo, pela entrevistada deste autor, que afirmou não comprar nas lojas dos turcos, mesmo morando vizinha a eles.

Em um primeiro momento, buscamos identificar o grupo libanês como uma comunidade estruturada, com seus costumes compartilhados por um grande número de pessoas, mas essa ideia foi sendo desconstruída, na medida em que entrevistávamos essas pessoas. Essa falta de lideranças, ou de alguma agregação comunitária que mantenha os costumes fica bastante explícita no depoimento de Hamidi Omar Safadi Kamas.

*A- A vida social era feita e é feita em que contexto? Na familiar, na mesquita?*

*H- Aqui em Guarapuava, infelizmente, só no âmbito familiar. Só porque a gente não tem assim, a gente tem mesquita, mas não tem um xeique não, não tem. Então, a gente acaba não frequentando né, e acaba ficando na família mesmo.*

*A- E o que precisaria para ter o xeique?*

*H- Olha, precisa é exatamente, não na verdade ele é um xeique é um religioso, como se fosse assim um pastor, um padre né, acho que mais um pastor né, porque ele casa, tem família; já o padre não casa. Precisaria, se for bem sincera, espero ser bem sincera, precisaria um pouco de força né, da comunidade mesmo, para poder trazer assim um empenho da nossa comunidade, a vontade de trazer né, isso que a gente vê que não é algo assim é que não se busca. Então, não adianta eu querer trazer e as outras trinta famílias que tem ai não concordar. O xeique, ele vai ter que trazer a família dele, ter que ter um lugar para ele ficar, ter uma casa, orientação da família dele, que a comunidade que é responsável pela manutenção da família dele né, não recebe salário assim, teria uma ajuda de custo para ele viver né, tudo pagar, tudo para ele, já falta um pouco de vontade. Eu to aqui em Guarapuava já faz 12 anos que eu voltei para cá, esses 12 anos e já dá para contar nos dedos o quanto as vezes que a gente entrou na mesquita, é triste, é lamentável,*

*realmente sabe, mas infelizmente, é verdade. O que que acontece Anderson, hoje nós temos aqui em Guarapuava, dentro da comunidade libanesa, existem os libaneses que são sunitas e os libaneses que são xiitas entendeu, então, assim a maioria dos que vivem aqui são xiitas, exceção da minha família, mais umas dois ou três, que você vai encontrar por ai, são tudo xiita, também tem um xeique, mas eles tem assim um xeique próprio, assim deles, entendeu, nós temos um assim lá, é da própria mesquita.*

*A- Pode ser frequentada pelos dois tanto pelo sunita, quanto pelo xiita?*

*H- Pode, na mesma religião são tudo igual, mas é assim como vou te dizer é igual, um exemplo só para comparar para você entender bem, como se fosse o cristianismo né. Então, você tem o cristão que é católico e o cristão que é evangélico entendeu. Então, assim o líder do católico é o padre e líder do evangélico é o pastor né. Então, cada um é diferente né, tem um ritual diferente, cada igreja tem uma forma de conduzir um culto né, mais ou menos por ai.*

E continua ao falar das diferenças que existem entre os libaneses:

*H- [...] eles são árabes libaneses também de origem né, mas eles vem de uma região do Líbano cristã e também tem isso entendeu, tem o libanês cristão e tem o libanês muçulmano, né. Você tá conversando comigo, que sou muçulmana sunita, não sou muçulmana xiita entendeu? Você vai conversar, por exemplo, meia quadra, vai chegar na esquina, é xiita entendeu. Mas todo mundo é libanês, a comunidade é a mesma, mas ai, o cristão não sente tanta dificuldade em vir para cá, porque aqui ele já tem a comunidade, por exemplo, no âmbito assim religioso, já tá tudo certinho para ele né, frequenta a igreja, tá certo né. Nós sofremos mais.*

Assim, percebemos que os imigrantes libaneses trazem as territorialidades e diferenças<sup>11</sup> que existiam no país de origem, as quais se materializam no espaço urbano de Guarapuava, apesar de neste territorializarem-se, em termos de atividade econômica, de forma concentrada, formando ruas comerciais reconhecidas “área de comércio popular turco”. Seguindo esse raciocínio, podemos identificar a territorialização de pelo menos três esferas de influência da religiosidade trazidas do Líbano: os muçulmanos xiita e sunita e o cristão (figura 2).

---

<sup>11</sup> Essas diferenças estão presentes no Líbano até hoje, as quais fazem com que o país tenha uma constituição específica, que busca manter a ordem entre estes três grupos religiosos na administração política do Estado libanês, que está estabelecido desta forma: o presidente do Líbano deve ser um cristão maronita. O primeiro-ministro, um muçulmano sunita, o Presidente da Assembléia Nacional deve ser xiita.

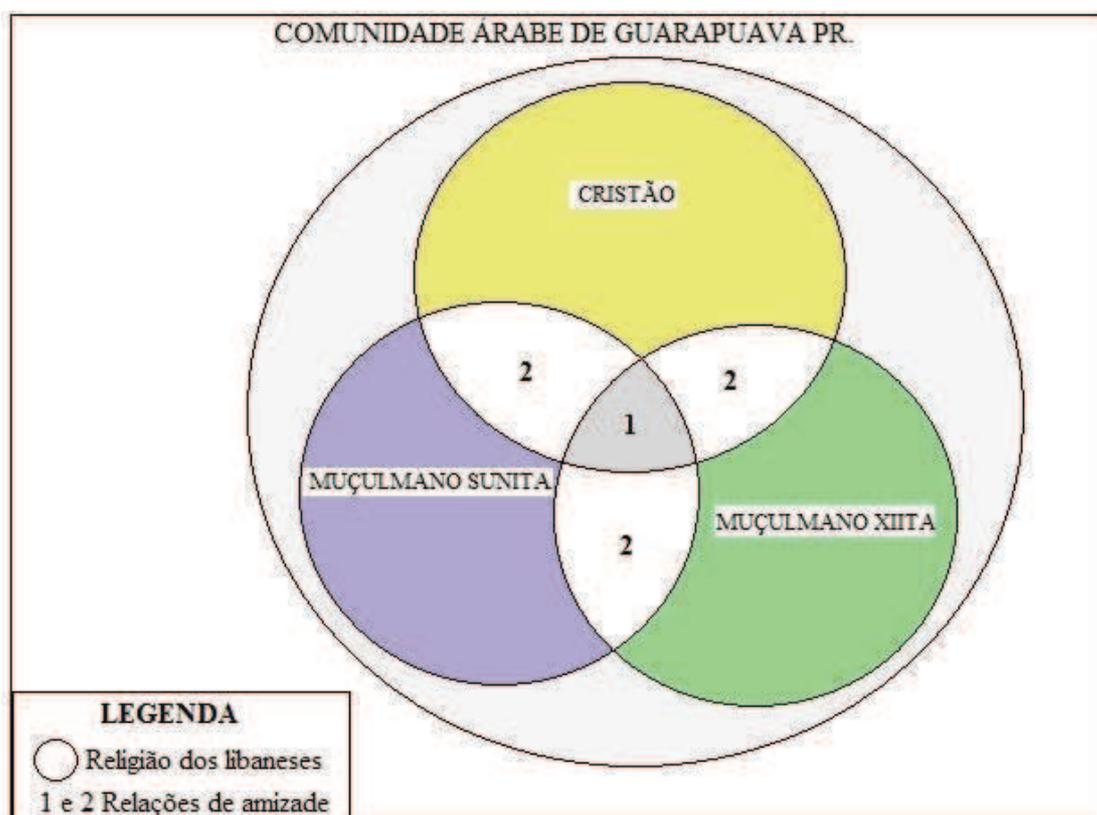


Figura 2- Representação da religião dos árabes que moram em Guarapuava.  
Elaborada por: Anderson Muzzolon, 2011, a partir dos depoimentos dos libaneses.

No cruzamento dos depoimentos, conseguimos pensar nesta representação, na qual temos uma esfera geral, que representaria o fato de que todas as pessoas entrevistadas são libanesas e falam a mesma língua. No interior desta, temos três esferas menores, representando o tipo de religião que cada parte segue, como um divisor interno ao grupo, sendo as interseções 1 e 2 consideradas como relações de amizade e conhecimento entre estas pessoas.

Essa divisão, contudo, não permite uma vivência de comunidade mais articulada, gera conflitos que, às vezes, não são tão vistos por alguém de fora do grupo, que tendem a ver todos os libaneses de forma homogênea. No depoimento do senhor Rames Nicolas Hosni, percebemos mais algumas manifestações dessa diversidade, dos seus diálogos e conflitos e também mostra uma relação com a língua do país de origem, tendo certa dificuldade em conversar na língua portuguesa.

A- *Que época foi esse clube árabe<sup>12</sup>?*

B- *R- Faz uns cinco anos.*

A- *Hoje dá pra dizer que não tem esses encontros?*

<sup>12</sup> O clube árabe de Guarapuava foi uma tentativa de unir os libaneses na cidade formando, um ambiente em que fosse possível manter relações de amizade e preservar os costumes dos libaneses para as novas gerações.

R- *É mais encontros pra conversar.*

A- *Familiar?*

R- *É, não é isso, cada um cuida o que tem, não funciona.*

A- *Mas por que não funciona?*

R- *Não funciona porque cada um tem que puxar pro outro, esse negócio não serve, porque tem dois religião, a árabe, muçulmana e cristã, então não, não, não.*

A- *O senhor acha que o peso religioso é forte nessa questão?*

R- *É. Não é forte (a união de todos).*

A- *Para não dar certo?*

R- *É, é, a mesquita, muçulmanos. Mas nós não vamos, e por nós somos católicos. E eles são... E não funcionou também, porque tem pouca gente.*

A- *É muito pouca gente para frequentar?*

R- *Sim.*

Nota-se que, quando chegaram ao Brasil, os imigrantes árabes, assim como membros de outras etnias, que optaram pelo país como destino, trouxeram consigo, em alguma medida, as tensões do território originário. Os árabes, marcados por elementos identitários de ordem familiar, social e religiosa, carregaram em sua bagagem estas diferenças, que podem ter permanecido fortes por algum tempo entre eles, e que afloraram em determinados momentos, como nos depoimentos que coletamos.

Pelas entrevistas com os imigrantes, não foi possível detectar com clareza, mas é provável que estas diferenças assomassem também em função dos conflitos ocorridos no território de origem, aos quais se fez menção anteriormente. A guerra civil no Líbano pode ter-se refletido sobre os grupos de imigrante vivendo aqui, suscitando animosidades no seu novo lugar, de modo a dificultar conexões, que poderiam fortalecer redes e formar associações culturais.

Além desta segmentação maior entre árabes muçulmanos e cristãos, meramente classificatória, pois não impede a interação entre eles, temos também alguns rótulos que são mais ou menos utilizados por nossa sociedade para nomear esse grupo, são eles:

a) “*turcos*”: rótulo que aponta para a origem regional e possui um sentido pejorativo, pois a ele estão associadas ideias de avareza, mesquinharia, excesso de interesse por dinheiro, deslealdade nos negócios e que, em alguns casos, pode ser visto também com aquele que tem habilidade de negociar, de conseguir o melhor preço de dar o melhor desconto<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Na cidade de Guarapuava temos o exemplo do “Comercial do Turco”, localizado na Rua Guaíra, que é de propriedade de um libanês, que usa esse nome para atrair clientes que visam realizar bons negócios.

b) “árabes”, “turco-árabes”: abrange os povos que falam a mesma língua e salienta, muitas vezes, os aspectos exóticos da cultura, como as atitudes políticas extremas, as concepções religiosas fundamentalistas e o rigor e dominação em relação às mulheres.

c) *sírio-libanês*: é um rótulo menos frequente. Em si não carrega um sentido negativo. Porém, fica claro que ignora as diferenças próprias do Mundo Árabe e, em especial, a existência das nações da Síria e do Líbano.

Essas confusões provocadas por alguns brasileiros, na ignorância ou intencionalmente, são apontadas como alguns dos poucos preconceitos que os árabes de origem libanesa sofrem em Guarapuava. Isso foi percebido em todos os depoimentos, tanto de pessoas da primeira, como da segunda geração. Nesse sentido, Jamil Darwich nos fala:

*A- O senhor sofre algum tipo de preconceito hoje?*

*J- Não, graças a Deus, desde que entrei no Brasil, nunca sofri nenhum tipo de preconceito, nunca fui tratado assim, como um estrangeiro, apesar de ser estrangeiro, sou só na parte burocrática, que agora to fazendo alguma coisa, tenho que mostrar o documento, e o documento é estrangeiro. Agora fiz o pedido, por exemplo, de nacionalização, tá em andamento, e... mas preconceito nunca sofri. É claro, existe pessoas, por exemplo, é, as vezes pessoas por ignorância, chamam os outros assim, de algum nome, ou carregam preconceito, mas a gente não dá bola, porque se um que entende, que é culto, que instruído ofender a gente, a gente tem a obrigação de reagir, e explicar pelo menos, né, ou retribuir a ofensa se for o caso, coisa que nós não aconselhamos, retribuir ofensa por ofensa, entendeu. Mas pelo menos tem que agir pra se defender. Mas, se uma pessoa ignorante chamar: “O turco”, por exemplo, a gente não dá bola, porque ele não sabe o que tá falando, só leigo pode tá me chamando de turco. Significa que ele é leigo em história, entendeu, que ele não sabe o que que é turco, o que que é libanês, porque aqui não existe turco, acho que no Brasil inteiro não existe meia dúzia de turco, o turco, um povo, os turcos um povo que não migra, mas os libaneses, os palestinos, os jordanianos, os egípcios, os sírios, todos os árabes, estados árabes quando vieram pra cá, no Brasil, quando começou a migração, o domínio lá era turco, o invasor era a Turquia, que era nosso inimigo, que tomava conta do país. Então, quando saia, saia com o passaporte carimbado com o carimbo turco, e aqui, como esse nome é de turco, e agora chamado erroneamente de turco, mas esse na verdade é errado, entendeu.*

Essas tensões se dão no meio urbano, pois a inserção dos imigrantes árabes muçulmanos foi marcadamente urbana, desde o início de sua chegada ao país. Ao longo dos anos, esta característica foi reforçada pelo sistema, que tendia a concentrar num determinado espaço da cidade o grupo de imigrantes em questão.

Morar e trabalhar no centro era uma decisão que atendia não só a ditames de ordem prática, pois era mais cômodo viver próximo do trabalho, mas a um determinante de ordem econômica: economizava-se dinheiro, a passagem do ônibus e tempo (NASSER, 2006). Nesse aspecto, os imigrantes que vieram para Guarapuava não se diferenciaram da imigração libanesa no mundo, que tem essa particularidade de buscar se fixar nas proximidades do centro das cidades.

Em Guarapuava, o principal local de concentração dos libaneses se deu nas Ruas Saldanha Marinho e Guaíra. Tratam-se de duas ruas que hoje são muito importantes comercialmente, no centro da cidade, mas que, no passado, tratava-se de locais de baixo valor, que não faziam parte do centro comercial tradicional da cidade (Igreja, bancos, comércio tradicional e residência das pessoas que decidiam os rumos da cidade), localizado na Rua XV de Novembro. Tanto a Rua Saldanha Marinho, quanto a Guaíra estão localizadas, no plano do relevo da cidade, numa baixada pouco valorizada no início do século XX. Se hoje estas ruas são centrais, isso se deve a expansão do centro nesta direção, justamente pela centralidade exercida pelo comércio libanês ali estabelecido.

*A - Percebemos a concentração dos libaneses nas ruas Guaíra e Saldanha Marinho, por que ocorre essa concentração?*

*H- É simples, você tem que procurar por o comércio por onde passa gente, é comércio, porque a rua XV é um comércio mais de Banco, um comércio mais sofisticado, e ali é um comércio mais popular, é um comércio pra casa, em qualquer lugar que você for, o comércio mesmo tem que se localizar no centro, no centro cruza, um ou outro tá cruzando, se não comprar de mim compra dele, ou vice-versa, sempre no centro tá cruzando, porque antigamente, porque o terminal (rodoviário) hoje não, porque antigamente, o terminal rodoviário não tinha, fizeram a rodoviária, mais ou menos em sessenta e pouco, não me lembro se em sessenta e um, dois, três, por ai, onde que é o terminal hoje, é na rodoviária, faz tempo que o senhor mora aqui?*

*A- Não, mas essa parte eu conheço.*

*H- Não, mas eu to dizendo pro senhor, porque era a rodoviária, e a Guaíra, como desembarcava pessoa que desce da rodoviária, tem que desembocar ou pela Saldanha... P, pessoa do interior, pessoa do interior, procura mais comércio mais popular e a rua XV, no caso, lojas mais sofisticadas.*

*A- O senhor diz que eles desciam ali, pegavam a Guaíra, a Saldanha pra chegar ao terminal?*

*H- Não, não, o terminal não existia, era o, só a rodoviária, quando vim pra cá existia só a rodoviária, tinha a rodoviária, como é na, na, na Capitão Rocha, o senhor descendo, atravessando a Guaíra, tem o Hotel Santa Helena, na esquina, como é o nome do colégio que tem naquela esquina? É Carneiro, em frente ao Carneiro, Na esquina, o senhor se lembra, que a Princesa dos Campos parava ali, na esquina, lá era um ponto alugado da Princesa, era lá, na Rio Branco, o senhor sobe, na Rio Branco, com a Capitão Rocha, era um*

*ponto onde eles paravam e daí depois que fizeram a rodoviária, acho que em sessenta e dois, com o falecido Moacir (prefeito da cidade na época).*

A primeira rua onde os libaneses começaram a concentrar-se foi a Saldanha Marinho, o local servia como uma das portas de entrada para as pessoas que vinham fazer compras na cidade, dada sua proximidade com um antigo ponto de ônibus da viação que percorria as várias cidades da região, entre as décadas de 1950 e 60.

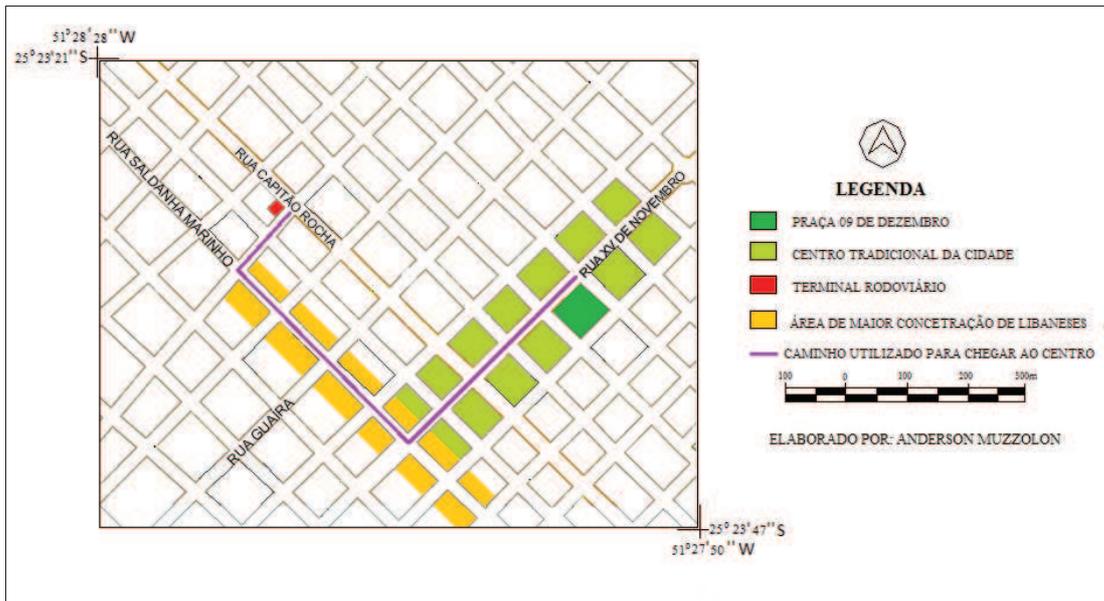
*A- Tinha mais gente que hoje (na comunidade libanesa)?*

*H- É, tinha mais gente que hoje, hoje tem os netos, filhos, muita gente morreu, se mudou, mas tinha mais gente do que hoje. Pro senhor ter uma idéia, na década de setenta, setenta e pouco, hoje Guarapuava soma só a cidade em torno de 150 mil, a cidade né, só a cidade, na época, média de 70 mil pessoas, na década de 1970, 75, tinham cerca de 35, 36 lojas aqui, hoje se tiver 19, 20 lojas não sei se tem. Agora então, o senhor vê, a metade, vamos supor, que tem hoje a população da cidade, só que na época, praticamente o dobro do comércio, no centro aqui se pegar a Saldanha Marinho, era uma loja ao lado da outra.*

*A- E a Guaíra também né?*

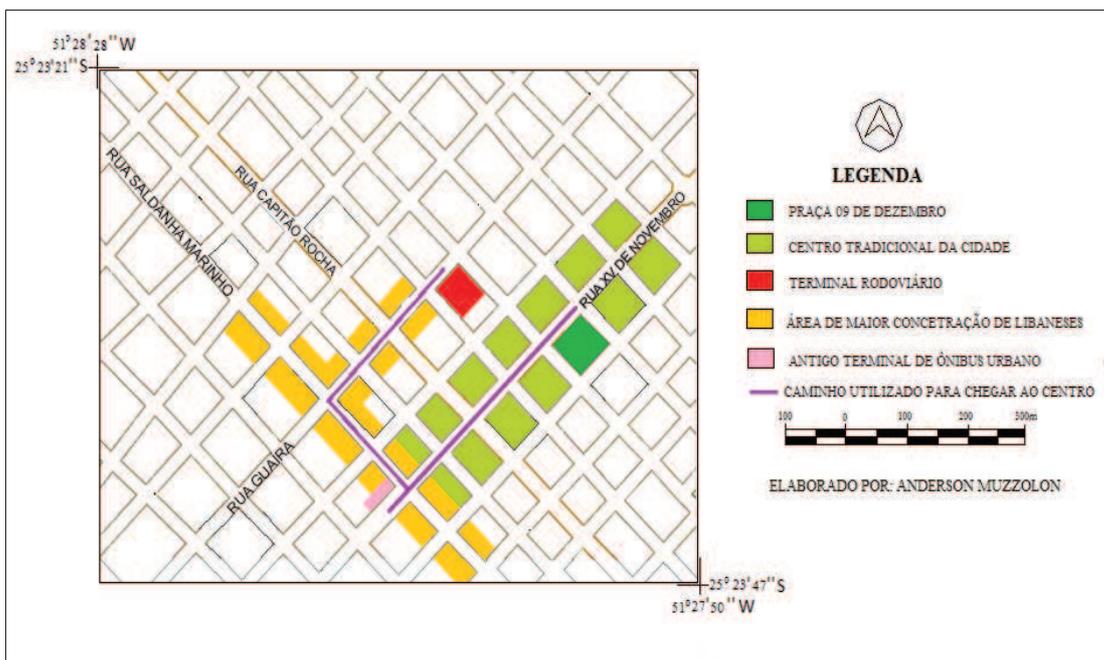
*H- É... Era mais a Saldanha, tinha na Guaíra, tinha, mas era mais a Saldanha. A Saldanha o senhor pegava aqui da (Rua) Padre Chagas até embaixo aqui, meu Deus do céu, uma loja ao lado da outra.*

Com base nestes depoimentos, chegamos à conclusão que a territorialização libanesa em Guarapuava está intimamente ligada com as variações que se deram no espaço urbano e com a dinâmica do mercado regional. A localização dos primeiros pontos onde paravam os ônibus, que traziam pessoas de fora, vistas como clientes cativados nos tempos da mascateação, era um fator importante na escolha de onde se abrir a loja (ver mapa 3). As pessoas de um modo geral passavam por esse espaço, para chegar ao centro tradicional da cidade e fazer usos dos serviços que este local oferecia.



Mapa 3 – Representação das áreas de territorialização libanesa nas décadas de 1950-60. Elaborado por Anderson Muzzolon, 2011. A partir do mapa base da Prefeitura de Guarapuava.

Com o passar do tempo, nas décadas de 1970 e 1980, o terminal rodoviário mudou de lugar (que na verdade não era um terminal rodoviário oficial, era um local onde costumeiramente os ônibus paravam), passando, então, a se localizar mais próximo ao centro tradicional da cidade (ver mapa 4), onde hoje se localiza o atual terminal de ônibus urbanos, denominado Estação da Fonte. Nesse momento, a Rua Guaiara ganhou destaque para os interesses dos libaneses.



Mapa 4 – Representação das áreas que passaram a conhecer territorialização libanesa nas décadas de 1970-80. Elaborado por Anderson Muzzolon, 2011. A partir do mapa base da prefeitura de Guarapuava.

O fluxo de pessoas agora busca as duas principais ruas comerciais da cidade. A XV de Novembro e também a Saldanha Marinho, que se firma como rua comercial com força também. A caminho dessa última, chegando pela nova Rodoviária, passava-se, necessariamente, pela Rua Guaíra.

Na década de 1990, a rodoviária da cidade é novamente transferida de lugar. Agora passa a localizar-se no Bairro Bonsucesso. Esse fato contribuiu para a diminuição daquilo que Rita Reda chamava de “comércio com os fazendeiros”, em que parte das pessoas cativadas na mascateação chegava à cidade pela rodoviária e dali se dirigia caminhando pelas referidas ruas.

Outro fator que representou mudanças na dinâmica dos territórios conquistados pela atividade comercial libanesa se deu em função da própria cidade mostrar um grande crescimento urbano nas últimas quatro décadas, dado principalmente pela saída das pessoas do campo. Fato que veio a reforçar a centralidade do comércio urbano e do centro principal, tanto para a mais ampla população urbana de Guarapuava, quanto para as outras cidades da região e também da zona rural. Tal fato é responsável também pela ampliação de atividades comerciais e de serviços situadas no centro, inclusive com presença de filiais de lojas de departamentos que atuam em escala nacional e regional, bem como pela expansão da área do centro principal em direção às ruas Guaíra e Saldanha Marinho, atraída pela presença anterior do comércio popular libanês.

A população urbana de Guarapuava passou de menos de 20.000 habitantes na década de 1960, para mais de 140.000 no ano de 2000, multiplicando em 7 vezes o número de habitantes urbanos, desde a época em que os libaneses começaram a se firmar em maior números (Gráfico 1).

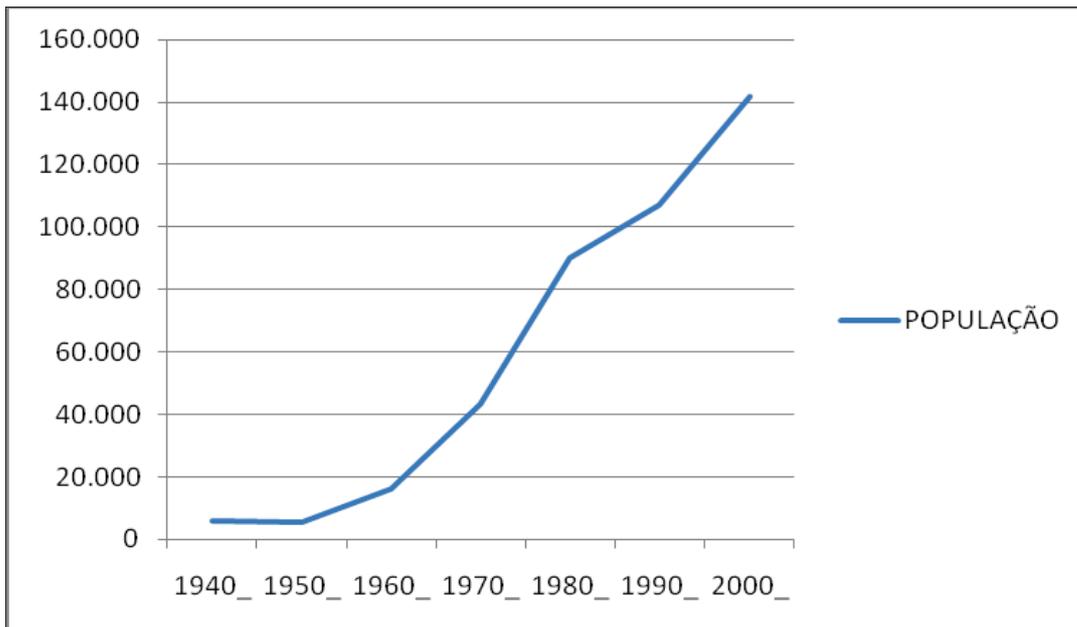
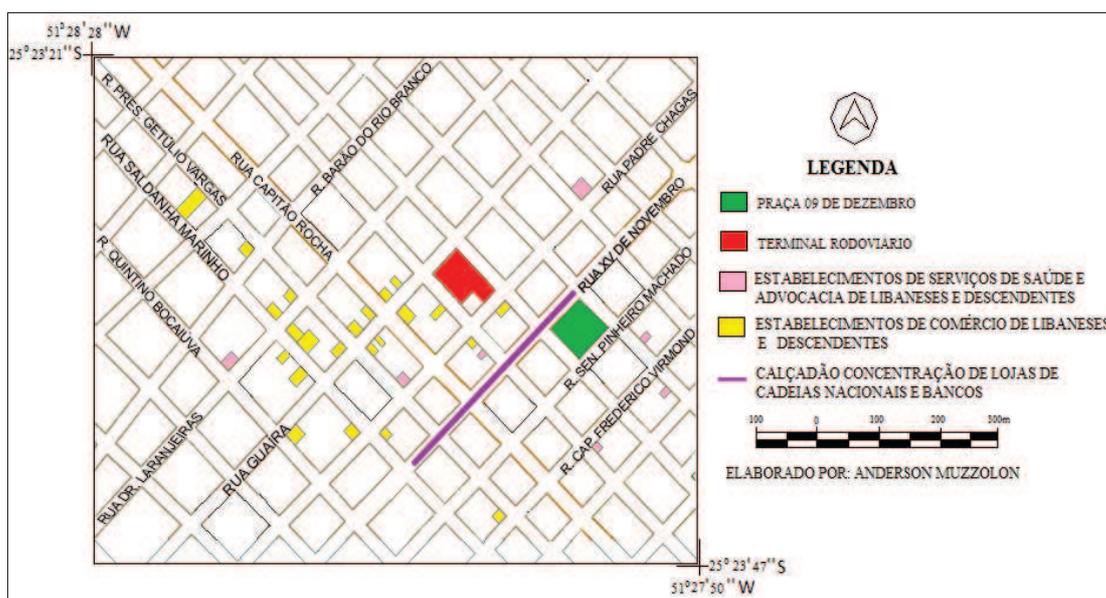


Gráfico 1- Guarapuava - Evolução da População Total Urbana entre 1940 e 2000.  
 Fonte: TURRA NETO, 2007. Org. Muzzolon, 2012.

Assim o centro ganha maior valor comercial, fazendo com que os libaneses mantenham em parte seus estabelecimentos nos locais onde anteriormente tinham se estabelecido. Os estabelecimentos pertencentes a libaneses e seus descendentes, hoje, não são mais exclusivamente comerciais, mas, com a formação das novas gerações em algumas profissões liberais (como médicos e advogados), alguns vieram instalar seus escritórios também no centro de Guarapuava, acompanhando o movimento de territorialização anterior (Mapa 3).



Mapa 5 – Áreas de territorialização de libaneses e descendentes em 2012.  
 Elaborado por Anderson Muzzolon, 2011. A partir do mapa base da prefeitura de Guarapuava.

Um fato interessante perceptível no mapa, é que a rua XV de Novembro (rua de cima) ainda não tem estabelecimentos ou propriedades de libaneses, ficando de fato a preferência por se estabelecerem em suas adjacências.

Sobre o aspecto das construções da Rua Guaíra, em sua grande parte formada por imóveis de um pavimento apenas, Hamidi Omar Safadi Kasma argumenta que:

*H- Isso aí são construções antigas né, é porque é assim, o que o árabe veio fazer aqui, veio trabalhar. Então, ele queria um lugar para trabalhar. Então, não interessava para ele ter um prédio de cinquenta andares, ele queria trabalhar. Então, um pouco de dinheiro que ele conseguia investir. Só que tem uma coisa, o árabe tem uma diferença muito grande do europeu, porque o europeu, você veja bem, o europeu traz com ele o dinheiro e vem para cá investido. O árabe [...] vem para cá com a coragem e constrói aqui entendeu, não vai encontrar um árabe que diga que eu vendi tudo que tinha lá e vim buscar aqui, vai encontrar milhares que vão te dizer [...] vim para cá trabalhar, crescer aqui para levar para lá. Você tá entendendo, faz o trabalho inverso o europeu não, vem de lá, já traz tudo o que ele tem pra abrir alguma coisa aqui, português, tanto faz, o alemão, italiano vem para isso, vem para investir aqui. Nós não, não vem com nada, até porque não tem nada mesmo, a maioria das vezes vem do campo né, como já te falei, não traz nada de lá, constrói aqui.*

Neste discurso, percebemos que a falta de recursos influenciou na construção desses espaços, mas não se trata apenas da falta de recurso, em alguns casos, o objetivo era justamente de trabalhar, juntar um dinheiro e voltar para o Líbano, aí não seria importante focar na construção de enormes edifícios, mas sim de trabalhar de forma que o acesso a acumulação de capital fosse mais rápida.

Nos depoimentos, fica claro que o objetivo inicial era voltar para o Líbano, mas com o passar dos anos, as relações com as pessoas daqui foram ficando cada vez mais complexas (amigos, clientes, formação de família com brasileiras, filhos), os custos de aluguel e hospedagens tinham que ser eliminados, para que isso fosse feito, uma saída era o investimento em imóveis, que serviam tanto para residência, como para ser seu local de trabalho.

Sobre o acesso a terra na cidade, Hamidi nos dá o exemplo do pai dela:

*A- Então, o acesso a terra foi fácil não tinha nem um impedimento legal?  
H- Foi difícil os imóveis? Vou dar um exemplo do meu pai e do meu tio. Eles vieram para cá assim e trabalharam anos assim na mala mesmo sabe, exatamente para depois conseguir alguma coisinha sabe, não foi assim... nem*

*um deles, na verdade, nem um chegou dá o primeiro mês de trabalho e comprou um imóvel; tudo bem que o imóvel, há cinquenta anos atrás, não valia nada do que vale hoje né, se comparado o que vale hoje, não era nada. Mesmo assim, era mais fácil o acesso, tinha supor uma quantidade em dinheiro, você podia pagar, ali na palavra só né, mas também não era tão fácil assim chegar né. Mas faz a media ai quem veio antes na media de cinco anos, eles conseguiam já ter já se estabilizar, conseguir já sustentar a família tudo né. Mas, é mais ou menos assim, muitos que vieram com bastante dinheiro, fortunas ai quebraram também a gente vê né; muitos conseguiram dobrar o patrimônio, muitos que morreram, os filhos acabaram jogando fora, tem n situações né, tem a situação que o filho veio no lugar do pai, preservou e hoje tem muito mais e fez render aquilo e usou seu conhecimento para melhorar. Encontra gente que também não vai ter nada, porque o filho resolveu... Filho, a gente fala em forma geral os filhos né, resolveram ir para o outro lado e não valorizaram aquele pequeno comércio ali do pai, jogaram fora. Então, você vai encontrar muita gente de todo o tipo né, a verdade é essa, não vai, não tem como a gente assim generalizar e colocar que todo mundo ta na mesma situação, que não ta. Cada um tem uma situação diferente né, mas o fato assim que a gente pode dizer que é verdade é isso que eu te falei, ninguém vem de lá com dinheiro no bolso né, vem trabalhar aqui né ii assim na comunidade árabe...*

Um fato comum aos outros entrevistados, também, é que, em Guarapuava, não havia impedimentos legais para a compra de terras. As limitações eram muito mais pela falta de capital inicial, o qual tinha que ser conseguido na base de muito trabalho e paciência, geralmente mascateando.

Desse modo, foi possível aos libaneses adquirem propriedades e construírem seus empreendimentos, segundo os depoimentos nas entrevistas. Assim, temos alguns exemplos como o edifício onde funciona hoje o Colégio Lobo, localizado na rua Saldanha Marinho, pertencente a família Hosni, enquanto que o edifício em que a imobiliária Gaspar está localizada, na esquina da rua Padre Chagas com a Presidente Getúlio Vargas, feita pela família Darwich, notamos os arcos em estilo oriental (foto 12 e 13).



Foto 12 e 13 – Edifícios construídos por libaneses em Guarapuava.  
Foto: Anderson Muzzolon (2012).

A maioria das construções feitas por libaneses ou descendentes não segue o estilo oriental com arcos. Trata-se de construções que, de modo geral, se misturam com a arquitetura local. Em alguns casos, existem as referências da cultura árabe em construções que foram feitas por guarapuavanos sem descendência de libaneses (ver anexo n. 4).

#### **4.4. As relações com os costumes.**

De modo geral, percebemos que os libaneses de Guarapuava não tem entidades que promovem a manutenção dos costumes em grupo (associações, grupos religiosos). As referências árabes são mantidas no âmbito familiar. Trata-se de um ambiente onde o pai tem função essencial na manutenção dos costumes. Ele faz o papel de educador e provedor das necessidades da família.

*H- Eu acho que sabe se nos tivéssemos um líder religioso aqui, um xeique, alguma coisa mais voltada para os nossos filhos, numa questão religiosa, acho que serviria como um elo sabe, que é assim na comunidade islâmica; não sei bem porque não tenho essa experiência para te contar mais a nossa comunidade, religião, ela segura muitos aspectos da família entendeu, e outra coisa, o árabe, na religião, ela é diretamente ligada ao direito, entende, porque aqui não é, aqui é muito separado a lei, a religião, a religião lá não.*

*Lá, muita lei vem da religião entendeu. Lá é muito ligado. Tanto assim se você for ler ao alcorão, você vai perceber que ele disciplina matérias que no nosso país a bíblia não fala, é de ordem legal sabe. Lá não, o alcorão disciplina o divórcio, o casamento, tudo, praticamente tudo, é um aspecto super importante sabe. Então, por isso, assim, é... lá a religião vem antes da lei, não é como aqui não, dizendo que a gente viva isso aqui, acaba não vivendo. A gente tá em outro mundo aqui, mas é assim que a gente observa, e aqui infelizmente não tem essa união, as pessoas não tem esse... não preservaram esse foco sabe. Muitos fatores também, um deles visível aí que acaba... os filhos acabam construindo outros valores né; acaba ficando para trás muita coisa fica para trás sabe. Já aqui em Guarapuava 11, 12 anos não sinto união sabe. Agora assim, se falece uma pessoa da comunidade, todo mundo lembra daquela pessoa, todo mundo vai, então mas em ocasiões assim muito tristes, ou num casamento assim que daí vão se reunir, porque assim no dia a dia, parece que ninguém tem tempo pra nada.*

Além desses encontros esporádicos (em casamentos e velórios), ocorrem outros entre as famílias de libaneses, onde é possível compartilhar alguns elementos da cultura. Assim nos fala o senhor Jamil Darwich:

*J- Sim, sim, na verdade é nos falamos mais o português do que o árabe, e tanto que nossos filhos às vezes, nós temos filhos libaneses, falam melhor o português do que o árabe, entendeu, é culpa dos pais, e a gente se deu conta disso, a gente começar, sempre a gente sempre dizia pra outro, fala um pouco pra essa criança que tá crescendo, vai ganhar uma língua a mais que a gente deve ensinar, porque o português vai aprender, na televisão, vai pra escola, em todos os lugares, mas a língua original dele, ele daqui pouco não sabe, vai esquecendo. Então, todo mundo tenta, mas o problema é que a primeira geração, e sim a segunda, mas quando a descendência já é a segunda, ou a terceira, quarta geração aqui tem gente que não sabe falar nenhuma palavra de Líbano e que não sabe nada de Líbano, algumas palavrinhas uma ou outra só.*

Percebemos que, essa falta de entidades, que promovam o estudo dos fatores culturais árabes nas escolas, mesquita, grupos de dança e clubes, acaba fazendo com que as famílias fiquem mais flexíveis em relação a certas tradições, que antes eram tidas como leis, como podemos perceber nos depoimentos de Lílian Omar<sup>14</sup> (filha de libaneses, muçulmana sunita).

*L- Na minha família na verdade já foram quebradas as regras é porque na verdade meu pai primeiro queria que a gente namorasse com árabes, namorar assim para casar né. Então, namorar para casar. Mas daí, bem no fim, minha*

---

<sup>14</sup> Nome fictício, usado em função da entrevistada permitir somente o uso de suas falas, mas não de seu nome verdadeiro.

*irmã mais velha casou com árabe, depois a outra acabou gostando de um rapaz brasileiro, meu pai não queria muito aceitar, mas acabou aceitando. Dai depois é aquilo que eu te falei, não adianta, a gente acaba convivendo com o pessoal daqui mesmo e acaba, acaba aquelas coisas até os rapazes árabes acabam namorando moças brasileiras e não adianta se mistura tudo, não tem, não existe mais isso, pelo menos na minha família não existe mais.*

*A- Ah, mais você diz assim que tem uma orientação da religião?*

*L- Mas tem a vontade de namorar tem, mesmo meu pai quer e prefere que namore árabe, mas assim, se eu quiser namorar um brasileiro, eu vou namorar. Meu pai não vai falar nada não. Alguns anos atrás, ele tinha a cabeça um pouco diferente, mas agora não, agora já tá tudo certo.*

Desse modo, a vivência no Brasil acabou produzindo alterações na maneira de pensar e de viver das famílias, em que preceitos que anteriormente eram tidos como obrigatórios acabaram se flexibilizando, para se ter uma melhor convivência, tanto na família como com a sociedade local.

A substituição da língua árabe pela portuguesa, nas novas gerações, é sintomático da inserção desses filhos de libaneses na cultura nacional e da falta de instituições culturais que desenvolvessem políticas – de certa forma conservadoras – para resguardar o legado de seus pais e avós. Tal é o caso das filhas da dona Soad:

*A- E os filhos da senhora? A senhora tem filhos?*

*S- Têm duas, duas moça.*

*A- Eles sabem falar o árabe, como que é?*

*S- Não.*

*A- Não sabem?*

*S- Não, mandei minha filha lá no Líbano, ficou vinte e oito dias pra ela aprender, voltou, ficou sem aprendi nada. Ela entende tudo, mas não entende falar.*

Como já falamos anteriormente, a cidade de Guarapuava tem uma mesquita (foto 9), que poderia ser um local de articulação de grupo dos libaneses que, segundo Jamil Darwich, foi construída com forte apoio e liderança da família Reda, a qual detinha a presidência da Associação Beneficente Muçulmana de Guarapuava, tendo a participação de várias comunidades, inclusive de fora do Brasil:

*J- Na verdade, tem nossa mesquita lá, perto do Trevo do Índio.*

*A- Quando que ela foi construída?*

*J- Isso aqui foi construída em 77, 78 mais ou menos, 79.*

*A- E quem que encabeçou essa construção dela?*

*J- Era uma pessoa que já, falecida agora, Deus o tem, é que veio conosco do Líbano, ele é o sogro do meu tio e ele era o falecido, o seu Hussein Reda, que*

*tinha a casa dos tecidos, ali na esquina da Saldanha Marinho com a Barão do Rio Branco, família Reda.*

*A- Hussein Redá?*

*J- Hussein Reda, ele era presidente da, da associação aqui, muçulmana que nós formamos aqui, nós formamos nessa cidade, eu, meu tio e tinha mais libaneses na época, 70, 80. Hoje tem muito pouco.*

*A- A comunidade era maior então?*

*J- Era bem maior. Então, hoje, se eu fosse, por exemplo, hoje para construir a mesquita, se dez se reunisse, não iria construir, porque muito pouco gente que frequenta, pouca gente que vai lá, não tem, todo mundo tá ocupado, então raramente as pessoas vão.*

*A- Então as lideranças foram....*

*J- Não tem um chefe religioso na verdade que visite as pessoas, que traga as pessoas, porque o chefe religioso é importante em qualquer seita, qualquer religião.*

*A- A liderança então foi dele com toda a comunidade ajudando?*

*J- É claro, toda comunidade ajudou, não é só aqui, nós rodamos por esse Brasil inteiro, fomos até Mato Grosso, fomos até Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, até Brasília, eu foi um dos que foram junto, com os velhos, nós pra ir lá, arrecadamos dinheiro de todo o comunidade, árabe muçulmano.*

*A- Do Brasil inteiro.*

*J- No Brasil inteiro e trouxemos e construímos a... Arábia Saudita mandou um pouco de dinheiro pra nós. Então também ajudou na construção, Teerã ajudou na construção.*

*A- E antes tinha o líder espiritual da Mesquita?*

*J- Não tinha.*

*A- Não tinha?*

*J- Infelizmente nunca tivemos, vinha um, outro visitava nós, ficava um mês, dois, ia embora, vinha outro e tal, e nunca tivemos porque quando a comunidade pequena não compensa, não compensa desempatar uma pessoa que pode... é pode dar atenção pra centenas, pra milhares, que nem Curitiba, Foz do Iguaçu, São Paulo, ai não vem por causa de duas, três pessoas, que estão hoje, quatro, cinco famílias, dez famílias mais, entendeu, maioria deles são mais brasileiros que libaneses na verdade, entendeu, então não tem os Libaneses tradicionais, não tem mais.*



Foto 9 – Mesquita de Guarapuava esquina das ruas Beijamim Constant com General Rondon. Foto: Anderson Muzzolon (2012).

Ao encontro desse discurso, Hamidi Omar Safadi kamas, nos fala de como uma pessoa deve ir à mesquita e a falta de instituições (como escolas, por exemplo), que ensinem sobre e preservem a cultura libanesa:

*H- Não, não, já cada um né, porque assim, é um costume assim, porque lá é um lugar sagrado, pra você glorificar a Deus, pra você louvar né. Então, você não vai de qualquer jeito né. Então, é tem tudo isto daí né. Tanto que a mulher, pra ir na mesquita, ela não pode estar nem menstruada, não entra com menstruação na mesquita, tem que usar um lenço. Mas isso, sabe Anderson, a gente não teve a oportunidade de viver isso na prática, a gente não tem este costume de... sabe, é muito triste, sinto muita falta disto.*

*A- E como é feito pra passar esses conceitos da religião pra vocês?*

*H- Pros filhos? Desde pequena a gente sabe né. Tudo o pai ensina, o pai ensina, no meu caso o meu pai né.*

*A- No caso não existe um líder, uma pessoa que vai...*

*H- Não, não, meu próprio pai, na minha família mesmo foi meu pai mesmo.*

*A- Mas é assim em toda a comunidade?*

*H- Aqui no Brasil acaba sendo, né, mas no Líbano acredito que seja diferente, porque lá vai pra escola né, ai tem aula de religião, ensina o alcorão, tem aula pra tudo, lá tem escola pra isso né, então, acaba sendo diferente lá, né.*

Essa orientação que vem da família às vezes não é suficiente para manter o costume de ir a mesquita entre as gerações que nasceram na cidade. Falta também outras instituições que promovam uma espécie de “catequese” para os muçulmanos.

Em alguns casos, percebemos o desconhecimento de da representação de alguns símbolos importantes para o grupo.

*A- Porque a sexta é considerado um dia sagrado?*

*L- Eu não sei te dizer isso porque na sexta, sei que é na sexta, mas não sei o porquê.*

*A- Eu fui vários dias na mesquita, estava fechada, você sabe o porquê que está fechada?*

*L- Porque a chave na verdade da mesquita fica com uma pessoa, eu não sei quem que é. Fica com uma pessoa que vai lá e limpa a mesquita, deixa a mesquita organizada e abre a mesquita nos dias que é para abrir, sabe, eu acho que é na sexta feira, que a mesquita fica aberta sabe, assim por não ter também cheira. Aqui em Guarapuava, para ficar cuidando da mesquita fazendo ali o... né. Então, tem que deixar a mesquita fechada, porque não tem aqui em Guarapuava um xeique que dizem né. Então, a mesquita acaba ficando fechada, até porque se deixar aberta ficando sozinha acaba virando... Sei lá, né, entrando gente.*

O fato de ter se construído uma mesquita aqui, nos mostra que o grupo libanês muçulmano era maior na cidade e boa parte dessas pessoas saiu. Nesse período, nos idos dos anos de 1980/90, cidades como Foz do Iguaçu e Curitiba começaram a aparecer como grandes comunidades de libaneses no Paraná, sendo um dos destinos dessas pessoas ou de seus filhos.

*R- Na verdade, todo o árabe quando sai do seu país sai pensando em voltar para sua terra natal. É que nem os brasileiros hoje. Estão saindo muito do país e o sonho é de sempre voltar. A minha mãe voltou depois de 25 anos no Brasil, voltou para o Líbano e o sonho da vida dela que um dia voltasse com todos os filhos, mas infelizmente ela voltou sozinha. Meu pai faleceu aqui, voltou sozinha, não voltou com 3 irmãs e 3 ficaram para trás. Então, a vida dela é assim um verão passa para cá, outro passa para lá e assim vai, sabe. Então, é aquele sonho de voltar para a terra natal, de ter toda sua família em volta, ela não realizou esse sonho. A gente que nasceu aqui, formou família aqui, se torna complicado de pensar em ir para lá. Meu lugar é aqui, mas faz o possível para não se desligar de lá. Meu filho foi lá para conhecer infelizmente depois de 30 anos, meu filho tem 30 anos quase, deveria ter ido antes, mas foi agora para conhecer. Então, a gente tenta de alguma maneira manter algum contato.*

Nos depoimentos, percebemos que boa parte das famílias não voltou para o lugar de origem. Elas espalharam-se pelo Brasil. Uma parte foi viver em São Paulo, uma parte em Foz do Iguaçu, parte no Paraguai, e uma parte menor voltou para o Líbano.

Para os que ficaram e que são descendentes de libaneses, por mais que tenham, fica difícil pensar numa volta ao país de onde seus pais vieram, como notamos no depoimento de Rita Reda:

A- *A gente sabe que tem algumas famílias que voltaram para o Líbano...*  
R- *Poucas. Poucas e se tornou um pouco difícil a adaptação, tem os que fazem questão de ir tipo os mais velhos, mas os mais jovens se torna um pouco difícil, porque são costumes muito diferente.*

Ainda hoje, podemos verificar nas entrevistas que, os filhos dos libaneses de Guarapuava têm orientação para sair estudar ou trabalhar em outras cidades, como podemos perceber na imagem abaixo, onde temos o exemplo dos filhos de Jamil Darwich, em que uma de suas filhas casou-se e foi morar na África, outra encontra-se em Curitiba, fazendo pós-graduação em odontologia e ainda seu filho está cursando medicina no Rio de Janeiro. No lado direito da imagem, temos o exemplo do senhor Rames Nicolas Hosni, em que dois de seus filhos são médicos (neurologistas) e um deles mora e trabalha na cidade de Ivaiporã, o outro trabalha em Guarapuava, enquanto que seu terceiro filho (formado em administração) ajuda a administrar sua loja de roupas.

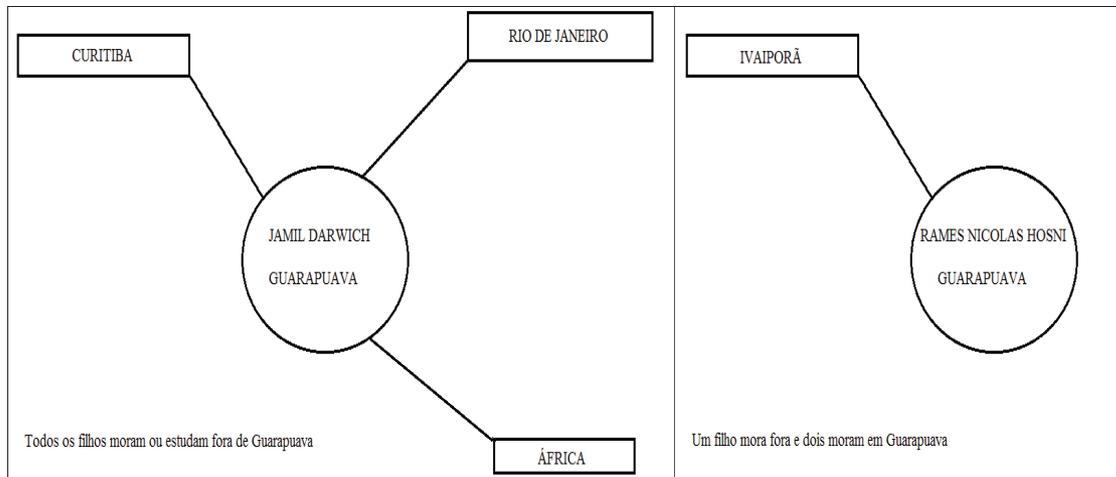


Figura 3- Representação das direções que os filhos de libaneses têm tomado.  
Elaborado por: Anderson Muzzolon, 2012.

Além disso, em alguns casos, percebemos uma vontade de mudança, na busca por melhores oportunidades, em centros maiores, como Curitiba.

L- *Eu pretendo voltar para Curitiba de volta, eu morei muitos anos em Curitiba, não me acostumo muito aqui, sei eu prefiro lá.*  
A- *Porque?*

*L- A cidade mesmo, sabe, a questão de cidade, por lá ser uma cidade maior, ter mais opção, eu prefiro lá, gosto mais de lá.*

*A- Você vai atuar na atividade de advocacia e acha que lá tem mais oportunidades?*

*L- Eu acho que tenho. Eu acredito que tem, é ao sei né, a gente não pode dizer, tem que esperar se formar para ver. De repente, aparece uma oportunidade boa aqui e eu fique aqui, vou onde tiver uma oportunidade boa para exercer o que eu to fazendo, vamos ver o que vai acontecer, a gente faz um plano, mas não sei se var dar certo né.*

Essa busca por novos lugares, horizontes profissionais maiores, faz com que os libaneses e descendentes se espalhem por todo o território nacional. O contato entre os libaneses de diversas localidades do Brasil e destes com os que permanecem no Líbano sempre se deu de forma intensa. No início, usavam-se cartas, telegramas, fitas gravadas, hoje, os meios mais comuns são o telefone e a *internet*, com áudio e vídeo. Também se constroem relações sociais por meio de visitas entre umas famílias e outras. O senhor Jamil nos fala sobre estes contatos:

*J- N. tem assim conhecimento, parentesco, existe, mas não contato assim em forma de reuniões, alguma coisa não, tem um amigo, telefona pra ele, ele vem visitar a gente. Agora, por exemplo, eu tenho um amigo meu que tá na minha casa, ele mora em Foz do Iguaçu, ele, as vezes, eu visito ele lá, tem parentes que vem visitar aqui, é assim, mas não que seja reuniões assim periódicas, que seriam por alguma razão, não, não tem isso.*

*A- O contato do senhor com o Líbano, como que é feito hoje?*

*J- Quando vou ligar pra minha família, pros meus irmãos, ligo, e uma vez por ano, cada dois anos, cada três anos, quando a situação permite, a gente vai lá visitar eles, fica um mês, dois meses e volta.*

Com isso, podemos afirmar que as redes de solidariedade criadas por essas pessoas significavam estratégias alternativas para a vinda e permanência e se revelaram essenciais para a concretização do ato de migrar dessas pessoas que estão em diversas partes do Brasil, tornando mais fácil a vivência longe da antiga pátria. Em um primeiro momento, esta comunidade não se apresentou tão homogênea, nem tanto coesa como a princípio pensávamos que era. Na medida em que a aproximação foi sendo feita, pudemos perceber que, poucos respondiam por toda a “comunidade”. Esses poucos foram extremamente receptivos, e caracterizam-se por ser bastante abertos para o debate.

Esse grupo cultural mostrou-se bastante complexo. A cada escala de análise territorial, surgem novas informações, novas relações, seu processo de des-re-

territorialização não se encerra com o estabelecimento deles nas ruas comerciais do centro da cidade, continua com as novas gerações, que procuram novos ares e oportunidades dentro do Brasil, e também, nas velhas gerações que em alguns casos pensam em voltar, ou até mesmo ficar, mas que mantêm seus vínculos com as territorialidades vividas no Líbano.

#### **4.5. Considerações sobre o território dos libaneses e sua influência na construção do lugar.**

Partimos do pressuposto de que no universo em que vivemos nada se manifesta de forma igual, assim ao trabalhar com o território enquanto conceito de análise espacial, cada sujeito da territorialização poderá nos conduzir a um tipo de território e a uma dinâmica territorial diversa, de modo que, na pesquisa, o ponto de partida não foi o território, enquanto um espaço já dado na paisagem, mas os sujeitos sociais que, pelas relações de poder projetadas espacialmente, territorializaram-se de certa forma. Assim, para compreender parte da construção do espaço urbano a que nos propomos nesta pesquisa, buscamos não apenas nos atermos às formas que se materializaram neste espaço, mas considerar sobretudo o entendimento de como os sujeitos que o constroem se articulam e fazem com que aquelas formas se deem daquela maneira e sejam carregadas de simbologias.

Verificamos que os processos de produção dos diferentes tipos de territórios resultam não apenas de mudanças estruturais nos campos econômico e político, nos plano global e local, mas também de mudanças no campo da subjetividade. De modo geral, os indivíduos buscam o novo, possibilidades diferentes, novas relações, resultando em um processo constante que cria um movimento de des-re-territorialização, característico da modernidade em que vivemos.

Mas não necessariamente apenas as mudanças são importantes para a construção dos territórios, as permanências também fazem parte da busca que das por dominar certas áreas para melhor sobreviver. Assim, os libaneses, ao adquirirem algum capital, buscaram propriedades em locais com potencialidades para o comércio e que, sobretudo, lhes fossem acessível, diante dos recursos que dispunham. Dessa forma, de início, estabeleceram-se em ruas com pouca estrutura e fora da área central da cidade. Mas com sua permanência e a ampliação desses espaços durante mais de

meio século, foi possível ver a transformação destas ruas em espaços altamente valorizados por quem se dedique a atividade comercial na cidade de Guarapuava.

Se o território é “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” conforme os termos de Souza (2001), verificamos que, ao longo da materialização dos libaneses no centro da cidade, estes não se colocaram como ameaça de poder econômica ou cultural aos habitantes desse lugar (talvez em função de serem minoria e de dependerem dessa população, enquanto mercado consumidor, para sua sobrevivência). Sua participação nas mais variadas instâncias de poder local foi sendo construída aos poucos, modesta e individualmente, por alguns libaneses que nunca se colocavam, pelo menos não pública e explicitamente, como representantes deste grupo econômico e cultural.

O indivíduo que decide sair de suas territorialidades (tribais, familiares, econômicas, religiosas, enfim de suas antigas relações de vida), faz isso recebendo influência das mais variadas motivações. Ao estudar essas motivações, o pesquisador certamente não consegue abranger todas, mas algumas são mais perceptíveis e passíveis de análises.

Desse modo, verificamos que a família sempre teve papel importante neste processo, os pais ou irmão dos libaneses viam a possibilidade de continuidade da família, na saída de um de seus membros, indo para lugares em que não lhes parecesse hostil e que abrisse novas possibilidades. Assim, se por um motivo ou por outro seus descendentes decaíssem no local de origem, abria-se a possibilidade de levar adiante o nome da família em outros lugares.

Esse esforço é percebido nos depoimentos, que mostram a determinação dos familiares em pagar a passagem de travessia do Atlântico para se chegar a um local onde se lhes parecia ter maiores possibilidades, nunca vindo toda a família, mas parte ficando no Líbano, existindo vínculos permanentes entre o que saiu e o que ficou, vínculos estes que sempre o chamam para o retorno, o qual é acalmado por meio de visitas, ou por meio de comunicações que variaram de fitas gravadas, até conversas *online* nos dias de hoje.

A oportunidade de fazer dinheiro em relativamente pouco tempo e numa quantia superior a média local exerceu influência na ação de sair das aldeias libanesas. Logo, as famílias passaram a planejar o envio de seus filhos, inicialmente de forma temporária, como forma de resolver suas dificuldades financeiras. O que era temporário, em muitos casos, tornou-se permanente, pois ao chegar a um país

estrangeiro, os “patrícios” além de conseguirem dinheiro, conseguiram criar novas famílias, o que tornou difícil a volta ao país de origem.

Os referenciais dos primeiros emigrantes, que são mostrados para os libaneses, são o de sucesso econômico de alguns de seus amigos, tios, pais ou irmãos no Brasil, assim cria-se uma imagem de país que tem o povo amigável ao libanês, com grandes extensões de terra (assim muitas cidades e localidades para negociar) e a possibilidade de acumular algum capital e começar empreendimentos maiores.

No plano econômico, o Líbano mostrava poucas possibilidades em função das dimensões do país e de anos de exploração, causados por sua submissão e tributos a outros países dominadores. Os que emigraram estavam se dedicando, no Líbano, a atividades que não lhes garantia ganhos expressivos, como a agricultura em pequenas propriedades. No novo país, buscaram melhorar sua condição financeira trabalhando com o comércio.

As ameaças externas ao povo libanês sempre foram uma constante. Diferentes nações que foram dominantes belicamente durante a história da humanidade, entraram em conflito na região, gerando uma grande diversidade de ideais internos e, em consequência disto, disputas de poder entre vários grupos culturais, causando sérios conflitos entre os próprios libaneses e a sensação de insegurança que em parte serviu de motor para se buscar nações mais estáveis.

Estes fatores internos potencializaram a emigração, as diferentes manifestações religiosas, diferentes culturas fazem com que o Líbano seja formado por uma multiplicidade de territórios, muitos dos quais disputados, inclusive belicamente. Nos depoimentos são perceptíveis que todas essas variantes tiveram importância na hora de decidir sair do Líbano, assim um motivo ou outro, ou talvez todos em conjunto, de certa forma, fizeram com que o Líbano fosse país de emigração e os libaneses um povo em diáspora, em busca de construir um novo território-lugar em outros cantos do mundo.

#### **4.5.1 As novas referências culturais: a formação dos sujeitos de lugares.**

A transposição do território de origem, para o território de chegada, ou a reterritorialização, nos termos de Haesbaert (2009) exigiu adaptações. Sua cultura, seus valores, suas práticas não seriam mais vivenciados da mesma maneira. A partir do momento em que os libaneses foram introduzidos num ambiente sociocultural

diferente, negociações tornaram-se obrigatórias, seja com a sociedade local, seja com os próprios patrícios.

Quando o imigrante chega a um novo lugar, os desafios são enormes. No caso do Brasil, tiveram que aprender uma nova língua, adentrar em terrenos desconhecidos, mostrarem-se como amigos e não como ameaça a sociedade estabelecida, dedicarem-se a atividades (mascateação) que a princípio não ofereciam concorrência com aquelas dos nativos, pelo contrário, servindo de elo entre um povoado e outro.

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas foram obrigadas a negociar com as novas culturas com que passaram a conviver, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam ainda hoje os traços das culturas, tradições, linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas, assim não pertencem a um lugar, mas a vários.

A imigração, em razão das múltiplas variáveis que a envolvem, revela-se como processo de desestabilização das identidades centralizadas e dos lugares que se afirmam homogêneos, principalmente quando se trata de um povo como o libanês, que tem sua constituição cultural bastante heterogênea, que promove a mudança nos locais onde se estabelece.

Cada vez mais, as grandes verdades de fortes discursos que constroem os lugares são colocadas a prova, visto que as afirmações que pregam a identidade única de cada lugar são tecidas com base em visões que negligenciam a heterogeneidade dos sujeitos e grupos que compõem a sociedade.

Assim, vieram para o Brasil inúmeros imigrantes libaneses classificados como agricultores ou estudantes, porém, a atividade que eles buscaram aqui foi o comércio, não apenas por vocação, mas pelo fato de encontrarem aqui um sistema de agricultura totalmente diferente do que conheciam, baseado na grande propriedade, com culturas voltadas a exportação e a mão de obra que se articulava em colônias, dificultando a adaptação dos libaneses que migravam individualmente ou pequenos grupos e que trabalhavam em pequenas propriedades, com produtos voltados ao consumo da família.

O contato com as culturas locais acabou gerando novas formas de manifestações, novas relações dos recém chegados e dos estabelecidos e a construção destes lugares acaba se complexificando. Assim, o lugar onde chegaram foi mudando, a medida em que se territorializavam.

Nessa perspectiva de mudança recíproca, manter os costumes na família não foi tarefa fácil para pessoas que chegaram e ficaram circunscritas em uma sociedade que tem valores diferentes dos seus, nas escolas não se ensina o árabe, nem as religiões praticadas inicialmente no Líbano, os clubes, associações e a própria mesquita não funcionam, em função dos referenciais culturais trazidos pelos libaneses serem eles próprios múltiplos.

A transmissão desses valores fica por conta da família. Em alguns casos percebemos haver uma preocupação com isso, mas em outros não. De certo modo, existe uma tendência dos descendentes de libaneses se pulverizarem pela sociedade e na segunda ou terceira geração fica apenas o referencial do sobrenome como indicativo de ascendência daquele país.

Na medida em que o tempo passa, novas relações surgem, nascem os filhos de imigrantes, algumas referências ficam, outras caem no esquecimento. Verificamos que a primeira geração busca muito mais uma integração a sociedade local do que a manutenção da cultura de seus antepassados, de modo geral tendendo a apagar as referências libanesas, pois trata-se de um grupo que encontra-se em minoria em relação a comunidade local e com poucas instituições que preservam elementos culturais do Líbano.

Desse modo, podemos afirmar que no movimento da imigração libanesa, as variantes do território são múltiplas, suas relações com o seu lugar de origem são afrouxadas, porém não são exterminadas, e muitas dessas relações vividas influenciam hoje nas construções de novos territórios aqui. Essa experiência de se vivenciar ao mesmo tempo lugares diferentes, pelo pertencimento que se tem a diferentes grupos, ou por suas conexões em diversas escalas é que dão a cara dos novos territórios. Na literatura pesquisada, com Haesbaert (2009) e Souza (2001), percebemos algumas variantes de territórios que se articulam em áreas contínuas e que às vezes se espacializam, a partir destas, em forma de rede, assim ampliando áreas de influências e se articulando de uma forma descontínua no espaço.

Em nosso caso de estudo, podemos perceber uma relação diferente entre território contínuo e descontínuo. Primeiramente, constatamos a formação territorial de uma rede mundial de emigração, formada por diferentes pontos e vetores, articulados por um grande número de lugares no mundo, e que acabaram se materializando no espaço urbano de Guarapuava, formando um território areal contínuo nesta área urbana. Portanto, partindo da organização em rede para a formação de uma área.

Dessa maneira, para que houvesse a territorialização libanesa em Guarapuava, foi necessária a criação de uma rede de solidariedade entre os libaneses, onde um conhecido, amigo ou parente hospedava e indicava novos lugares para que os imigrantes recém chegados se dirigissem, sempre contando com estes amigos nos momentos em que passasse por dificuldades, formando uma rede de relações e referências que vão da escala local até a global.

Essa rede se mostrou em bom funcionamento, por exemplo, na construção da mesquita de Guarapuava, onde os libaneses nos mostram como toda a comunidade muçulmana no Brasil e até mesmo fora do país (Irã e Egito) foi mobilizada para o objetivo comum de materializar um dos maiores símbolos de presença dessa religião na cidade.

Esta rede também foi responsável pela coesão espacial de estabelecimentos comerciais libaneses, mesmo que de religiões diferentes, nas mesmas ruas comerciais da cidade, fazendo delas ruas especializadas funcional e etnicamente.

Com base nos estudos percebemos que, na medida em que variamos a escala de análise, novas relações territoriais são visíveis, assim, no início de nossa pesquisa e até mesmo na percepção de pessoas da cidade que olham para os libaneses de forma mais “distante”, classificamos as ruas Guaíra e Saldanha Marinho como ruas “dos turcos” formando um território contínuo e de certa forma estigmatizado.

Os rótulos que acompanharam os imigrantes de diversas nacionalidades, como “turco”, no caso dos imigrantes de origem árabe, tem a finalidade de agregar os indivíduos oriundos de outros países sob a ótica da exclusão. Na realidade, esses termos lançavam sobre os estrangeiros um estigma generalizante. No caso dos libaneses, embora sendo reconhecidamente herdeiros de uma vasta herança cultural, a sua ocupação principal em terras brasileiras, o ofício de mascate, rendeu-lhes a fama de negociantes sovinas, obcecados pelo lucro. Aquilo que se chama de “turco” é um artefato das pessoas estabelecidas e que se identificam como brasileiro ou Guarapuavano, julgando-se diferentes em identidade do libanês, mas como se tivessem uma identidade única e coesa.

Ao mesmo tempo em que se tem essa repulsa, digamos sutil, temos por outro lado um olhar de admiração, pois no pensamento popular, tem se a idéia de admirar como os “turcos” chegaram sem nenhum dinheiro e hoje possuem vários empreendimentos em áreas de grande valor imobiliário do centro urbano da cidade.

Na literatura, temos os casos que mostram como as pessoas mais pobres, sofrem pressão para sair de áreas mais próximas ao centro (pressão das imobiliárias e IPTU) e migrarem para áreas mais afastadas, vendendo suas propriedades para as famílias mais ricas da cidade, o que não foi o caso dos libaneses, que adquiriram suas propriedades em áreas menos valorizadas e, pela atividade comercial que desenvolveram, criaram uma centralidade que desenvolveu estas áreas, atraindo a expansão do centro nesta direção, ao mesmo tempo que se capitalizaram e conseguiram se manter nela até hoje, e aquilo que outrora tinha pouco valor imobiliário hoje se inverteu.

#### **4.5.2 A negociação das identidades, suas relações territoriais e a formação do lugar.**

O libanês sempre se mostrou determinado em construir seus empreendimentos, demarcando seu território, na busca de inserção na sociedade local, buscando a participação plena na construção do seu novo lugar de vivência, com certas referências tiradas das interações com os estabelecidos.

Nesse sentido, concordamos com Bhabha (1998, p.77), quando afirma que “a questão da identificação nunca é uma afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia *autocumpridora* – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem – isto é, ser para um Outro”. O jogo que se dá na identidade não se apresenta com algo dado, ou acabado, ele se mostra como uma busca constante das pessoas por elementos que lhes são apresentados e que são assimilados ou refutados, dependendo de cada sujeito. Em função disso, podemos afirmar que o lugar e os territórios que os libaneses constroem aqui são únicos, formado por essa relação de mão dupla entre eles e a sociedade estabelecida.

Na medida em que imigrantes (e não somente eles, mas todas as referências de um mundo em processo de globalização) chegam à sociedade local, os sistemas de significação cultural se multiplicam. É possível verificar a territorialização de uma multiplicidade de possibilidades de identificação, que multiplicam também os territórios, pluralizam a experiência territorial, ao mesmo tempo em que complexificam o lugar.

Na medida em que nos aproximamos, buscando uma visão dos sujeitos sobre si mesmos, sobre a sociedade da qual passaram a fazer parte e do lugar que ajudaram a construir, percebemos que novas relações territoriais aparecem, todas as diversidades culturais dos libaneses surgem em seus discursos, bem como as diferentes formas com que cada um se relaciona com os demais. Os espaços que são frequentados dependem, por exemplo, da sua religião. Os sujeitos estudados “são formados e modificados num diálogo contínuo com mundos culturais exteriores e as identidades que estes mundos oferecem” (HALL, 1999, p. 11).

De certo modo, os libaneses trazem consigo elementos uma identidade nacional que pode ser pensada como unívoca, como, por exemplo, o fato de serem do mesmo país, de falarem a mesma língua e de serem imigrantes em um novo país. Fato este que poderia fazer com que, em certas circunstâncias, atuassem de forma articulada.

Hall (1999, p. 47) afirma que “no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constitui em uma das principais fontes de identidades”. Mesmo entre os imigrantes libaneses, que apresentam tantas diversidades entre si, eles vêm no Líbano, enquanto nação, um elemento de união, sobretudo em um novo contexto em que se apresentam como cultura subordinada (na chegada a um lugar em que representam uma minoria) no qual se faz urgente uma conexão entre os que vieram, criando uma nação imaginada em que por momentos se esquece as velhas rixas. Talvez este seja elemento importante para entender o porque da localização de forma coesa no espaço urbano de estabelecimentos comerciais de libaneses tão diferentes. Podemos afirmar, não sem riscos que, como membro dessa comunidade imaginada, os libaneses se veem como compartilhantes de uma narrativa comum. Esta ideia “dá significado e importância a nossas monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte” (HALL, 1999, p. 52).

Por outro lado, há elementos identitários que particularizam os libaneses e os diferenciam entre si, como a religiosidade, o local de origem da família, suas relações com as pessoas que fazem parte de sua vida, de modo que a articulação a uma comunidade nacional imaginada – formando uma comunidade libanesa num outro país - é sempre parcial e a estruturação de sua identidade permanece aberta.

O fato de eles serem sempre minoria nos locais onde vivem nos parece, pelo menos em seus discursos, que fazem com que as diferenças originárias do Líbano não

aflorem no local, pois todos declaram ter boas relações com os patrícios, independente de sua religiosidade ou posicionamento político. Assim, reafirma-se a identidade nacional, ou seja, os libaneses, com todas as suas diferenças, acabam se unindo como um povo só, não havendo uma segregação entre eles quanto se territorializam em Guarapuava.

Esse movimento desarticula algumas identidades do passado que pareciam estáveis, abrindo a possibilidade para novas articulações para os sujeitos, e estas, por sua vez, os tornam novos sujeitos, agora com novas experiências, novos conflitos, novas sabedorias. Aquilo que era divinamente – e, no caso dos libaneses também politicamente – estabelecido, hoje está sob o signo da mudança.

Apesar disso, verificamos que fica impossibilitada a formação de clubes árabes ou associações onde todos possam participar, pois aí afloram as diferenças culturais trazidas de suas territorialidades no país de origem, pois na formação desses grupos teria que se escolher algumas referências culturais que seriam retransmitidas para o grupo e as futuras gerações, mas a escolha de um ou outro elemento cultural iria contra a história de vida de outros membros. Então, a união entre os libaneses no Brasil, de certa forma, encontra barreiras na religião que praticam, mas sobretudo, nos conflitos religiosos que viveram no Líbano e que continuam acesos por lá.

Podemos constatar nas declarações destes imigrantes, um olhar por demais condescendente com o passado, favorecendo, por parte do analista, a falsa ideia de que se está tratando de um tipo de imigração onde predominam os casos de sucesso. Mas não é este, absolutamente, o caso. Não se pode desconhecer que houve sim situações de sucesso, em que alguns imigrantes árabes que chegaram com poucos recursos se estruturaram economicamente, e que outros, apesar de não conseguirem grandes montantes de dinheiro, conseguiram educar seus filhos, formando-os como médicos, dentistas, advogados, engenheiros etc.

De maneira geral, a imigração libanesa constitui-se em uma forma singular de imigração, se comparada com outras correntes imigratórias, pois ocorreu sem agendamentos, ou seja, não recebeu financiamentos, ou propostas de se articular em comunidades mais fechadas. Eles vieram sem ajuda de governos, a partir de redes de solidariedade familiares, que lhes garantiam base para iniciarem nova atividade em nova terra.

Os primeiros libaneses que chegaram a Guarapuava deixaram, durante sua vivência na cidade, marcas, pistas de como eram suas relações territoriais com as

peças do local. Assim, mostraram sua busca em participar do comércio, com seus anúncios em jornais, os acessos as leis, as escolas onde estudavam, qualificando-se para desenvolver outras atividades que vão além do comércio, a participação na política, nos mostram uma busca pela integração com as dinâmicas da sociedade estabelecida.

Após extensa pesquisa, verificamos que não há fontes que indiquem ou estimem o número de imigrantes libaneses na cidade, as quantificações ficam por parte da memória dos libaneses que afirmam que, nas décadas de 1970 e 1980 as famílias variavam de 70 a 80, a maioria vinculada ao comércio, no centro da cidade.

O principal fator de integração entre os libaneses e a cidade receptora foi a atividade comercial, exercida por todos os imigrantes libaneses que chegaram a Guarapuava (pelo menos de início). A opção por esse tipo de atividade pode ser explicada, segundo os colaboradores da pesquisa, pelo fato de permitir maior flexibilidade no cotidiano e demandar pouca estrutura para o trabalho – visto que de início, se estabelecia como mascate. A atividade comercial teve um papel definitivo da integração com a comunidade estabelecida.

Em muitas lojas que visitamos, são as mulheres que estão atuando na venda e administração do empreendimento, com o auxílio do marido, o qual tem maior flexibilidade para viajar e até mesmo visitar os parentes no Líbano, enquanto que a mulher fica cuidando dos negócios. Isso mostra como o universo feminino ganhou expressividade na conciliação entre o trabalho, compromissos domésticos e educação dos filhos.

Trata-se de assimilação de valores ocidentais, em que a mulher deve participar do mercado de trabalho. Em todas as entrevistas percebemos que a educação que os pais tem dado as suas filhas é com vistas a terem uma formação acadêmica que lhes garanta um trabalho nas áreas de advocacia ou saúde e, portanto, mais uma forma de integração a sociedade.

Essa integração, de certa forma, acaba sendo obrigatória, se por exemplo considerarmos que o dia sagrado aos muçulmanos é sexta (que é um dia com bastante importância comercial no ocidente). Como os homens devem ir a mesquita neste dia, cabe a mulher administrar os negócios em sua ausência, pois não se pode perder este dia e mais o domingo, que é o dia de descanso da cultura local.

Apesar de eventuais diferenças culturais, conseguiram preservar e transmitir muitos elementos da terra natal. Hoje, a cultura libanesa está inserida na cultura

brasileira, como também a de outras etnias e realizam um movimento de criação cultural único, formado pelas mais variadas referências e manifestando-se de diferentes formas no espaço urbano analisado.

Ao adentrarmos na vida dos libaneses, por meio das entrevistas, verificamos mais explicitamente a multiplicidade de caminhos pelos quais a emigração poderia ser acessada. Mais que uma necessidade latente aos sujeitos, esta se nutria das possibilidades emergidas conjunturalmente, de moradia, de acolhimento familiar, de emprego nas zonas urbanas, ou de associar-se em trabalhos (em lojas, ou na venda ambulante) junto a compatriotas. Uma opção estudada dentro dos termos de uma cultura migratória, que reuniu elementos de diferentes gerações, entremeados em estruturas e contingências familiares, cujos limites pautavam um horizonte de expectativas, em certa medida, maleável e sujeito constantemente a inéditas configurações.

Este trabalho vem ao encontro do pensamento desenvolvido por Massey (2000), que tem uma proposta de ver a construção dos lugares de uma forma progressista, sem discursos auto-afirmadores que, em certa medida, geram preconceitos para com as minorias, discriminando-as e, as vezes, ignorando as diferenças, como se os espaços se desenvolvessem de forma linear e homogênea.

O movimento de criação do lugar se dá de forma articulada com o global, numa via de cooperação mútua, em que os fatores globais se materializam no lugar de forma diferenciada, conforme o espaço em que isso ocorre, e essas diferenças que existem em cada lugar alimentam e impulsionam a criação dos componentes e ideias do global. Os textos produzidos para mostrar o processo histórico de formação da cidade de Guarapuava funcionam como repressores das contradições e variantes que existem na formação cultural da sociedade local, e também funciona como uma resolução dessas contradições, pois, ao tentar eliminar as contradições, os autores “resolvem” o problema, fazendo com que seu foco principal ignore as diferenças e conflitos existentes.

As tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recentes e algumas vezes inventadas. “Tradição inventada significa um conjunto de práticas..., de natureza ritual simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado” (HALL, 1999, p. 54).

As pessoas são tentadas a criar discursos onde recuam defensivamente para um passado remoto onde existiu um “tempo perdido” em que o município era grande, a coragem dos “heróis” era maior, a cidade tinha mais importância e assim são tentadas a restaurar identidades passadas.

Nesse processo se constrói o significado, por meio de uma dinâmica de referências e diferenças em relação a outros discursos e ideologias históricas, levando em consideração um desenvolvimento homogêneo do lugar, que não acontece na realidade. A criação e o fortalecimento dessas identidades locais podem ser pensados como uma reação defensiva, dos membros de grupos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas e buscam a criação de novos ícones culturais e viajam ao passado em busca de elementos que meçam com o imaginário das pessoas que vivem no lugar.

Assim, podemos afirmar que os discursos sobre o desenvolvimento histórico da cidade de Guarapuava PR devem levar em conta os diferentes grupos culturais que aqui viveram e que hoje se territorializam nas áreas urbanas, sem a busca de afirmação de um ou outro grupo como mais relevante na construção do lugar, mas pensando na ação de todos e em conjunto.

É nesse sentido que defendemos a importância de considerar o papel desempenhado pelas correntes imigratórias libanesas na formação deste lugar que é Guarapuava, como forma de evidenciar o quanto este lugar é plural e resultado de processos de negociação que ainda se fazem presentes.

## REFERÊNCIAS.

ABREU, M. de A. Sobre a memória das cidades. **Território**, Rio de Janeiro, ano III, nº 4, p. 5-26, 1998.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CABREIRA, M. M. Cultura e identidade em São Paulo: a imigração síria e libanesa. **EccoS revista científica**. Volume 03, ano 1, São Paulo, 2001.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CLAVAL, P. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, F. e KOZEL, S. (org.) **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p. 11 – 43.

COHEN, Y. História oral: metodologia, um modo de pensar, um modo de transformar as ciências sociais? **Ciências Sociais Hoje**. São Paulo, 1993.

COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. A técnica da entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 2008.

ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

DONATELLI, D. D. O sentido da memória. **Cidade**, São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1996.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FALEIROS, V. DE P. Assistência social: políticas e direitos. **Revista Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, nº 77, p. 176-215, 2004.

FIGOLI, L. H. e VILELA, E. M.. **Migração internacional, multiculturalismo e identidade**: sírios e libaneses em Minas Gerais. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG. 2004.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GATTAZ, André. **História oral da imigração libanesa para o Brasil – 1880 a 2000**. 2001.173 p. Tese (doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOETTERT, J. D. Paradoxos do lugar mundo: Brasileiros e identidades. In: SPOSITO, E. S; BOMTEMPO, D. C. e SOUSA, A. A. (Org.). **Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades**. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2010. p. 15 a 36.

GONÇALVES, C. W. P. **Possibilidades e limites da ciência e da técnica diante da questão ambiental**. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/12681/11841>

Consulta em: 15/11/10.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2009.

\_\_\_\_\_. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano IX, n. 17, p. 19-45, julho de 2007.

HALL, S. "Race, culture, and communications: looking backward and forward at cultural studies". In: STOREY, J. (ed.). **What is cultural studies?** London, Arnold, 1996, pp.336-343.

\_\_\_\_\_. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

KHODR, H. **O libanês no Brasil**. 3 ed. Brasil - Líbano, 1987.

KNOWLTON, Clark S. **Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial**. São Paulo: Anhambí, 1955.

KRUGER, N. P. **Guarapuava, Seu território, sua gente, seus caminhos, sua história**. Curitiba: Editora Posigraf, 1999.

LACHESKI, E. **Guarapuava no Paraná: Discurso, memória e identidade (1950 – 2000)**. 2009. 170p. Dissertação de pós graduação. UFPR. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

LOURENÇO, L. A. B. **A oeste das minas**. Uberlândia: Edufu, 2005.

MAIA, R. C. M. A identidade em contextos globalizados e multiculturais. **Revista de Comunicação Social**, Belo Horizonte n. 50, p.12-25, 1999.

MARCONDES, G. G. **Guarapuava: história de luta e trabalho**. Guarapuava: UNICENTRO, 1998.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2006. 315p.

MASSEY, D. Um sentido global no lugar. In: ARANTES, A. A. (org.) **O espaço da diferença**. Campinas/SP: Ed. Papirus, 2000. p. 176-185

MATOS, P. F.; PESSÔA, V. L. S. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária. In: RAMIRES, J. C. L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.) **Geografia e Pesquisa Qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009. 279-291 p.

MCDOWELL, L. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH, G. (org.). **Geografia humana**: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Zahas Ed. p. 159-188, 1999.

MENDONÇA, F. **Geografia Física: Ciência humana?** 4 ed. São Paulo: Contexto, 1996.

MESQUITA, Z. Espaço, território e lugar: estas palavras ciganas... **Educação Subjetividade e Poder**, Porto Alegre, v. 5, n. 5, p. 64-75, 1998.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

NASSER O. F. **O crescente e a estrela na terra dos pinheirais, os árabes muçulmanos em Curitiba (1945-1984)**. 2006. 165 p. Dissertação de mestrado em História, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

NIETZSCHE, F. W. **Os pensadores - Nietzsche**. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Ed. Nova Cultural Ltda. São Paulo, 1999. 464p.

**O Pharol**. Guarapuava 09 de Abril de 1922, ano IV

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia de pesquisa**: abordagem teórico prática. Campinas/SP: Ed. Papirus, 1987. p. 29-91.

PEIXOTO, J. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas. **SOCIUS WorkingPapers**, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, p. 27-67, 2004.

YKEGAYA, T. G. **Imigração árabe em Foz do Iguaçu: A construção de uma identidade étnica**. 2006. 196 p. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, Paraná.

Salis, A. U. **Guarapuava comentada**. Disponível em:  
<http://web03.unicentro.br/eri/?p=339> consulta em: 07/11/11.

SANTOS, B. DE S. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social**, USP, São Paulo, v. 5, p. 31-52, 1993.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 335p.

SILVEIRA, M. L. Uma situação geográfica: do método a metodologia. **Território**, ano IV, número 6, p. 21-28, jan./jun. 1999.

SIMMEL, G. **Sociologia**. Ática, São Paulo, 1983. 192 p.

SOARES, W. Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional. **Revista Brasileira de Estudos População**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 101-116, jan./jun. 2004

SOUZA, M. J. L. DE. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; CORRÊA, R. L.; GOMES, P. C. da C. (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001. p. 77-116.

SOUZA, X. S. S. A análise do discurso como estratégia na identificação das intencionalidades e práticas espaciais dos movimentos sociais urbanos de João Pessoa-PB. In: RAMIRES, J. C. L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.) **Geografia e Pesquisa Qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009. p. 25-48.

TEIXEIRA, L. C. **Reminiscências do passado**. Guarapuava: Esquema, 1993. 168p.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. Teses de Doutorado. 533 folhas. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Presidente Prudente, 2008.

WINKIN, Y. Descer ao campo. In: \_\_\_\_\_. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papyrus, p. 129-145, 1998.

# **ANEXOS**

## ANEXO 1

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA COM SIRIOS LIBANESES RESIDENTES EM GUARAPUAVA PR.**

#### **1 – ORIGEM DA FAMÍLIA.**

- a) Qual a origem da sua família?
- b) Como foi e onde passou sua infância? Seus primeiros estudos?
- c) Pedir para descrever o contexto do local de origem até sua partida para o Brasil.

#### **2 – A PARTIDA.**

- a) Que motivos fizeram tomar a decisão de deixar seu país de origem? Por que o Brasil foi escolhido como destino?
- b) A saída foi em grupo ou individual? De quais cidades da Síria ou Líbano teve maior aporte de imigrantes?

#### **3 – A CHEGADA.**

- a) Você veio diretamente para Guarapuava, ou já residiu em outras cidades? Se sim quais? Quais os motivos de vir até Guarapuava? Quais as referências que se tinha do local de chegada? Já havia conhecidos na cidade?
- b) O contato com as pessoas que aqui moravam como foi? Existia algum conflito, algum preconceito dos antigos moradores (de outros grupos culturais)? O que as pessoas diziam sobre o grupo sírio libanês em Guarapuava?
- c) A vida social era feita, sobretudo, em que contexto: familiar, grupo de amigos, da escola, mesquita?
- d) havia uma vivência de comunidade, de grupo cultural, de pessoas que compartilham a mesma língua e a mesma cultura em Guarapuava? Como era?
- e) onde se estabeleceu sua família, quando chegou? Que tipo de atividade desenvolvia para ganhar a vida?
- f) como foram os primeiros tempos? A fase de adaptação? O estabelecimento dos negócios (se houve estabelecimento de negócio)?
- g) Como era a cidade, quando você e sua família chegaram? Descreva um pouco o contexto urbano em que se inseriram.
- h) Percebemos, como leigos, a grande presença de estabelecimentos que tem à frente pessoas de origem sírio-libanesa, nas Ruas Guaira e Saldanha Marinho, hoje em dia. Há outros pontos da cidade em que ocorre também esta concentração? Como tudo começou? Quais imóveis você sabe que foram construídos por sírio-libaneses? É possível identificar nestes imóveis alguns símbolos que remetem à cultura sírio-libanesa? O acesso a propriedade da terra em Guarapuava foi fácil?
- i) Você conhece a história da imigração sírio-libanesa para Guarapuava? Poderia nos contar alguma coisa? Algum fato, alguns dados, do tipo: quando chegaram os primeiros sírio-libaneses, por que vieram, onde se estabeleceram?

#### **4 – OS DIAS ATUAIS.**

- a) Hoje você costuma freqüentar reuniões da comunidade em Guarapuava? Onde são os encontros? Existe alguma liderança que promovem estes encontros? Nesses encontros se pratica a língua dos países de origem? Como são esses encontros?
- b) Existem costumes que são mantidos do seu país de origem? Estes costumes são mantidos no seio da família, ou no grupo mais amplo de imigrantes sírio-libaneses? Ou seja, qual o papel do grupo na manutenção destes costumes? Qual o papel da religião nisso?
- c) Por que a mesquita de Guarapuava está fechada?

- d) Costuma freqüentar algum grupo de amigos, associação, reuniões partidárias... Enfim, como é sua vida pública atualmente?
- e) Você sofre algum preconceito hoje? Na sua opinião, como os Guarapuavanos vêem os sírio-libaneses?
- f) Hoje os contatos entre as diferentes culturas está mais fácil? Há casamentos de sírio-libaneses com pessoas de outras descendências?
- g) Fale sobre seu contato atual com o Líbano ou Síria. Você sente vontade de voltar ao seu país de origem? Existem contatos entre os moradores daqui e do país de origem?
- h) Como são feitos estes contatos? Por que boa parte das famílias que aqui residiam voltaram para seus locais de origem?
- i) Quais as perspectivas de você e sua família continuarem crescendo em Guarapuava?

## ANEXO 2

**UNIVERSIDADE DO CENTRO-OESTE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DA ENTREVISTA**

A Pesquisa sobre a **Territorialização da cultura Sírio-libanesa em Guarapuava** visa investigar a forma que os imigrantes desta comunidade chegaram a Guarapuava, contribuindo para a construção do espaço urbano desta cidade, usando informações que nos mostrem o período de sua chegada e seu desenvolvimento até o ano de 2011. Para isso, pretende-se escutar as pessoas que compõem essa comunidade, os imigrantes que aqui chegaram e seus descendentes diretos, para captar as transformações que se processaram na vivência destas pessoas e entender como parte dos espaços urbanos de Guarapuava foram construídos.

Os dados dos depoimentos estarão sob sigilo ético e não deverão ser divulgados até o momento de publicação da pesquisa, de modo que ela não ofereça nenhum risco ao/a informante.

O pesquisador responsável pela pesquisa é o Mestrando Anderson Muzzolon, do Programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado) da UNICENTRO, que se compromete a esclarecer todas as dúvidas dos/as informantes, antes, durante e depois das entrevistas. Podendo ser contatado pelos telefones: (42) 3629-5615 ou 3035-1583; ou ainda pelo correio eletrônico: [anderson\\_muzzolon@yahoo.com.br](mailto:anderson_muzzolon@yahoo.com.br)

Eu, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_,  
portador/a do documento \_\_\_\_\_, Declaro para os devidos fins que cedo os direitos da minha entrevista, para que seja transcrita, analisada e utilizada, no todo ou em partes, no âmbito da pesquisa acima citada. Da mesma forma, autorizo que seja usada posteriormente por terceiros vinculados à UNICENTRO, que ficará com a guarda do material após o término da pesquisa.

Também informo que:

- permito a citação do meu nome na redação final da pesquisa  
 não permito a citação do meu nome na redação final da pesquisa.

Guarapuava, \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Anderson Muzzolon

## ANEXO 3

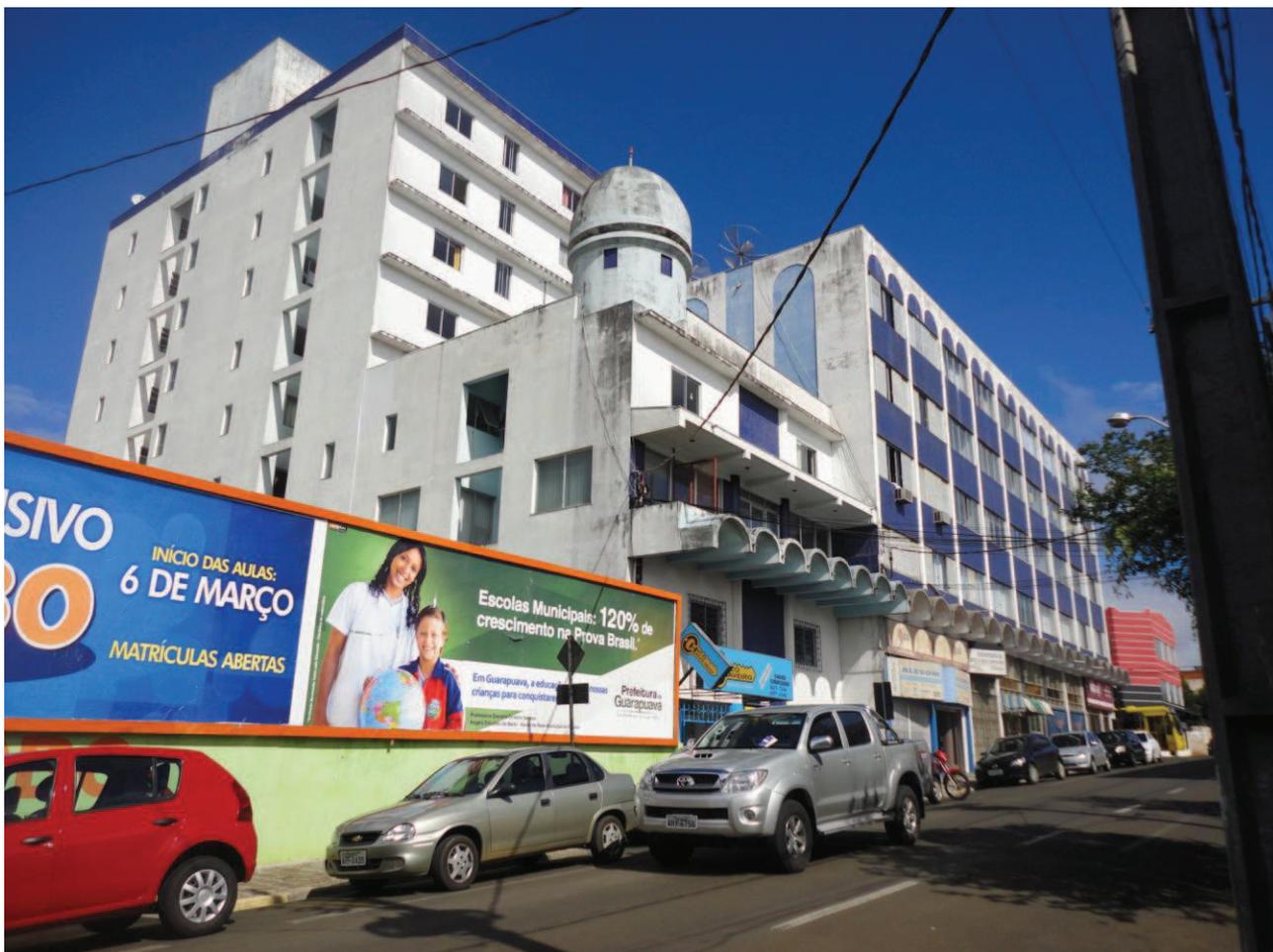


Foto 14: Edifício com características de arquitetura árabe, construído por brasileiros, em Guarapuava.

Fonte: Anderson Muzzolon, 2012.

## ANEXO 5



Foto 15: Antiga Rodoviária de Guarapuava Pr, na década de 1970.  
Fonte: Acervo histórico da Unicentro.

## ANEXO 6

### Quadro de análise da saturação de informações da entrevistas concedidas pelos libaneses e descendentes que moram em Guarapuava pr.

Nome do entrevistado:	Local de origem da família.	Estudos.
<b>Hamidi Omar</b>	Sei claro, meu pai é da de Lela né cidade é Lela e fica no na parte leste do Líbano né	Estudei, não estudei em cascavel por isso fiz faculdade aqui. Eu sou formada em direito.
<b>Hanna Khouri</b>	No vale do Bekaa, região divisa com a Síria.	Eu tenho só a, no caso aqui na época, que o curso começava hoje, não sei se é primeiro ou segundo grau equivalente, na época era o ginásio, terminava o grupo na época, e eu fiz o curso comercial básico, na época só tinha duas opções, ou ginásio ou comercial básico, ginásio na época pra quem queria fazer o científico, odontologia, medicina, quem queria fazer engenharia, por exemplo, comercial básico era mais preparado para quem queria fazer contabilidade
<b>Itad Kasma</b>	Bom meus pais são do Líbano né, origem deles, libanesa mesmo né no norte do Líbano toda minha família né	É fiz até o segundo grau né dai parei de estudar e vim para cá para o Brasil faz 23 anos que sai dela né.
<b>Jamil Darwich</b>	Do sul do Líbano, bem no sul, extremo sul do Líbano.	Eu fiz, fiz os estudos todos lá, até meu segundo grau fiz lá. A faculdade eu fiz aqui.
<b>Rames Nicolas Hosni</b>	Olha vamos dizer que, do Trípoli.	Sim, eu tenho estudos muito bons, mas fiz vestibular e não passei, aí fui para o exército, no exército fiquei três anos, daí saí e vim para cá, pro Brasil.
<b>Rita Reda</b>	Pai e mãe vieram do	Tudo em ponta grossa, só

	Líbano casados jovens de lá e tiveram todos os filhos aqui no Paraná mesmo em Ponta grossa	vim para Guarapuava depois de casada faz 30 anos que estamos aqui.
<b>Soad Darwich Safadini</b>	De capital de Sor.	Estudei até o primeiro ano
<b>Lilian Safadi</b>	Do Líbano, libanesa minha mãe e meu pai.	Faço faculdade de direito.

<b>Nome do entrevistado:</b>	<b>Atividade que desenvolviam.</b>	<b>Motivos da saída do Líbano.</b>
<b>Hamidi Omar</b>	Agricultura e estiva nos portos.	Trabalho. Sim, quando meu veio era uma época muito difícil no Líbano ,era uma época de guerra né, era uma época de conflitos.
<b>Hanna Khouri</b>	Agricultura, tudo agricultura, quem disse o contrario está mentindo. O senhor esta me entendendo? Por que uma vez eu vi aqui, não posso citar nomes, eu sou católico, por que eu sei que quem não é católico, eu não gosto de cita nomes, é agricultura meu amigo, eu não trabalhei porque não tinha idade. O que se plantava era azeitona, lentilha, grão de bico, trigo, coisas simples para sobreviver.	Ai é um pouco complicado, não complicado, além de aqui oferecer uma terra de abundante de farturas, tudo mais aqui, o problema é guerra mais guerra no oriente surgiu, porque a Turquia o senhor sabe que dominou nossa terra lá, sem conta que lá era um regime muito rígido, uma pessoa que não tinha um país quando é subjugado, ele não pode ter o povo em liberdade, pra nada meu amigo. E outro povo que eles tinham, pra paga seus impostos, mesmo que não sendo em dinheiro, em produto, tinha que paga, eu era criança e via ate os mais velhos diz que os turcos foram muito ruins, isso que eles falam, e põe um R desse tamanho.
<b>Itad Kasma</b>	Na agricultura lá nossas terras lá tudo tem azeitona,	Não deu tempo né de fazer a faculdade por causa de

	tem as coisas, né cereja.	umas guerras que deu lá coisa que atrasa muito né dai quando dá essas guerras esse tipo de coisa atrapalha muito.
<b>Jamil Darwich</b>	Plantava na verdade os alimentos, os alimentos que a gente consome, que som trigo lentilha, grão de bico, é tudo o que a gente come, verduras legumes, mas pra, pra dinheiro mesmo, pra atividade comercial planta fumo.	O motivo era que no Líbano, eu tinha um irmão que morava aqui, fazia quinze anos aqui, então minha mãe queria ver ele e ele não conseguia ir, então falava que tava ocupado, tava ocupado, ai eu vim aqui pra levar ele pra lá, e eu fiquei aqui no Brasil, eu gostei daqui, encalhei aqui, casei aqui, os brasileiros conseguiram tomar conta de mim e o que que eu vou fazer né? (risos) Não tive como fugir e não vou fugir também.
<b>Rames Nicolas Hosni</b>	Sim, no agrícola.	É pelo seguinte: estava no exército no Líbano, então eu pensei, pensei que o futuro grande não tem o Líbano um capital (país) pequeno, mais ou menos Guarapuava e municípios assim, é pequeno, daí peguei, peguei uma carta, fiz uma carta para meu irmão, meu irmão de Ponta Grossa, e falei, expliquei para ele, a vida assim não tem opções para crescer, não tem campo, eu preciso ir para o Brasil, ai ele fez uma autorização e mandou para o Líbano e daí embarquei para cá.

<b>Rita reda</b>	Comércio em Ponta Grossa.	Na verdade meu marido é comerciante e na época as coisas não estavam indo muito bem indicaram a cidade para ele era uma cidade com pouco comercio na verdade pouquíssimas lojas e a gente veio e se acertou se deu bem e adotamos a cidade.
<b>Soad Darwich Safadini</b>	Sabe que era, de plantação.	Guerra surgiu forte lá no Libano
<b>Lilian Safadi</b>	Trabalhavam no comércio em Ponta Grossa.	A eles falam minha mãe na verdade era muito pequena quatro anos então não fala nada, mais o meu pai veio para cá por oportunidade mesmo.

<b>Nome do entrevistado:</b>	<b>Ano que veio</b>	<b>Primeiros contatos</b>
<b>Hamidi Omar</b>	Meu pai veio para cá 1967 é 66 era essa época, época de 60 ele veio né, primeiro veio meu tio né que já é falecido hoje, dai depois meu pai veio atrás.	É você só vai encontrar libanês mesmo né. Sírios como eu tava falando para você, sírios você vai encontrar uma boa camada ai de população síria em são Paulo no comércio na cidade você vai encontrar o pessoal, mais Guarapuava, acho que Foz do Iguaçu se você encontrar vai ser bem pouquinho, mais é a comunidade libanesa mesmo sabe, é que as pessoas tem costume de achar que é a mesma comunidade mais não é né comunidade síria é uma comunidade libanesa é outra, comunidade da Turquia é outra, egípcia é outra cada um é uma comunidade né. Sempre

		foi boa a convivência sempre foi pacífica sem foi muito boa diria muito boa né hoje teve um entrosamento muito bom entre as comunidades, tanto que hoje se você der uma pesquisada mais a fundo você vai vê ai que ouve uma miscigenação na cultura né em razão dos casamentos né acaba os filhos ficando por aqui né eles conhecem o outro né
<b>Hanna Khouri</b>	Era, eu vivi em São Paulo, eu cheguei em 53 aqui, eu comecei a viajar em 59 mas só que eu ia até lá em 64. Aqui eu parei um pouco, em Guarapuava e depois volta pra São Paulo, eu fiquei 11 anos lá. Mas nesses onze anos eu viajei bastante.	Meu amigo vou dizer pro senhor aqui, dormi muitas vezes no mato e no carro, eu sempre digo assim, por deus aqui eu fui bem, nunca deu problema, nunca ninguém tentou me assaltar, eu andei aqui, nunca ninguém quis, eu não sei, toda a vida tive um ótimo relacionamento, nunca ninguém quis me assalta, se eu não posso fazer amizade não ofendo ninguém, eu sou de opinião, mas eu respeito, o senhor tem que entrar com respeito e sair com respeito, em qualquer lugar.
<b>Itad Kasma</b>	Na verdade eu veio em 93.	Muito fácil muito fácil justamente aqui, para falar a verdade tá certo que o Brasil abre as portas para nós para todos nós, todo o tipo de estrangeiro para falar a verdade tipo nossa raça árabes assim nos temos uma coisa boa um ajuda o outro bastante , tipo eu venho de lá e não

		<p>conheço ninguém não precisa ser irmão a gente chega ali, ele abre as portas para você ele não vai deixar eu trabalhar de empregado ele faz de tudo para mim, ajudar a fazer alguma coisa, a gente tem essa liga .</p>
<b>Jamil Darwich</b>	<p>Porque tinha, tinha um tio dele, meu pai esteve aqui no Brasil, nos anos 50 na verdade, veio ver meu tio, então meu pai voltou, não se adaptou por aqui não teve sucesso comercialmente, voltou pra lidar com a agricultura lá e, depois meu tio mando na frente o meu irmão, meu irmão veio aqui e ficou também, casou com brasileira, teve com ela lá agora, então resolveu vim pra cá, aí quando eu vim, ele veio por causa disso</p>	<p>Não temos preconceitos, nem com qualquer tipo de pessoa humana, seja preto, seja branco, amarelo, de qualquer tipo de raça, sendo gente boa, a gente considera como amigo, pessoa ruim , pessoa que tem problemas, a gente, agente quer nem cruzar com ele né, a gente que viver com coisa boa, se não a gente</p>
<b>Rames Nicolas Hosni</b>	<p>Eu quando cheguei aqui em 1956, época de carnaval, eu vou pra maracangaia eu vou, assim eu lembre, eu lembre (risos) era musica da época,</p>	<p>Eu cheguei aqui sabe como é que era eu não falo nada, não sabe, ai diz que tem carnaval, não sei o que não sei o que, peguei e fui no Clube Cruzeiro, e todo mundo dançando, e eu não falo, não sei (a língua portuguesa), ai as meninada sabe, quem eles gostam um que não sabe falar assim, e começaram a me pegar todo assim, e não terminou o carnaval comecei a falar o português, e sabe tem que entrar assim (fazer parte do grupo), é nunca aprende (sozinho não consegue</p>

		<p>aprender a língua) e começamos a brincar assim, todo mundo assim, e as sete horas chegou que as cinco horas da manhã, todo dia, vai aprender, todo mundo me pega, era novo né, era piação.</p>
<b>Rita Reda</b>	1981	<p>As referencias não eram muito boas primeiro diziam que era uma cidade de cangaceiro, e a gente muito jovem vinha, até um pouco assustada na época dizendo que aqui era tudo resolvido a bala e a gente chegou e realmente era uma cidade assim bastante arvores bastante assim, como vou te dizer muito mato no meio da cidade assim e assim eu meio que me assustei no começo mais na verdade não era nada daquilo era uma cidade muito tranquila tanto que tive meus filhos aqui, você pode criar de uma maneira bem tranquila assim sem muita violência sem nada na verdade, agora que ta crescendo mais e tudo né mais na época era uma cidade muito pacata e realmente tinha um bom comercio.</p>
<b>Soad Darwich Safadini</b>	<p>Faz trinta três ano. É, eu nasceu aqui de Ponta Grossa, na idade de três anino, meu pai queria vai no Líbano conhecer, ver, visitar famile dele, ele levou eu lá, ele deixou minha vó vê nós, vê eu, falou olha vai fica aqui filha, como nós, é deixou eu pra minha idade ser quinze anos.</p>	<p>É, eu adorei aqui, aqui adorei o Brasil, Brasil coraçõ de mãe, cabe tudo mundo.</p>

<b>Lilian Safadi</b>	Não minha mãe veio com quatro anos e meu pai veio com quatorze. Nasci aqui eu e meus irmãos nasceram aqui.	É tranquilo , na verdade na verdade a gente acaba , como e 'que vou te dizer a gente acaba num tendo muito contato com os libaneses nem nada devido a correria mesmo do dia a dia então cada um tem sua loja sua ocupação então ninguém tem assim muito tempo de estar se visitando.
----------------------	--	--

<b>Nome do entrevistado:</b>	<b>As relações sociais</b>	<b>Diferenças entre os libaneses</b>
<b>Hamidi Omar</b>	Aqui em Guarapuava infelizmente só no âmbito familiar.	Tem, tem, então mais o Tahech, eles são árabes libaneses também de origem né mais eles vem de uma região do Líbano cristã e também tem isso entendeu tem o libanês cristão e tem o libanês muçulmano né você ta conversando comigo que sou muçulmano sunita não sou muçulmana xiita entendeu? Você vai conversar por exemplo meia quadra vai chega na esquina é xiita entendeu , você vai conversa com o doutor Jorge Tarech ele é cristão mais todo mundo é libanês a comunidade é a mesma, mais ai o cristão não sente tanta dificuldade em vir para cá porque aqui ele já tem a comunidade por exemplo no âmbito assim religioso, já ta tudo certinho para ele né frequênta a igreja ta certo né.
<b>Hanna Khouri</b>	Aqui é um pais bom, meu amigo, de fato um pais bom, eu não sei, eu viajei	O senhor sabe que tudo quanto comunidade tem, alguma coisa sempre tem,

	<p>pouco, não muito, mais de Minas Gerais até o Rio Grande viajei um pouco, nunca me senti discriminado, meu amigo, eu sou meio político, sou metido em política aqui, se quiser discutir comigo, é um atraso de vida, hoje não, hoje me desanimei, então nunca me senti discriminado, mesmo não sendo natural, mesmo antes de me naturalizar, antes de naturalizar, eu escrevia certos artigos modestos no jornal daqui</p>	<p>não vou dizer pro senhor as mil maravilhas, sempre há alguma coisinha, mas a gente procurava contorno.</p>
<b>Itad Kasma</b>	<p>Tenho bastante amigos aqui. a maioria dos meus amigos são brasileiros, sabe é bom ter uma vida assim, se você não fazer amizades você não vai para a frente sabe você então você precisa de todo mundo né.</p>	-
<b>Jamil Darwich</b>	<p>Nossa, nós temos nossa vida aqui, a nossa vida social, entre nós por exemplo, muito boa, a gente encontra sempre aqui, e não é só com nós, a gente se mistura muito com brasileiros, então tem os brasileiros, e tem os brasileiros que vêm visitar, vêm em nossa casa, vou na casa deles, sempre, passa tempo, faz visitas, vai na casa deles e em nossa casa, aqui se partilha a vida com todo o mundo na verdade,</p>	<p>Porque tem outros árabes também, outros libaneses entendeu, que são amigos da gente eles são conterrâneos da gente, que a gente gosta deles, a gente se encontra com eles, a gente convida, vai na casa deles, eles são, são libaneses, tem falamos nossa língua, carregam nossos costumes, não são da mesma religião, mas nossa religião não diferencia entre religião e outro sabe, tem Deus como um título em cima o resto, as diferenças o homem que</p>

		inventou né, na verdade, nenhuma religião é contra outra religião, se achar uma religião contra é porque o homem é o culpado, não é Deus, porque Deus não ia ser tão divergente mandar pra mim uma religião e pra você outra, sendo nós dois seres humanos com todas as qualidades e características do ser humano, então se Deus vai mandar uma coisa diferente da minha ou ao contrário, não seria um Deus, seria um, não seria justo de Deus, então todas as religiões são boas.
<b>Rames Nicolas Hosni</b>	Não, eles vêm de cavalo do Pinhão, mula e não tinha estrada aquele época, eles amarram aqui as mulas na rua, antigamente era coisa mais linda, não é como hoje. Vem pra cá, começa a comprar e outras, e fizemos assim, tem que trabalhar né.	Não funciona porque cada um tem que puxar pro outro, esse negócio não serve, porque tem dois religião, a árabe, muçulmana e cristã, então não, não, não.
<b>Rita Reda</b>	Os poucos árabes que tinha aqui nos acolheram muito bem e fizemos boas amizades graças a deus não tivemos nem problema aqui na cidade.	-
<b>Soad Darwich Safadini</b>	Não, quanto encontra com minha família árabe, eu fala árabe, quanto encontra com meu amigo brasileiro eu fala como eu saibo falar, o brasileiro (risos). As vezes erra, fala uma lé.	Sou muculmana
<b>Lilian Safadi</b>	Não, não tem já assim de uns anos para cá já é assim mesmo é mais	Não tem mais aquela coisa assim, de querer se misturar com pessoas

	<p>cada um na sua mesmo assim claro que não que a gente se afastou da comunidade nem nada mais é que a comunidade acabou é cada um já por causa dessa correria cada um já seguiu seu rumo sabe num teve mais assim aquela coisa de antigamente que se reunião que né tinham mais contato, ta mais cada um assim vivendo na sua mesmo.</p>	<p>da nossa origem né. Não existe mais isso.</p>
--	---	--

<b>Nome do entrevistado:</b>	<b>Concentração nas ruas Guíra e Saldanha M.</b>	<b>Atividades desenvolvidas no Brasil</b>
<b>Hamidi Omar</b>	<p>É isso mesmo. Exatamente mais a Saldanha e a Guairá, a Guairá já nem tanto né acabou praticamente muito pouco, a Saldanha ainda, mas assim o que já não é mais loja os imóveis são árabes entendeu o que acontece comunidade vai envelhecendo né, dai volta para aquela situação os filhos acabam estudando acabam saindo do comércio para um outro mundo entendeu, dai o pai já não toca mais o comércio o imóvel já acaba ficando, mais terceiriza-se.</p>	<p>Vou dar um exemplo do meu pai e do meu tio eles vi eram para cá assim e trabalharam anos assim na mala mesmo sabe, exatamente para depois conseguir alguma coisinha sabe não foi assim</p>
<b>Hanna Khouri</b>	<p>Era mais a Saldanha, tinha na Guaira, tinha, mas era mais a Saldanha. A Saldanha o senhor pegava aqui da (Rua) Padre Chagas até embaixo aqui, meu deus do céu, uma loja ao lado da outra.</p>	<p>A loja era no varejo. Eu vendia pra fora e minha esposa, mais ela que atendia, eu comprava as coisas e ela vendia por dez reais, cem, duzentos, mas era ela que atendia, então o meu era mais compra pra fora, uma vez o senhor</p>

	<p>É simples, você tem que procurar por o comércio por onde passa gente, é comércio, porque a rua XV é um comércio mais de Banco, um comércio mais sofisticado, e ali é um comércio mais popular, é um comércio pra casa, em qualquer lugar que você for, o comércio mesmo tem que se localizar no centro, no centro cruza, um ou outro tá cruzando, se não comprar de mim compra dele, ou vice-versa, sempre no centro tá cruzando, porque antigamente, porque o terminal (rodoviário) hoje não, porque antigamente o terminal rodoviário não tinha, fizeram a rodoviária, mais ou menos em sessenta e pouco, não me lembro se em sessenta e um, dois três, por ai, onde que é o terminal hoje, é na rodoviária</p>	<p>sabe assim, era época de natal e na época tinha movimento, minha filha pegou e falou pelo amor de deus pai, o senhor peque o carro e vá passear, pai pelo amor de deus o senhor mais atrapalha do que ajuda, eu não gosto, tenho pavor de varejo.</p>
<b>Itad Kasma</b>	<p>Na Rua Guaira do Adilan Darwich ali né, aquele dentista, lá tem bastante propriedades também aqui, a na frente da loja das fabricas é propriedade dele tem a loja big na esquina dele a um pouquinho mais para baixo fim da alfana ali também é dele tem bastante propriedade.</p>	<b>O comércio.</b>
<b>Jamil Darwich</b>	<p>Porque na verdade aonde o libanês procura, o libanês é comerciante nato, pela natureza ele é comerciante,</p>	<p>Não, não mascateei de mala assim como meu tio que veio primeiro, meu pai, todos eles por</p>

	<p>se vê os fenícios por exemplo, que são nossos ancestrais, os fenícios foram os primeiros que andaram no mar, e construíram os barcos com cedro Líbano e andaram no mar, então o libanês por natureza ele é comerciante, gosta de comercializar as coisas, então quando ele vai numa cidade, ele, aonde tem mais gente passando, aonde tem mais movimento, e procura se instalar nessa rua, antigamente era Saldanha Marinho, eu quando estabeleci ali na Guaíra não tinha nenhuma loja de libanês ali, não, tinha uma na minha frente e eu estabeleci na frente dele, era um primo meu, entendeu, e ele que me falou, olha eu tenho uma loja aqui, vazia, querem alugar, e eu aluguei e fiquei ali, e nesse tempo, por exemplo, depois começou a aparecer uma, uma vem, agora outra quadra pra lá tem três quatro lojas de libaneses, e não tanto, mas Saldanha Marinho também tem algumas</p>	<p>exemplo, mas eu trabalhei, dirigir de carro, quanto tinha loja, carregava o carro de mercadorias e vendia pra cá no interior. Eu rodava por todo esse mundo aqui no sul no sudoeste, chegava até General Carneiro, até Bituruna, chegava até Candói, Paz, Pato Branco, Laranjeiras, não deixava um canto, chegava até Góis Artigas, Inácio Martins, chegava em tudo que é lugar e a gente vende, a gente metia a cara e ia logo.</p>
<p><b>Rames Nicolas Hosni</b></p>	<p>Eu loquei uma casinha e depois comprei uma propriedade, aqui do lado, trabalhei até agora, trabalho duro. Não sai desta rua (Saldanha Marinho).</p>	<p>Comércio, eu sabe que a minha vida, sabe como é que é a gente não é trabalhar assim direto no comércio, tem mascatear, tem que trabalhar, com malas e outras, ai comprei jipe, comecei a trabalhar, ai vendi jipe e abri uma bodega (loja).</p>
<p><b>Rita Reda</b></p>	<p>Como eu te falei a gente não é de sair muito então o nosso, como eu já morava</p>	<p>Sempre no comércio</p>

	no centro e a loja é no centro e o que tinha a nossa volta aqui então é realmente uma cidade fora do comércio as lojas eram muito esparramadas assim que nem aqui nessa quadra era pouquíssimas lojas era nos o seu Rammes essas lojas de calçados não tinha nem uma delas ainda mais era concentrado na Guairá na época né.	
<b>Soad Darwich Safadini</b>	Bastante, lá na Sultano Marino (Saldanha Marinho), também.	Tem que trabalhar com o comércio.
<b>Lilian Safadi</b>	-	Meu pai trabalhava com representação naquela época representação de vendas. É vestuário mesmo.

<b>Nome do entrevistado:</b>	<b>Rede de parentes e amigos</b>	<b>Acesso a propriedades</b>
<b>Hamidi Omar</b>	Quando meu pai veio para o Brasil, meu tio já morava aqui.	Esse aqui é fácil, por que eu viajava, sempre gostei de viajar e acabei aqui... sempre lidei com o povo, comercialmente. Nem um deles na verdade nem um chegou dá o primeiro mês de trabalho e comprou um imóvel, tudo bem que o imóvel a cinquenta anos atrás não valia nada do que vale hoje né, se comparado o que vale hoje não era nada, mesmo assim era mais fácil o acesso, você tinha supor uma quantidade em dinheiro você podia pagar ali na palavra só né mais também não era tão fácil assim chega né, mais num prazo médio ai de quem

		<p>veio no começo em média de cinco anos eles conseguiam já ter já se estabilizar conseguir já sustentar a família tudo né mais é mais ou menos assim muitos que vi eram com bastante dinheiro fortunas ai quebrarão também a gente vê né muitos conseguirão dobrar o patrimônio muitos que morreram os filhos acabarão jogando fora tem n situações né tem a situação que o filho veio no lugar do pai preservou e hoje tem muito mais e fez render aquilo e usou seu conhecimento para melhorar, você encontra gente que também não vai ter nada porque o filho resolveu filho a gente fala em forma geral os filhos né resolveram ir para o outro lado e não valorizaram aquele pequeno comercio ali do pai, jogaram fora então você vai encontrar muita gente de todo o tipo né</p>
<p><b>Hanna Khouri</b></p>	<p>Não eu vim aqui pra cidade com um primo meu que morava em São Paulo, eu comecei a viajar em Minas Gerais, São Paulo, o estado de São Paulo inteiro, fui pra Santa Catarina, parei em Curitiba pra ir pra Santa Catarina, tinha uma tia minha irmã de meu pai que morava em Lages, Santa Catarina, então nos fomos até lá. Fui pra depois vir para o Paraná. Então quando eu vim pra cá e meu primo veio junto para Guarapuava, nos viemos aqui, meu primo aqui me</p>	<p>Aqui de graça, meu deus, aqui era de graça, muito barato, então, por exemplo, o senhor vem aqui pela Guaíra, do lado direito, onde tem aquele comércio de 1 a 10, lá é propriedade de um patrício, do lado esquerdo tem aquelas lanchonetes, tem uma lanchonete, também é propriedade de patrício.</p>

	apresentou e eu acabei ficando e ele voltou pra São Paulo, só viajava e voltava pra São Paulo.	
<b>Itad Kasma</b>	É a gente trabalhava junto no comércio assim eu e ele porque morava em Cascavel com meu irmão ali né, dai quando nós saímos, eu sai antes que meu irmão de Cascavel dai eu cheguei aqui ele já tava aqui dai moramos aqui junto com o meu primo dai veio meu irmão e minha cunhada aqui para Guarapuava.	Pra dizer a verdade, tem ter dinheiro, daí não tem impedimentos.
<b>Jamil Darwich</b>	Meus filhos estão todos aqui, eu tenho essa filha que tava aqui agora, era dentista, tem meu filho que faz medicina no Rio de Janeiro, tem uma filha casada que mora na África.	Não, a gente não tem, nunca teve impedimento, se a gente quisesse comprar a terra, a gente tratava como cidadão brasileiro mesmo, mas nós que usamos minha esposa brasileira, os filhos são todos brasileiros, assim a gente tem direito de comprar, de vender terra fazer o que quiser.
<b>Rames Nicolas Hosni</b>	Embarquei pelo navio, ai meu tio, tem vestibular, filho dele tem que fazer vestibular sabe? No São Paulo, e ele falou pra mim, pelo amor de deus, meu filho quer fazer vestibular e ele não sabe nada de francês, não sabe num sei o que, por favor fica lá pelo menos quinze dias, ensina ele.	Eu loquei uma casinha e depois comprei uma propriedade, aqui do lado, trabalhei até agora, trabalho duro.

<b>Rita reda</b>	Sim é um tio do meu marido de segundo terceiro grau acho, não tinha tantos por ser uma cidade próxima e como Ponta Grossa tinha muita era uma área grande todos do comércio era uma rua principal que tinha lá era muito comercio e as coisas não estavam indo bem para nos meu marido se aventurou para cá.	Na época a maioria era locado hoje a maioria era proprietária, eu não sou proprietária aqui ainda, mais a maioria na época era locada as lojas sabe hoje quase todos os que compraram imóveis aqui a gente tem um imóvel pequeno aqui mais é.
<b>Soad Darwich Safadini</b>	É, meu pai, meu pai, minha mãe tava aqui no Brasil, eu tem cinco irmão né nascido aqui no Brasil.	-
<b>Lilian Safadi</b>	-	Não temos propriedades, aqui é alugado

<b>Nome do entrevistado:</b>	<b>Criação de grupos para preservar a cultura</b>	<b>Falta de instituições para preservar costumes</b>
<b>Hamidi Omar</b>	Infelizmente aqui eu acho que a comunidade é muito desunida, eu acho meu ver a gente sente isso sabe, existe uma desunião muito assim, agora eu não sei se essa desunião não é uma questão pessoal que um não gosta do outro, que é não é isto não vem de uma questão pessoa vem de uma questão de organização mesmo sabe, e uma falta de organização que acaba desunido sabe cada um cada um vivendo a sua vida.	Aqui no Brasil acaba sendo, né, mas no Líbano acredito que seja diferente, porque lá vai pra escola né, ai tem aula de religião, ensina o alcorão, tem aula pra tudo, lá tem escola pra isso né, então acaba sendo diferente lá né. Aqui a gente acaba ficando por conta da família né, mas você pode ter certeza que bons valores são passados, assim desde que a gente nasce a gente tem os bons valores né, tem bons princípios dentro de casa, não foge muito assim, não é o fato de a gente não frequentar a mesquita que a gente sai assim de

		qualquer jeito, desde o começo existe toda essa preocupação ai, hoje tem essa preocupação com os meus filhos, como meu pai teve comigo, com meus irmãos
<b>Hanna Khouri</b>	Não, eu não freqüentava e depois eu comecei no Guarapuava aqui eu era sócio, por causa do meu filho, era pouca a gente freqüentou pouco.	O costume é assim, que a gente mantém a cozinha, educação, isto aqui a gente matem, só que eu não ensinei meus filhos a falar o árabe, porque eu, eles me cobram, o senhor sabe, eles me cobram, porque eu falei pro senhor que a minha esposa ela é neta do lado paterno, porque eu não sei, eu viajava, saia, falava em português em casa e não ensinei eles.
<b>Itad Kasma</b>	Não só na mesquita mesmo na sexta-feira.	Só é assim que a gente se encontra de vez enquanto né a gente vai na casa de um ou outro.
<b>Jamil Darwich</b>	Tem a sociedade muçulmana, mas é pouca gente.	-
<b>Rames Nicolas Hosni</b>	Não funciona porque cada um tem que puxar pro outro, esse negócio não serve, porque tem dois religião, a árabe, muçulmana e cristã, então não, não, não.	Muito pouco, eles tentaram fazer um clube árabe, agora esses tempos, lá no Guaíra (Clube), para se reunir, mas um vai outro não vai e não deu certo.
<b>Rita Reda</b>	Tem a mesquita não tem muita coisa características dos árabes mais alguma coisa tem.	Não, era um projeto que a gente tinha e acabou ficando no papel e não ouve não tem não infelizmente
<b>Soad Darwich Safadini</b>	Meu marido sempre vai lá na mesquita.	Povo, preguiçoso filho, povo queria denero mais denero, meu marido era xe, mas mês de dezembro ele larga

		eu, vai lá na mesquita, sexta feira ninguém segura ele.
<b>Lilian Safadi</b>	É tranquilo , na verdade na verdade a gente acaba , como e 'que vou te dizer a gente acaba num tendo muito contato com os libaneses nem nada devido a correria mesmo do dia a dia então cada um tem sua loja sua ocupação então ninguém tem assim muito tempo de estar se visitando.	<p>Não, não tem já assim de uns anos para cá já é assim mesmo é mais cada um na sua mesmo assim claro que não que a gente se afastou da comunidade nem nada mais é que a comunidade acabou é cada um já por causa dessa correria cada um já seguiu seu rumo sabe num teve mais assim aquela coisa de antigamente que se reunião que né tinham mais contato, ta mais cada um assim vivendo na sua mesmo.</p> <p>Na minha família na verdade já foi quebrada as regras é porque na verdade meu pai primeiro queria que a gente namore com árabes namora assim para casar né então namora para casar mais dai bem no fim minha irmã mais velha casou com árabe depois a outra acabou gostando de um rapaz brasileiro , meu pai não queria muito aceitar mais acabou aceitando , dai depois é aquilo que eu te falei não adianta a gente acaba convivendo com o pessoal daqui mesmo i acaba , acaba aquelas coisas até os rapaz árabes acabam</p>

		namorando moças brasileiras i não adianta se mistura tudo não tem não existe mais isso pelo menos na minha família não existe mais .
--	--	--

<b>Nome do entrevistado:</b>	<b>Participação na Mesquita de Guarapuava</b>	<b>Preconceitos</b>
<b>Hamidi Omar</b>	Olha, uma hora da tarde, o meu marido sempre vai, toda a sexta feira ele procura ir, mas agora como ele não esta aí	Eu na verdade nunca sofri, não, não sei se porque onde a gente morou existia já um costume já daquela comunidade, já estava inserida ali de alguma forma, eu não vi isso, graças a deus, pelo contrário, muito pelo contrário, o fato assim às vezes gera curiosidade, as pessoas que estão a sua volta querem saber como que é né, se você sabe fazer tal coisa, se você sabe, e sempre gera curiosidade e sempre né assim, questão de preconceito não, graças a deus, assim Guarapuava nesse ponto tá de parabéns mesmo, pelo menos eu nunca visualizei né, pelo contrário, a gente sempre vê um interesse das pessoas em saber, um interesse das pessoas, vontade de conhecer melhor sempre toda a comunidade
<b>Hanna Khouri</b>	Ela é fundamental, o senhor me entende. Eu, tem aqui, os que são muçulmanos e os que são cristãos ortodoxos, eu, como eu disse pro senhor, eu não entro em igreja, mas eu não levanto da cama sem fazer minha	Aqui é um país bom, meu amigo, de fato um país bom, eu não sei, eu viajei pouco, não muito, mais de Minas Gerais ate o Rio Grande viajei um pouco, nunca me senti discriminado

	<p>oração, não levanto sem fazer minha oração, sigo a minha consciência, que não sou muito amarrado nisso aqui, agora aqui tem vários patrícios que são muçulmanos, que seguem, outros nem tanto, mas mesmo assim a pessoa pode não freqüentar, mas podem assim ir.</p>	
<b>Itad Kasma</b>	<p>É mesquita né a gente vai para reza mesmo né, a gente reza né a gente conversa ali um pouquinho né cada um vai na casa.</p>	<p>Eles veem o libanês como comerciantes que todo mundo admira mesmo que eu ví mesmo o povo admira um povo muito bom mesmo um povo humilde um povo que trata o estrangeiro mesma coisa que o estrangeiro sentir como se esta na casa dele a gente é bem tratado aqui não dá para se queixar de ninguém se eu sou de comercio sou de língua é como vou te dizer a língua que eles tratam a gente é muito boa</p>
<b>Jamil Darwich</b>	<p>Infelizmente nunca tivemos, vinha um, outro visitava nós, ficava um mês dois ia embora, vinha outro e tal, e nunca tivemos porque quando a comunidade pequena não compensa, não compensa desempatar uma pessoa que pode... é pode dar atenção pra centenas, pra milhares que nem Curitiba,</p>	<p>Eu, os libaneses são muito amigos dos guarapuavanos, nós tem uma amizade bem grande e tem realmente, bastante, relacionamento muito bom, tem libaneses bastante casados com os guarapuavanos, entendeu, é tanto homem, mulher com mulher homem, tem bastante relacionamento e</p>

	Foz do Iguaçu São Paulo, ai não vem por causa de duas três pessoas, que estão hoje, quatro cinco famílias, dez famílias mais, entendeu, maioria deles são mais brasileiros que libaneses na verdade, entendeu, então não tem os Libaneses tradicionais, não tem mais.	laços já, matrimoniais, de parentescos, tudo, a relação é muito boa.
<b>Rames Nicolas Hosni</b>	Mas nós não vamos, e por nós somos católicos. E eles são. E não funcionou também, porque tem pouca gente.	Não tinha forte (muita) gente, dois ou três, respeitavam (os libaneses), gente boa, como eles (os Brasileiros) gostam de, de gente estranha, de ver, é Guarapuava é melhor cidade pra, pra unir a gente.
<b>Rita Reda</b>	Raríssimas vezes só na sexta feira que as pessoas vão lá fazem a oração do meio dia e vem embora.	Não quando mais jovem lembra quando chamavam de turca então na época assim a gente não gostava muito né hoje na nem ligo porque acho que é um pouco de ignorância porque na época as vezes não teria acesso a tantas informações como tem hoje e hoje não né se a pessoa que chama de turco 'e um pouco de ignorância porque deve saber separar a Turquia do Líbano dos países árabes né distinguir ali mais não , não hoje não.
<b>Soad Darwich Safadini</b>	Sexta feira. Sexta feira uma hora ele tá lá. Sempre, sempre, sempre. Só ele (risos).	-
<b>Lilian Safadi</b>	Não, não eu sou mulçumana mais para falar a verdade para você eu nem pratico	Sofreu um pouco, sofreu um pouco de preconceito sim, tinha gente que chamava de

	quase a religião e também não tenho preconceito nem um com nem uma religião gosto varias religião assim é de deus que fala a palavra de deus eu respeito e gosto muito não tenho esse preconceito, nem meu pai também a gente respeita muito a religião né.	turco tinha sim naquela época tinha preconceito sim, tinha. A tinha gente que chamava assim, maldosamente tinha gente que chamava sim brincadeira né.
--	---	--

<b>Nome do entrevistado:</b>	<b>Visitas ao Líbano</b>	<b>Os contatos hoje</b>
<b>Hamidi Omar</b>	Já, já fui lá sim, fui lá em 2008. Uma vez só.	E Por telefone, hoje a gente faz contato com os familiares por telefone, <i>Skipe</i> , mas na época de meu pais era carta, fita, gravava fita e mandava.
<b>Hanna Khouri</b>	Eu desde que vim não voltei pro Líbano, eu o senhor sabe que na minha vida eu me desastrei, não deu pra ir, porque o senhor sabe que eu não minto.	Não, eu tenho os meus irmãos pra lá, inclusive eu pessoalmente tenho o meu irmão, ele tem uma filha casada que mora na França, até o mês de Julho eu falei com ele, de vez em quando o telefone, é mais por telefone.
<b>Itad Kasma</b>	Na verdade depois que eu cheguei do libano em 93 até agora fui o ano passado só fiquei quase 19 anos não fui para lá.	Na verdade nosso contato como falei para você por telefone por internet né essas internet facilitou bastante é a gente quase conversa todos os dias no skaip.
<b>Jamil Darwich</b>	Quando vou ligar pra minha família, pros meus irmãos, ligo, e uma vez por ano, cada dois anos, cada três anos, quando a situação permite a gente vai lá visita eles, fica um mês, dois meses, e volta.	Por internet, as vezes, eu por exemplo não uso a internet mas meus filhos usam, falam com os primos deles, falam com os tios deles, com os vos deles, pela internet.

<b>Rames Nicolas Hosni</b>	Olha eu fui três, quatro vezes, cinco vezes.	É telefone e carta.
<b>Rita Reda</b>	Pouquíssimo, infelizmente pouquinho.	Carta não nunca faz , é internet ,telefone
<b>Soad Darwich Safadini</b>	É, agora dia vinte do mês de dez ele (seu marido) vai viajar lá na Líbano, vai lá na Meca. Ele vai agora essa, quem te vai visitar o tumulo de santo Mohamed.	Fala por telefone.
<b>Lilian Safadi</b>	-	Internet, telefone.

<b>Nome do entrevistado:</b>	<b>A volta ao Líbano</b>	<b>Perspectivas de ficar na cidade.</b>
<b>Hamidi Omar</b>	Porque assim, como eu disse as pessoas vem de lá pra cá pra trabalhar, não é com o intuito de ficar, e daí lá sempre os que vêm de lá, com esta perspectiva, de ganhar, de trabalhar honestamente, ganhar um dinheiro, construir uma casa lá e voltar, hoje o retorno pro Líbano assim é minoria, a maioria não volta, sabe assim você vai reparar que, nuns vinte anos pra cá foi diminuindo muito assim essa idéia de que eu tenho que fazer uma coisa aqui, depois voltar pra lá, não tem tão assim viva esta idéia, mas já houve um tempo em que as pessoas pensavam assim, vou trabalhar, faço meu pé de meia e volto lá pra minha terra né.	A principio nós não temos idéia de mudar, a principio a gente tem idéia de ficar aqui né, a gente não sabe, talvez um dia a gente queira construir uma coisa lá e ficar lá, mas a principio a idéia é ficar aqui mesmo, criar os filhos aqui
<b>Hanna Khouri</b>	Não, não vontade não, eu quero morre aqui, peço a deus que se um dia eu for, peço a deus que me traga	Pretendo, não saio daqui. Meu filho queria me levar pra Curitiba, eu falei, de Guarapuava eu morei até

	de volta. Morrer aqui, perto dos meus filhos, eu adoro os meus filhos senhor.	aqui, daqui não saio mais. Eu não fui bem comercialmente, mas não é culpa de Guarapuava, eu tive muitos imprevistos aqui. Eu tenho uma boa amizade aqui não pretendo sair daqui.
<b>Itad Kasma</b>	Pretendo criar raiz aqui.	É nos gostamos daqui tem um ponto bom em Guarapuava quem moro em cascavel foz não deu aquele retorno bom aqui em Guarapuava é bom tem uma comércio muito bom, bom a gente busca mais né quando vende as coisas nunca mais sai daqui que vai dar mais emprego vai dar mais coisas então aqui é muito bom.
<b>Jamil Darwich</b>	Na verdade essa setenta famílias não voltaram pro lugar de origem, eles esparramaram aqui no Brasil, eles estão uma parte em São Paulo, uma parte em Foz do Iguaçu, parte no Paraguai, é poucos que voltaram, porque raramente o libanês vai pra um lugar e fica nela pra sempre, nós temos libaneses aqui que tem propriedades em Guarapuava, que tão alugadas, e eles vem uma vez por ano, tá no nome das imobiliárias, eles vem uma vez por ano	Sempre vai estar crescendo aqui, porque nós somos em sete, oito casas aqui, então, daí estamos em sete, oito casas aqui, e a tendência é só crescer.
<b>Rames Nicolas Hosni</b>	Não é muito que volta assim, porque cada um	Sim, claro, tem tudo, patrimônio, tudo.

	tem família aqui, têm filhos, casa residencial e outro, mas é pouca gente que volta, quem acostuma no Brasil é difícil de voltar.	
<b>Rita reda</b>	Poucas. Poucas e se tornou um pouco difícil a adaptação, tem os que fazem questão de ir tipo os mais velhos mais os mais jovem se torna um pouco difícil porque são costumes muito diferente.	O meu sonho sim eu que tenho filhos já adultos consigam tudo oque querem aqui na cidade e fiquem na nossa volta não sei se a gente teve assim pai longe tio longe avô avó nunca tivemos muito contato então eu quero tenho 2 netas hoje questão em minha volta então é uma coisa que me realiza então meu sonho é que todos cresçam e formem família aqui na cidade de preferencia
<b>Soad Darwich Safadini</b>	-	Pretendo ficar em Gurapuava, tenho filhas aqui e tudo mais.
<b>Lilian Safadi</b>	Eu pretendo voltar para Curitiba de volta, eu morei muitos anos em Curitiba não me acostumo muito aqui, sei eu prefiro lá.	A cidade mesmo, sabe a questão de cidade por lá ser uma cidade maior ter mais opção eu prefiro lá gosto mais de lá. Eu acho que tenho eu acredito que tem, é ao sei né a gente não pode dizer tem que esperar se formar para ver, derrepente aparece uma oportunidade boa aqui e eu fique aqui , vou onde tiver uma oportunidade boa para exercer o que eu to fazendo vamos ver o que vai acontecer a gente faz um plano mais não sei se var dar certo né.

--	--	--